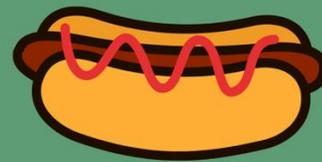
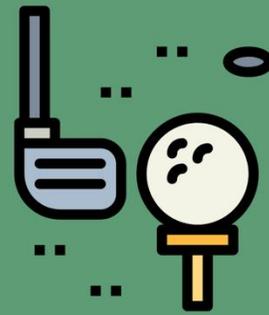


Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pela Professora Gladys Plens de Quevedo Pereira de Camargo, em 29 de junho de 2020, para disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

#### REFERÊNCIA

QUEVEDO-CAMARGO, Gladys (org.). **Projeto English Nuggets**: etimologia de palavras e expressões em língua inglesa. Brasília: Universidade de Brasília, 2020. Ebook (98 p.). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38410>.



# PROJETO ENGLISH NUGGETS

etimologia de palavras e expressões em língua inglesa

**GLADYS QUEVEDO-CAMARGO (ORG.)**

P964

Projeto English Nuggets : etimologia de palavras e expressões em língua inglesa [recurso eletrônico] / Gladys Quevedo-Camargo (org.). – Brasília : Universidade de Brasília, 2020.  
101 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38410>>.

ISBN 978-65-86503-05-0 (e-book).

1. Língua inglesa - Palavras e expressões. 2. Língua inglesa - Etimologia. I. Quevedo-Camargo, Gladys (org.).

CDU 802.0-07

**Gladys Quevedo-Camargo**

**(Org.)**

**PROJETO ENGLISH NUGGETS**

**Etimologia de palavras e expressões em língua inglesa**

**1ª edição**

**Brasília/DF**

**2020**

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>1</b>
Gladys Quevedo-Camargo	
<b>Capítulo 1 .....</b>	<b>5</b>
Poster .....	5
ETIMOLOGIA DE LENDAS URBANAS LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA INGLESA .....	6
Giovana Zanchetta Machado e Gladys Quevedo-Camargo	
<b>Capítulo 2 .....</b>	<b>24</b>
Poster .....	24
LINGUAGEM SEXISTA: ETIMOLOGIA DE PALAVRAS DISCRIMINATÓRIAS NA LÍNGUA INGLESA.....	25
Keis Ferreira de Freitas e Gladys Quevedo-Camargo	
<b>Capítulo 3 .....</b>	<b>44</b>
Poster .....	44
ETIMOLOGIA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LÍNGUA INGLESA ..	45
Luís Filipe Soares Escobar e Gladys Quevedo-Camargo	
<b>Capítulo 4 .....</b>	<b>57</b>
Poster .....	57
ETIMOLOGIA DE TERMOS GRAMATICAIIS DA LÍNGUA INGLESA .....	58
Mariana Mezini e Gladys Quevedo-Camargo	
<b>Capítulo 5 .....</b>	<b>69</b>
Poster .....	69
ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS.....	70
Rafaela Cristina da Silva e Gladys Quevedo-Camargo	
<b>Capítulo 6 .....</b>	<b>85</b>
Poster .....	85
ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS .....	86
Victor José Vieira e Gladys Quevedo-Camargo	

# APRESENTAÇÃO

Gladys Quevedo-Camargo

Começo esta apresentação explicando ao leitor porque este projeto se chama English Nuggets. Provavelmente, a primeira imagem que virá à cabeça será aqueles empanados, fritos ou assados, que encontramos em redes de fast food ou nos supermercados. Mas o conceito por trás do termo Nuggets vai muito além desses empanados! Essa palavra já existia bem antes de existirem redes de fast food e comida industrializada! Há registros do aparecimento do substantivo Nugget que datam de 1852. Essa palavra era usada para se referir a pedaços, porções ou pedras de ouro. Não se sabe ao certo qual foi sua origem, mas há duas teorias. A primeira é que seria uma extensão da palavra *nug*, utilizada em um antigo dialeto falado no sudoeste da Inglaterra, que também significava pedaço, parte ou porção. A outra teoria diz que seria a transformação de *an ingot*, que significa um lingote, palavra geralmente usada quando falamos de barras de ouro.

A ideia de pedaço ou pequena porção que a palavra Nugget traz também aparece na língua inglesa em outros contextos. Podemos falar *a nugget of information, a nugget of wisdom, a nugget of truth, gossip nuggets...* sempre com a ideia de algo valioso, recuperando, de certa forma, a conexão original da palavra com o metal ouro<sup>1</sup>. É por isso que este projeto foi intitulado *English Nuggets!* Pequenas porções de conhecimento valioso sobre a língua inglesa!

A proposta do projeto tem em seu cerne a preocupação com a ampliação do conhecimento lexical (ou vocabulário) em uma língua estrangeira, que consideramos crucial para o desenvolvimento das competências comunicativas do aprendiz. O conhecimento da origem das palavras e expressões de uma língua é importante para despertar nos aprendizes de línguas, e particularmente nos futuros profissionais de Letras/Inglês, a consciência da constituição sócio-histórica, cultural e ideológica da Língua Inglesa e dos diferentes povos que a utilizam. Isso é particularmente relevante no caso da Língua Inglesa devido ao seu caráter de língua franca mundial e ao seu papel na globalização.

---

<sup>1</sup> Essas informações estão no primeiro episódio, disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=nMMjQDKVK68&t=1s>

A sócio-história humana é o elemento primordial para a compreensão do desenvolvimento e do funcionamento das condutas humanas, incluindo a linguagem. A importância da linguagem para o desenvolvimento humano é ressaltada por dois grandes pensadores russos do século XX: Bakhtin, para quem a linguagem é o instrumento fundador e organizador dos processos psicológicos (percepção, cognição, sentimentos, emoções) (BAKHTIN, 1997), e Vygotsky, que defende que a linguagem não é a expressão do pensamento humano, mas sim sua realização (VYGOTSKY, 1987).

O léxico das línguas ilustra bem essa visão de linguagem e desenvolvimento humano, pois se constitui de palavras e expressões carregadas de traços sociais, culturais, históricos e ideológicos provenientes de diferentes povos. Tais traços só se revelam por meio do estudo da origem dessas palavras ou expressões, o que ocorre no âmbito da Etimologia, área da Gramática que se ocupa em investigar a história do léxico de uma língua (DURKIN, 2009). Segundo Boers *et al.* (2004), possibilitar ao aluno compreender a origem de determinadas palavras e expressões favorece a aquisição do vocabulário ao torná-la motivada e significativa.

A partir dessa perspectiva, elaboramos o *English Nuggets*, este projeto de Iniciação Científica (Editais ProIC/DPG/UnB 2017/2018 e 2018/2019) que, no total, contou com a participação de sete discentes do curso de Tradução-Inglês da UnB: um aluno na primeira edição, e cinco alunas e um aluno na segunda, cujos textos podem ser lidos nesta publicação.

O objetivo das duas edições foi o mesmo: desenvolver a pesquisa etimológica de palavras e expressões idiomáticas da língua inglesa e disponibilizar tal conhecimento para a comunidade acadêmica e externa por meio de uma linguagem acessível e compreensível tanto por pessoas ligadas à área de ensino-aprendizagem de línguas (professores ou estudantes de inglês em geral), quanto para o público leigo. O caminho metodológico percorrido por esses alunos envolveu a definição do foco da pesquisa de cada um, a seleção de referências bibliográficas e fontes de pesquisa fidedignas na Internet, a seleção de palavras e expressões e a pesquisa etimológica propriamente dita de cada uma delas. Ao desenvolverem suas pesquisas, além de garimpar um grande volume de informações sobre os termos e expressões escolhidas, os alunos refletiram sobre a possibilidade – ou não – de correspondências (léxico-gramaticais, sócio-históricas, culturais e ideológicas) entre a Língua Inglesa e a Língua Portuguesa, na medida em que trabalharam também com a tradução das palavras e expressões pesquisadas.

A primeira edição do projeto (2017-2018) teve uma particularidade: a partir das informações obtidas na investigação, elaboramos minirroteiros para vídeos, que foram gravados e editados por nós, e divulgados no Youtube, por meio do canal educativo chamado BláBlálogia<sup>2</sup>. Essa foi uma iniciativa de intervenção social por meio de divulgação científica online, buscando contribuir para a aproximação entre a academia e o público leigo por meio do acesso aos conhecimentos gerados no âmbito universitário através da internet, considerada atualmente como o meio mais eficiente de divulgação de conhecimentos.

O *English Nuggets* tem 14 episódios online, e teve um bom número de visualizações por episódio, como mostra a tabela a seguir.

	TÍTULO	Link	Visualizações (atualizado 11/06/2020)
1	Um nugget é só um nugget?	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=nMMjQDKVK68&amp;t=1s">https://www.youtube.com/watch?v=nMMjQDKVK68&amp;t=1s</a>	14.274
2	O que Blue tem a ver com isso?	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=TtngEYH551Q&amp;t=12s">https://www.youtube.com/watch?v=TtngEYH551Q&amp;t=12s</a>	7.427
3	You´re fired!	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=fs1SNxaRzI8&amp;t=17s">https://www.youtube.com/watch?v=fs1SNxaRzI8&amp;t=17s</a>	6.477
4	More fire	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Kh-ZoL8H3Oo">https://www.youtube.com/watch?v=Kh-ZoL8H3Oo</a>	3.704
5	BBQ & Potato	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=dCPVZfM7aGM">https://www.youtube.com/watch?v=dCPVZfM7aGM</a>	3.958
6	O poderoso Get	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=8AAz1O66jVc&amp;t=22s">https://www.youtube.com/watch?v=8AAz1O66jVc&amp;t=22s</a>	5.012
7	Ditto & Cia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4Fb0FPwtW3Q&amp;t=13s">https://www.youtube.com/watch?v=4Fb0FPwtW3Q&amp;t=13s</a>	2.582
8	Toast	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=TdQ2J3LJ4x8&amp;t=9s">https://www.youtube.com/watch?v=TdQ2J3LJ4x8&amp;t=9s</a>	3.164
9	Charm	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gz1spQJRaQE">https://www.youtube.com/watch?v=gz1spQJRaQE</a>	2.830
10	Safe & Sound	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gmbIw3aZuXU&amp;t=14s">https://www.youtube.com/watch?v=gmbIw3aZuXU&amp;t=14s</a>	3.843
11	Handsome	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZFRE3RSUFew">https://www.youtube.com/watch?v=ZFRE3RSUFew</a>	3.599
12	Bugs	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=929o4YT893k">https://www.youtube.com/watch?v=929o4YT893k</a>	2.765
13	Nut	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=dXagADvBeCg">https://www.youtube.com/watch?v=dXagADvBeCg</a>	3.192
14	Merry	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4MaM6d8rcIE">https://www.youtube.com/watch?v=4MaM6d8rcIE</a>	2.842

Desses 14 episódios, somente o último – *Merry* – foi produzido na segunda edição do projeto (2018-2019). Infelizmente, devido a dificuldades técnicas, não foi possível continuar com as gravações e edições.

Assim, é com muito orgulho que apresento, nesta singela publicação<sup>3</sup>, os relatórios finais na forma de artigos elaborados pelos sete orientandos de Iniciação

<sup>2</sup> Site geral: <[https://www.youtube.com/channel/UC3Ooj\\_iDWELBumIEDejyNHQ](https://www.youtube.com/channel/UC3Ooj_iDWELBumIEDejyNHQ)>

<sup>3</sup> Agradeço ao professor doutor Fidel Armando Cañas Chávez, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da UnB pela elaboração da capa desta publicação.

Científica que trabalharam comigo nesses dois anos. Organizei os textos em ordem alfabética do prenome de cada um. Assim, o primeiro capítulo é o da Giovana Zanchetta Machado, que pesquisou a origem de nove lendas urbanas linguísticas da língua inglesa; o segundo é de Keis Ferreira de Freitas, que pesquisou a etimologia de palavras discriminatórias e sexistas, como *Man* e *Mistress*; o terceiro é de Luis Filipe Soares Escobar, que se dedicou a pesquisar oito expressões idiomáticas da língua inglesa relativas à natureza e/ou a fenômenos da natureza, a partes do corpo humano e a objetos em geral; o quarto capítulo é a pesquisa de Mariana Mezini, que investigou a etimologia de 16 termos gramaticais da língua inglesa, entre eles o verbo *to be* e alguns verbos modais; o quinto capítulo é de Rafaela Cristina da Silva, que estudou a origem e a evolução de vocábulos ingleses cunhados por literatos celebrados, como Shakespeare (o nome Jéssica, por exemplo) e Dr. Seuss (o termo *nerd*, por exemplo); por fim, no sexto e último capítulo, Victor José Vieira apresenta seu estudo sobre algumas palavras que revelam influências históricas e culturais com base em dez diferentes áreas e marcos: a conquista viking; a invasão anglo-saxã de 1066; a Guerra dos Cem Anos; o período elisabetano; as contribuições de William Shakespeare; o Iluminismo; a Primeira Revolução Industrial; o Inglês Americano; a Primeira Guerra Mundial; e a Internet.

Desejo uma ótima e produtiva leitura a todos e todas!

Gladys

Brasília, 12 de junho de 2020.

## Referências

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOERS, F.; DEMECHELEER, M.; EYCKMANS, J. Etymological elaboration as a strategy for learning idioms. In: BOGAARDS, P.; LAUFER, B. (Eds.) **Vocabulary in a second language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004, p. 53-78.

DURKIN, P. **The Oxford guide to Etymology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

# Capítulo 1

 **25º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**  
da Universidade de Brasília

**16º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**  
do Distrito Federal

## ETIMOLOGIA DAS LENDAS URBANAS LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA INGLESA

Giovana Zanchetta Machado; Gladys Quevedo-Camargo  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução — LET

### INTRODUÇÃO

Lendas urbanas fazem parte da cultura de todos os países. Lendas urbanas linguísticas, mesmo que não sejam tão conhecidas por esse nome, também são partes integrantes das culturas. Enquanto lendas urbanas falam sobre pessoas e lugares, as lendas urbanas linguísticas se constituem de palavras e suas supostas origens e formações. Elas aparecem misteriosamente e se espalham em formas variadas e propagam histórias e “fatos” sobre a linguagem e as palavras (WILTON, 2004).

### METODOLOGIA

De natureza qualitativa e bibliográfica (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), esta pesquisa, feita a partir de livros, artigos, sites e blogs, teve como objetivo pesquisar a origem das lendas urbanas linguísticas de palavras inglesas.

### RESULTADOS

Oito palavras tiveram suas origens e/ou formações etimológicas analisadas, seus mitos revelados e sua verdadeira origem/formação contada. Foram elas:

América	Hot Dog
Canguru	Nylon
Golfe	Piquenique
Gringo	SOS

Hot dog é uma comida muito conhecida e consumida. Mas por que se chama assim? Uma das lendas mais conhecidas sobre a origem do nome é relacionada com o cachorro dachshund, o famoso “salsicha”. Ela conta que um conhecido cartunista esportivo, Tag Dorgan, observou, em um jogo de beisebol em 1901, vendedores ambulantes gritando para que comprassem as salsichas dachshund e inspirado, ele criou um cartoon de salsichas dachshund latindo, aninhadas em rolos de massa e sem saber escrever dachshund, ele apenas escreveu *hot dog*.

Mas infelizmente pesquisas comprovaram que haviam registros do termo sendo usado antes disso na Universidade de Yale.



Todos conhecem o famoso chamado de socorro SOS. E a maioria das pessoas acredita que esse chamado é uma sigla, uma abreviação, onde cada um dá seu próprio significado. Mas a verdade é que SOS não é uma sigla e portanto não possui significado algum.

SOS foi escolhido para ser o chamado de socorro apenas por ser facilmente reconhecido em uma transmissão através do código Morse, o código usado na época em que ele foi criado. Simples e ritmado, era facilmente reconhecido.

### CONCLUSÃO

A língua é viva e muda constantemente. Essa mudança constante faz com que a origem das palavras se torne cada vez mais distante do conhecimento geral. Esse distanciamento cria lacunas, que são preenchidas com histórias fictícias, fantásticas, misturadas a outras histórias ou distorcidas, e isso cria as lendas urbanas linguísticas, como mostram as palavras apresentadas neste trabalho.

### BIBLIOGRAFIA

CRESWELL, J. *Research design: qualitative, quantitative and mixed method approaches*, Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications, Inc. 2003.  
DORNYEY, Z. *Research methods in Applied Linguistics: quantitative, qualitative and mixed methodologies*, Oxford: Oxford University Press, 2007.  
WILTON, D., *Word Myths: Debunking Linguistic Urban Legends*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.  
Titanic First Ship to Use an SOS? [2012]. Disponível em <https://www.snopes.com/?s=SOS>.  
Disponível em <https://www.hot-dog.org/culture/hot-dog-history>.  
Disponível em [https://en.oxforddictionaries.com/definition/hot\\_dog](https://en.oxforddictionaries.com/definition/hot_dog).  
Etymology of Hot Dog. [2007]. Disponível em <https://www.snopes.com/fact-check/hot-dog/>.



# ETIMOLOGIA DE LENDAS URBANAS LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA INGLESA

Giovana Zanchetta Machado<sup>4</sup> e Gladys Quevedo-Camargo<sup>5</sup>

## Introdução

Lendas urbanas são conhecidas no mundo inteiro, mesmo que muitos não as conheçam por esse nome, e é quase certo que tenham ouvido ou mesmo contado uma. Exemplos clássicos de lendas urbanas são O Homem do Saco e A Loira do Banheiro.

Existe um tipo de lenda urbana mais específica chamada de lenda urbana linguística. Enquanto as histórias das lendas urbanas falam sobre lugares, pessoas ou supostos fatos, as lendas urbanas linguísticas contam as histórias das supostas origens, formações ou significados de determinadas palavras.

Neste capítulo trataremos de algumas lendas urbanas linguísticas, contando as histórias por trás do surgimento de algumas palavras e suas reais origens. As palavras presentes têm suas lendas originadas na língua inglesa e foram escolhidas por serem muito conhecidas não apenas em inglês, mas também em português.

Este capítulo organiza-se da seguinte forma: na próxima seção, abordamos o significado de uma lenda urbana, explicando sua definição e conceito; em seguida mostramos qual a metodologia usada para encontrar as histórias e os mitos; e então trazemos as lendas em si, que estão organizadas em ordem alfabética e, em sua maioria, são contadas antes das suas reais histórias.

### 1. O que é uma lenda urbana linguística?

O Dicionário Online Priberam define lenda urbana como: “história, explicação ou fenômeno ficcional relatado e divulgado como verdadeiro, geralmente por

---

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Letras Inglês Tradução da Universidade de Brasília e bolsista de iniciação científica, com bolsa do CNPq. Edital ProIC/DPG/UnB 2018/2019.

<sup>5</sup> Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília; coordenadora do Projeto English Nuggets; Orientadora de Iniciação Científica Edital ProIC/DPG/UnB 2018/2019.

aleadamente ter uma fonte ou origem vagamente relacionada com o relator ou divulgador = MITO URBANO”<sup>6</sup>.

Já Wilton (2004, p. 3) define lenda urbana da seguinte forma:

- Aparece misteriosamente e se espalha espontaneamente em formas variadas.
- Contém elementos de humor ou horror (o horror muitas vezes ‘pune’ alguém que desrespeita as convenções da sociedade).
- Possibilita uma boa contação de histórias.
- Não precisa ser falso, embora a maioria seja. Lendas urbanas frequentemente têm uma base de fato, mas é a sua vida após o fato (particularmente em referência ao segundo e terceiro pontos) que as tornam particularmente interessante<sup>7,8</sup>.

Wilton (2004, p.2) diz que as lendas urbanas linguísticas “propagam histórias e ‘fatos’ sobre a linguagem e as palavras”<sup>9</sup>. Da mesma forma que as lendas urbanas, as lendas urbanas linguísticas surgem de maneira misteriosa e se espalham vastamente. Muitas delas são simples variações da mesma base, com essa base podendo ou não ser a história real. Muitas contam histórias interessantes, teorias divertidas, e outras contam simples fatos fúteis. Uma diferença entre a lenda urbana e a lenda urbana linguística é que a segunda não possui elementos de humor ou horror. A maioria delas, no entanto, contém um elemento central que as tornam populares.

Na próxima seção, discutiremos sobre como foi feita a pesquisa para encontrar as lendas e as histórias verdadeiras por trás das palavras escolhidas.

## 2. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa teve por objetivo pesquisar a etimologia das chamadas lendas urbanas linguísticas em língua inglesa, isto é, histórias relativas ao surgimento de palavras ou expressões que se tornaram parte do vocabulário corrente da sociedade, mas que não se sabe ao certo como surgiram.

Utilizamos como principal fonte de pesquisa o livro *Word Myths: Debunking Linguistic Urban Legends*, do autor David Wilton, publicado em 2004. Esse livro traz mais

---

<sup>6</sup> <https://dicionario.priberam.org/lenda>

<sup>7</sup> • *Appears mysteriously and spreads spontaneously in varying forms.*

• *Contains elements of humor or horror (the horror often “punishes” someone who flouts society’s conventions).*

• *Makes good storytelling.*

• *Does not have to be false, although most are. [Urban legends] often have a basis in fact, but it is their life after the fact (particularly in reference to the second and third points) that gives them particular interest.*

<sup>8</sup> Todas as traduções feitas são de nossa responsabilidade, com exceção de quando indicado o contrário.

<sup>9</sup> *propagate stories and “facts” about language and words.*

de 50 palavras/termos. Este capítulo traz nove palavras, selecionadas por serem conhecidas por muitos no Brasil.

### 3. Resultados

Nesta seção, apresentaremos as lendas das seguintes palavras: América, canguru, golfe, gringo, hot dog, jazz, nylon, piquenique e SOS.

#### 3.1. América

A maioria das pessoas sabe que o nome do novo mundo, América, foi dado em homenagem a Américo Vespúcio, mas pouco sabem o porquê. Vespúcio fez duas viagens ao novo mundo, uma em 1499 e a outra em 1501. Em 1503 e 1504 ele publicou duas cartas que tinha escrito para Lorenzo de Médici, falando em como Colombo não tinha descoberto outra rota para a Ásia e sim para um novo continente, que chamou então de *Novus Mundus*, ou Novo Mundo. As cartas fizeram muito sucesso na época, o que tornou Vespúcio muito famoso.

Em 1507, um cartógrafo chamado Martin Waldseemüller publicou um mapa que designava o Novo Mundo de América. Esse é o primeiro uso conhecido de América para se referir ao novo continente. Waldseemüller explicou o porquê dessa escolha, falando:

Eu não vejo o que nos impede de chamá-lo [o novo continente] de Amerigé ou América [...] em homenagem ao seu descobridor Américo, um homem de mente sagaz, uma vez que tanto Europa quanto Ásia têm seus nomes femininos. (WILTON, 2004, p. 124).<sup>10</sup>

O nome América se espalhou rapidamente e, em 1515, já era usado por toda a Europa para se referir ao novo continente. A velocidade com que se espalhou levantou questões sobre se realmente Waldseemüller fora o primeiro a usar o nome.

Dessa forma, a explicação de que América tenha sido nomeada em homenagem ao primeiro a perceber que aquele era um novo continente, e não parte da Ásia, não satisfaz a todos. Duas outras lendas, ambas defendidas em nome do orgulho étnico, disputam as honras, mas com pouquíssimas evidências para suportar suas teorias. A primeira das lendas fala que América é uma palavra nativo-americana. Essa teoria foi publicada pela primeira vez por Jules Marcou em março de 1875 no *The Atlantic Monthly*. Marcou estava impressionado pelo nome da *Amerrique Montains* e pelo povo *Amerrique* da Nicarágua. Ele estava certo de que o nome do continente tinha se originado naquele

---

<sup>10</sup> *I do not see what is to hinder us from calling it Amerigé or America [...] after its discoverer Americus, a man of sagacious mind, since both Europe and Asia have got their names in feminine form.*

país. Sua maior evidência era que o final *-ique* ou *-ic* era muito comum para lugares na linguagem Lenea da América Central.

O argumento de Marcou era que Colombo havia encontrado os índios Amerrique em sua quarta viagem ao novo mundo e levado o nome de volta para a Europa com ele. É um fato que Colombo viajou para a região da Nicarágua e ele provavelmente encontrou com nativos de lá, mas não existem registros de que ele tenha levado a palavra América para a Europa ou mesmo que ele tenha usado a palavra alguma vez.

Existem algumas teorias para a palavra Amerrique. A primeira é que seja apenas uma coincidência. De todas as línguas e palavras nativas, alguma provavelmente se pareceria com América. Se não fosse montanhas ou um povo, seria alguma outra coisa. Outra teoria é de que a pronúncia e a escrita da palavra poderiam ter sofrido influências da palavra América, de forma que, no século XIX, a palavra se parecia com América, mesmo que 400 anos antes ela fosse bem diferente. Uma terceira ideia é que a palavra Amerrique não seja nativa de forma alguma. Os nativos talvez se chamassem assim por viverem na América, uma vez que o nome Amerrique não foi registrado até aproximadamente 370 anos depois de Waldseemüller ter desenhado seu mapa.

O primeiro registro da palavra Amerrique é de 1874, apenas um ano antes da teoria de Marcou, quando um cientista inglês chamado Thomas Belt mapeou a região. Belt nem mesmo usou esse nome em seu mapa, utilizando um nome local, cuja origem é um mistério. Por sua parte, Belt escreveu a Marcou dizendo que acreditava que o fato de as duas palavras serem parecidas era apenas coincidência.

A segunda lenda é comum na Grã-Bretanha e apela para o orgulho anglo-saxão e galês. Essa lenda fala que a América foi nomeada em homenagem a um comerciante e oficial de Bristol do século XV, chamado Richard Ameryk, que tinha uma tênue ligação com as viagens de Giovanni Caboto (John Cabot em inglês) entre 1497 e 1498, anos em que a América do Norte foi descoberta. Não se sabe a conexão exata de Ameryk com as viagens de Caboto, mas alguns dizem que era financeira. Ameryk é conhecido por ter autorizado o pagamento da pensão de Caboto para sua família.

A hipótese de Ameryk apareceu pela primeira vez em 1908 pelo historiador de Bristol Alfred E. Hudd. A evidência principal dessa teoria, que o próprio Hudd dizia ser mera especulação, eram registros da cidade Bristol que teriam sido publicados em 1497. Aparentemente, os registros usavam o nome América para se referir à viagem de Caboto antes de Vespúcio ter feito sua primeira viagem ao novo mundo e dez anos antes do mapa de Waldseemüller.

Esse ano, no dia de São João, o Batista [24 de junho de 1497], a terra América foi achada pelo comerciante de Bristol, em um navio de Bristol chamado de

'Mathew', onde diz que o navio partiu do porto de Bristol no dia 2 de maio e voltou para casa em 6 de agosto. (WILTON, 2004, p.126)<sup>11</sup>

O problema é que isso não foi escrito em 1497. O artigo original tinha sido perdido. Essa citação é de um sumário de 1595 sobre os registros de Bristol de 1497. Isso foi escrito após o nome América já estar em uso. Além disso, não apenas os registros originais se perderam, mas os de 1595 também, destruídos em um incêndio em 1860. Tudo o que se tem são relatos modernos de um manuscrito perdido que fala de outro manuscrito perdido ainda antes.

Há consideráveis evidências de que o pescador inglês de Bristol fazia viagens regulares atravessando o Atlântico para pescar e estabelecer 'campos de pesca' nas costas da América do Norte muito antes de Colombo fazer sua famosa viagem ou Caboto ganhar créditos por descobrir a América do Norte. Mas não existe nenhuma evidência de que a palavra América, ou algo similar, tenha sido usada pelos pescadores e comerciantes de Bristol para se referir ao Novo Mundo até Waldseemüller criar seu famoso mapa. A conexão com Ameryk foi assumida simplesmente pela similaridade entre os nomes, por ele ser residente de Bristol e ter conexão com a viagem de Caboto.

A lenda de Amerik é muito similar à lenda que atribui a origem da palavra América ao nome de Américo Vespúcio, ou seja, de que o nome América se originou do nome de seu descobridor.

### 3.2. Canguru

A lenda mais famosa sobre essa palavra é a de que os primeiros homens brancos na Austrália se encontraram com aborígenes e perguntaram, obviamente em inglês, qual o nome daquele estranho animal que era tão comum na região. Os aborígenes então teriam respondido *kangaroo*, que significaria, na língua deles, 'eu não entendo', mas os homens entenderam que aquele seria o nome do animal. Essa lenda não possui nenhuma evidência que lhe dê suporte, de forma que é provavelmente falsa.

Em inglês essa palavra aparece mencionada pelo Capitão Cook, em 1770. De acordo com Wilton:

O Capitão Cook registrou como um nome aborígene para o animal: 'O animal que eu mencionei antes, chamado pelos nativos de Kangooroo ou Kanguru'.

---

<sup>11</sup> *This year, on St. John the Baptist's day [24 June 1497], the land of America was found by the merchants of Bristowe, in a ship of Bristowe called the 'Mathew,' the which said ship departed from the port Bristowe the 2nd of May and came home again the 6th August following.*

O naturalista a bordo do navio de Cook, Sir Joseph Banks, confirmou isso: ‘O maior era chamando pelos nativos de kangooroo’. (WILTON, 2004. p. 195).<sup>12</sup>

A lenda citada acima provavelmente surgiu décadas depois que outras expedições descobriram diferentes tribos aborígenes que tinham diferentes nomes para o animal e nenhuma das expedições encontrou uma que fosse similar à palavra canguru (*kangaroo* em inglês). Eles então consideraram que Cook e Banks estavam enganados. Watkin Tench, um marinheiro que acompanhou o primeiro navio de condenados à Austrália, escreveu em seu livro *Complete Account of the Settlement at Port Jackson*, em 1793, que o grande canguru era conhecido pelos nativos como *Pat-ag-a-ran* e que o nome *kangaroo* era desconhecido até os ingleses o introduzirem entre os nativos. Em 1820, enquanto visitava a mesma área que Cook havia visitado, o Capitão Phillip K. King registrou um nome diferente para canguru, escrito como *mee-nuah*.

Com todas essas evidências, todos assumiram que Cook e Banks tinham mesmo se confundido e que os nativos na verdade queriam dizer que não entendiam o que os estrangeiros falavam. Mas pesquisas de campo linguístico recentes confirmaram a existência da palavra *ganurru* na língua aborígine Guugu Yimidhirr para se referir ao animal canguru, na região que havia sido visitada por Cook, no nordeste da Austrália. Eles acreditam que a palavra encontrada por King, *mee-nuah*, venha de outra palavra, *minha*, que significa ‘animal comível’.

### 3.3. Golfe

A grande lenda linguística por trás da palavra golfe, que em inglês é *golf*, é que o termo seria, na verdade, uma sigla que significaria *Gentlemen Only Lady Forbidden*, que em tradução livre seria ‘Cavalheiros Apenas, Proibido Damas’. Um dos grandes motivos para muitos acreditarem nessa lenda, especialmente os americanos, é o famoso Clube de Golfe Nacional de Augusta (*Augusta National Golf Club*), um dos maiores clubes de golfe do mundo, fundado em Augusta, Geórgia. Até 2012 as mulheres eram proibidas de se tornarem membros.

Mas como quase todos os termos pré-século XX, esse é um falso acrônimo. A origem exata do nome do jogo, contudo, é incerta. O jogo golfe foi mencionado pela primeira vez em 1457 em um ato do Parlamento Escocês, quando o Rei James II da Escócia tentou banir o jogo porque os soldados estavam gastando muito tempo jogando em vez de se dedicarem aos seus treinamentos.

---

<sup>12</sup>Captain Cook recorded it as an Aboriginal name for the animal: “The animals which I have before mentioned, called by the Natives Kangooroo or Kanguru.” Cook’s shipboard naturalist, Sir Joseph Banks, confirms this: “The largest was called by the natives kangooroo”.

Apesar da origem do substantivo golfe ser incerta, existem algumas especulações fundamentadas. Uma dessas especulações é que ele é uma derivação da palavra holandesa *kolf*, uma palavra genérica para ‘vara’ ou ‘taco’, usada frequentemente em diversos jogos. No entanto, existem dois ‘poréns’ nessa teoria. Primeiro, a palavra *kolf* não é usada para se referir a nenhum jogo, e sim a peças de equipamentos; segundo, de acordo com Oxford English Dictionary<sup>13</sup>, a palavra golfe já era usada antes desses jogos que usavam a palavra *kolf* para algum equipamento.

Outra especulação é que a palavra tenha se originado do moderno escocês *gowf*, que significa ‘golpear’ ou ‘algemar’. Essa teoria ao menos coloca a origem da palavra no local onde o golfe foi inventado e, quanto ao significado da palavra, até pode fazer sentido pelo fato de que uma significativa parte do jogo é golpear a bola.

Há outra história para a origem da palavra, que não chega a ser uma lenda urbana por ser obviamente falsa, mas que vale a pena ser mencionada como curiosidade. Essa história vem através do livro *O Hobbit*, escrito por J. R. R. Tolkien, mais conhecido por ser o escritor da famosa trilogia *Senhor dos Anéis*. No livro é contado:

(...) tio-bisavô do Velho Tûk, Urratouro, que era tão grande (para um hobbit) que conseguia montar um cavalo. Ele atacou os pelotões dos orcs de Monte Gram, na Batalha dos Campos Verdes, e arrancou a cabeça de seu rei Golfimbul com um taco de madeira. A cabeça voou pelos ares cerca de cem jardas e caiu numa toca de coelho, e dessa maneira a batalha foi vencida e ao mesmo tempo foi inventado o jogo de golfe. (TOLKIEN, 2009, p. 17)

Tolkien é conhecido mundialmente como um grande escritor, mas ele também foi professor de linguística em Oxford e um dos maiores especialistas do mundo em Inglês Antigo. No livro ele estava apenas se divertindo um pouco com a etimologia.

### 3.4. *Gringo*

Para os brasileiros a palavra *gringo* significa estrangeiro. De acordo com o Dicionário Aurélio “*Pessoa que não nasceu no Brasil; estrangeiro*”<sup>14</sup>. Ela é muito usada no sentido pejorativo, e tudo que é estrangeiro recebe esse adjetivo; música, comida e, principalmente, pessoas. Essa palavra veio do espanhol e há registro dela com esse sentido no Dicionário de Cândido Figueiredo de 1913. No entanto, inicialmente essa palavra parecia ser usada apenas para se referir aos argentinos, como sugere esta passagem em *A Baroneza de Amor* (1876) de Joaquim Manuel de Macedo:

---

<sup>13</sup><https://en.oxforddictionaries.com/definition/golf>

<sup>14</sup><https://www.dicio.com.br/gringo/>

... o capitão. Avante tomou-se de ogerisa com os argentinos: escrevendo ao pai, dizia-lhe às vezes em suas cartas: «os gringos são peiores do que os paraguaios.»

Para o capitão Avante o gringo era o pior dos homens; mas preciso é dizel-o, nesse preconceito mesquinho elle tinha a desculpa da desforra. (MACEDO, 1876, p. 25)<sup>15</sup>

Mas de onde surgiu essa palavra e qual era seu sentido inicial?

Existem diversas lendas sobre como surgiu a palavra gringo. Uma delas é que, durante a guerra méxico-americana em 1846-48, os americanos utilizavam roupas verdes e os mexicanos gritavam para eles ‘*green go*’ (Verdes, vão), na ideia de mandá-los embora do seu país.

Outra versão conhecida é que, nessa mesma guerra, supostamente, os soldados ianques cantavam constantemente uma canção baseada em um poema de Robert Burns que era popular na época, *Green Grow the Rashes*. Os mexicanos, provavelmente cansados de ouvir essa música constantemente, começaram a chamar os americanos de ‘*green grows*’, o que com o tempo se transformou em gringo.

Essa segunda história tem alguns pontos que a tornaram uma ‘verdade’, principalmente para os americanos. De acordo com Wilton (2004), a citação mais antiga dessa palavra em inglês no Dicionário Oxford é de 1849, por John Woodhouse Audubon, filho do artista John James Audubon. E também, a música *Green Grow the Rashes* realmente estava na moda durante aqueles anos.

Mas essa lenda não é verdadeira. Apesar de a palavra gringo ter surgido no repertório inglês nos anos de 1840, ela tem um registro mais antigo pelos falantes de espanhol. No *Diccionario Castellano* de 1787, a palavra aparece sendo utilizada na cidade de Málaga, na Espanha, para se referir a qualquer um que falasse um espanhol ruim; e utilizada em Madri, na Espanha, para se referir aos Irlandeses.

A palavra gringo provavelmente vem da palavra espanhola grego, que significa grego, e provavelmente, com o sentido de ‘isso é grego para mim’, uma expressão utilizada por Shakespeare que significa que a pessoa não está entendendo nada do que o outro está falando<sup>16</sup>. No começo ela se referia apenas a línguas exóticas ou incompreensíveis, mas com o tempo ela passou também a ser usada para se referir às pessoas que falavam essas línguas.

Com isso, o que se pode deduzir é que os americanos levaram essa palavra com eles para os Estados Unidos após a guerra méxico-americana e que ela é apenas um

---

<sup>15</sup> Todos os erros ortográficos desse trecho estão no original.

<sup>16</sup> Sobre essa expressão, ver o Capítulo 5, neste volume.

empréstimo, assim como para o Brasil, com seu surgimento não tendo nada a ver com nenhuma música ou guerra.

### 3.5. *Hot Dog*

Todo mundo conhece o célebre *hot dog*, ou como também é conhecido no Brasil, cachorro quente. Mas por que ‘cachorro’? Haveria alguma relação com a raça de cachorro dachshund, o famoso ‘salsicha’?

Uma das lendas mais comuns sobre a origem da palavra *hot dog* tem relação direta com o cachorro. De acordo com essa lenda, um cartunista de esportes do *New York Times*, Tag Dorgan, em 1901, no *New York Polo Grounds* – um estádio de beisebol localizado em *Coogan's Hollow* –, observou vendedores ambulantes andando de um lado para o outro gritando “Elas estão vermelhas de quente! Pegue sua salsicha dachshund enquanto elas estão vermelhas de quentes!”<sup>17,18</sup>. Inspirado, ele desenhou salsichas dachshund latindo, aninhadas em pães, e sem ter certeza de como se escrevia dachshund (em algumas versões da lenda, Tad não sabia escrever a palavra *frankfurter*, o nome da salsicha usada no *hot dog*) preferiu escrever apenas *hot dog*.

Mas infelizmente as datas não batem. Primeiro, já havia registros do termo *hot dog*<sup>19</sup> antes de 1900. Segundo, em 1901 Tad morava em São Francisco, e se mudou para Nova Iorque apenas em 1903. Outra questão é que o citado *cartoon* nunca foi encontrado. Existem alguns *cartoons* de Tad de 1906 que mostram *hot dogs* em eventos esportivos, mas além de serem de depois da palavra já ser conhecida, esses *cartoons* são de uma corrida de bicicleta no *Madison Square Garden* e não de um jogo de beisebol no *Polo Ground*.

O primeiro registro conhecido do termo *hot dog* é, de acordo com Wilton (2004), no jornal da Universidade de Yale, *Yale Record*, de 19 de outubro de 1895, que contém a sentença: “Eles satisfatoriamente mastigaram cachorros-quentes durante todo o serviço”<sup>20</sup> (WILTON, 2004, p. 58). Ainda de acordo com Wilton, duas semanas antes, no mesmo jornal, em 5 de outubro, havia a sentença: “Mas eu gosto de morder o cachorro / Quando colocado dentro do pão de forma”<sup>21</sup> (WILTON, 2004, p.54).

O quente é fácil de entender, mas porque cachorro? Provavelmente uma piada com a raça dachshund. O cachorro, assim como a salsicha, *frankfurter*, foi levado aos Estados Unidos pelos alemães e mesmo os alemães às vezes se referiam à salsicha como *little-dog* (pequeno cachorro) ou *dachshund-sausage* (salsicha dachshund).

---

<sup>17</sup> *They're red hot! Get your dachshund sausages while they're red hot!*

<sup>18</sup> <https://www.snopes.com/fact-check/hot-dog/>

<sup>19</sup> [https://en.oxforddictionaries.com/definition/hot\\_dog](https://en.oxforddictionaries.com/definition/hot_dog).

<sup>20</sup> *They contentedly munched hot dogs during the whole service*

<sup>21</sup> *But I delight to bite the dog / When placed inside the bun*

### 3.6. Jazz

Frequentemente refere-se ao *jazz* como a única forma de estilo musical puramente americana. Mas apesar da origem do estilo musical ser obscura, é quase certo que surgiu por volta de 1900 a partir do gênero musical *ragtime* que existia na época, e que se desenvolveu no sul dos Estados Unidos.

No entanto, a origem da palavra *jazz* é ainda mais obscura. Muitas lendas e teorias surgiram ao longo dos anos para contar a origem dela. Algumas lendas surgiram de teorias legítimas que foram refutadas por estudos posteriores. Outras surgiram por culpa de dois erros tipográficos que indicaram que a palavra era mais velha do que ela realmente era.

Muitos acreditam que a palavra *jazz* tenha origem em palavras africanas, o que faria sentido, desde que *jazz* foi muito tocada pelos negros descendentes de escravos africanos. Alguns estudiosos acreditam que a palavra seja uma variação da palavra *jasi* da língua africana Mandingo, que significa ‘agir fora do personagem’, ou da palavra *yas*, da língua Temne, que significa ‘ser enérgico’. Mas essas teorias não têm suporte de evidências. Mesmo assim, são largamente difundidas.

O nome que deram a essa nova música foi *jazz*. Originalmente, a palavra era usada pelos negros para significar acelerar. A etimologia específica da palavra nunca foi identificada, mas a maioria dos estudiosos acredita que é de origem do leste da África. Por volta de 1913, a palavra passou a fazer parte da cultura americana, com os negros e brancos usando o *jazz* para significar um tipo particular de música de *ragtime* com um ritmo sincopado.<sup>22</sup> (WILTON, 2004. p.117)

Essa citação é controversa. *Jazz* originalmente significava animar ou acelerar, mas esse significado não se originou no inglês afroamericano. Nem o termo era popular em 1913. Nesse ano, o termo ainda era local e obscuro para a maioria dos músicos, e provavelmente desconhecido pela população em geral. E até alguns anos atrás, os estudiosos acreditavam na origem do leste da África, mas poucos dariam isso como certo.

Um dos maiores erros infames na etimologia popular da palavra foi cometido pelo cineasta Ken Burns em sua minissérie documentário para a PBS (uma emissora pública americana) sobre o *jazz*. Na minissérie e no livro que se seguiu, Burns afirma que, por volta de 1906, repórteres esportivos de São Francisco usavam a palavra no sentido de animação, e que as autoridades acreditavam que o termo, assim como a música, havia

---

<sup>22</sup> ‘The name they gave to this new music was jazz. Originally the word was used by Blacks to mean speed up. The specific etymology of the word has never been pinpointed, but most scholars believe that it is of West African origin. By 1913, the word had moved into the mainstream of American culture, with both Blacks and Whites using jazz to mean a particular type of ragtime music with a syncopated rhythm.

surgido em Nova Orleans, devido ao perfume de jasmim usado pelas prostitutas da cidade ou de *Jezebel*, um termo comum para prostituta no século XIX.

Como ainda veremos, o termo surgiu no contexto do beisebol em São Francisco em 1913 e não 1906. De acordo com Wilton (2004), alguns linguistas acusam a origem da palavra em Nova Orleans, mas nenhum realmente acredita que a palavra derive de jasmim ou *Jezebel*.

Outra teoria para a origem da palavra é que tenha vindo da palavra francesa *jaser*, significando acelerar, tagarelar e se divertir, vindo do francês falado em Nova Orleans, com a ‘grande’ evidência disso sendo uma única frase dita em 1831 por Lorde Palmerston, um político britânico, para se referir a Talleyrand, um bispo e político francês: “Estou escrevendo na conferência, (...), o velho Talley tagarelado (*jazzing*) e contando histórias para Lieven, Esterhazy e Wessenberg”<sup>23</sup> (WILTON, 2004, p.119), onde a palavra *jazzing* é mais provavelmente apenas um erro de escrita da palavra *jaser*.

Vários erros tornam difícil achar a verdadeira origem da palavra. Até mesmo o grande *Oxford English Dictionary* cometeu um erro ao dizer que o termo apareceu em 1909 em um disco de gramofone intitulado *Uncle Josh in Society*, quando na verdade apareceu em 1919. Dois dicionários franceses, *Le Nouveau Petit Robert* (1993) e *Grand Larousse Dictionnaire de la Langue Francais* (1975) citam um uso da palavra em 1908, mas foi um erro de tipografia, pois o certo seria 1918 (WILTON, 2004).

Com todos esses erros e folclores é difícil achar a verdade por trás da origem da palavra *jazz*, mas em 1938, Peter Tamony, um etimologista de São Francisco, conseguiu. Sua teoria foi amplamente discutida por diversas pessoas e os etimologistas Gerald Cohen, Barry Popik e David Shulman conseguiram demonstrar conclusivamente que Tamony estava certo.

A hipótese de Tamony é que a palavra *jazz* surgiu pela primeira vez em 03 de março de 1913, em um artigo sobre beisebol no *San Francisco Bulletin*, escrito por E. T. ‘Scoop’ Gleeson: “McCarl foi anunciado ao longo de toda a linha como um *busher* (jogador da grande liga que acabou de subir da pequena liga), mas agora parece que essa droga é muita mentira (*jazz*)<sup>24</sup>” (WILTON, 2004, p.121). Nessa primeira vez, Gleeson usou a palavra *jazz* de uma forma pejorativa. Três dias depois, Gleeson mudou de ideia e começou a usar o termo de forma favorável ao notar que o time de beisebol de São Francisco, *San Francisco Seals*, podia não ter muito talento, mas tinha entusiasmo e espírito de luta. Eles tinham *jazz* (animação) e essa animação dava a eles chance de vitória. Foi quando ele escreveu:

---

<sup>23</sup> *I am writing in the Conference, (...), old Talley jazzing and telling stories to Lieven and Esterhazy and Wessenberg.*

<sup>24</sup> *McCarl has been heralded all along the line as a ‘busher,’ but now it develops that this dope is very much to the ‘jazz.’*

O que é o *jazz*? Ora, é um pouco dessa ‘velha vida’, o ‘gin-i-ker’, o ‘estimulante’, também conhecido como entusiasmo. Um grão de *jazz* e você sente vontade de sair e fazer o seu caminho através de Twin Peaks. [...] Seus membros (de San Francisco Seals) treinaram em ragtime e ‘*jazz*’ e o empresário Dell Howard diz que não há como pará-los. (WILTON, 2004, p. 121)<sup>25</sup>

Gleeson usou *jazz* em seus artigos sobre beisebol pelo mês de março todo naquele ano. Muito tempo depois, em 1938, Gleeson relembra a origem da palavra:

Da mesma forma, a própria palavra ‘*jazz*’ entrou em uso comum ao mesmo tempo. Estávamos sentados ao redor da mesa de jantar no Boyes (*Boyes Hot Springs*, em Sonoma, Califórnia, o local de treinamento de primavera do (San Francisco) *Seals*), e William (‘*Spike*’) Slattery, então editor esportivo do *The Call*, falou sobre algo ser o ‘*jazz*’, ou o velho ‘*gin-iker fizz*’. *Spike* pegou a expressão em um jogo de dados. Sempre que um dos jogadores jogava os dados, ele gritava: ‘Vamos lá, a velha animação (*jazz*)’. Na semana seguinte, demos ao ‘*jazz*’ um ótimo uso em todas as nossas histórias. E quando a orquestra de Hickman entrou em ação para as danças da noite, era natural encontrá-la incluída como ‘a melodia mais ‘jazzística’ de todo o Vale da Lua’. (WILTON, 2004, p. 121)<sup>26</sup>

Gleeson comete alguns erros de memória, pois ele usou o termo *jazz* por um mês, e não uma semana e ele foi o único a usá-lo por aquele mês. Foi somente no final de março que outros começaram a usar também. Em abril, o termo podia ser achado em jornais de toda São Francisco. Ele usou a palavra *jazzística* para descrever a música de Hickman no sentido de ser estimulante e isso não chegou a descrever o estilo musical até mais tarde.

Art Hickman foi a chave para levar o termo *jazz* do seu significado de animação para a música. Em 1913, ele foi contratado para arrumar o grupo musical que iria entreter os Seals no campo de treinamento da primavera. Outro frequentador do campo de treinamento era James Woods, administrador do *Hotel St. Francis* em São Francisco, que após ver o que Hickman havia feito no campo, o contratou, o que fez de Hickman um dos grandes líderes de orquestra no país. A palavra *jazz*, popular entre os Seals e seu quadro de acompanhantes de jornalistas esportivos, tornou-se associada à música *ragtime* de Hickman, evidentemente para o desalento de Hickman.

---

<sup>25</sup> *What is the ‘jazz’? Why, it’s a little of that ‘old life,’ the ‘gin-i-ker,’ the ‘pep,’ otherwise known as the enthusiasalum [sic]. A grain of ‘jazz’ and you feel like going out and eating your way through Twin Peaks. [...]Its members have trained on ragtime and ‘jazz’ and manager Dell Howard says there’s no stopping them.*

<sup>26</sup> *Similarly the very word ‘jazz’ itself, came into general usage at the same time. We were all seated around the dinner table at Boyes [Springs, Sonoma County, the Seals spring training site,] and William (‘Spike’) Slattery, then sports editor of The Call, spoke about something being the ‘jazz,’ or the old ‘gin-iker fizz.’ ‘Spike’ had picked up the expression in a crap game. Whenever one of the players rolled the dice he would shout, ‘Come on, the old jazz.’ For the next week we gave ‘jazz’ a great play in all our stories. And when Hickman’s orchestra swung into action for the evening’s dances, it was natural to find it included as ‘the jazziest tune tooters in all the Valley of the Moon.’*

Em 1914, Bert Kelly, músico da orquestra de Hickman, mudou-se para o leste e começou sua própria banda em Chicago. Em uma carta de 1957 à revista *Variety*, Kelly afirma ser o primeiro a usar o *jazz* para denotar um estilo de música. Embora essa afirmação não possa ser verificada, parece provável. O primeiro uso do termo impresso para significar o estilo da música é de 1916.

Então, o *jazz* começou a vida como um termo esportivo de São Francisco para espírito de equipe e jogo agressivo. A palavra foi aplicada à música de *ragtime* de Art Hickman, cuja banda tocou no campo de treinamento do *San Francisco Seals*. De lá, viajou para o leste com músicos, até que finalmente o termo passou a ser associado ao novo estilo musical de Nova Orleans.

### 3.7. Nylon

O material *Nylon* foi criado em 1935 pelo químico Wallace Carothers, que trabalhava para a empresa americana DuPont, e apresentado na Feira Mundial de Nova Iorque em 1938. O nome foi criado pelo departamento de marketing da empresa, e algumas pessoas acreditam que a palavra *nylon* é um acrônimo, com duas teorias diferentes sobre o suposto significado.

A primeira teoria é que *Nylon* vem da junção das palavras *New York* (Nova Iorque) e *London* (Londres), pois, supostamente, as duas cidades colaboraram para a criação do material e o lançamento foi feito simultaneamente em ambas. Mas essa é uma teoria facilmente refutada, uma vez que Londres não teve nenhuma participação nem na criação nem no lançamento do produto.

A outra teoria é um pouco mais sinistra. De acordo com ela, a palavra *nylon* seria um acrônimo para *Now You've Lost Old Nippon* (Agora você está perdido, japonês) (algumas teorias substituem *nippon* por *nips*, que é apenas uma abreviação de *nippon*), pois a empresa supostamente acreditaria que sua invenção iria destruir o mercado de seda dos japoneses.

Talvez o motivo para acreditarem que a palavra *nylon* seria um acrônimo foi que, uma das palavras consideradas para nomear o novo material era um acrônimo. Foi sugerido a palavra *Duparooth*, como um acrônimo para *DuPont Pulls a Rabbit Out of a Hat* (DuPont tira um coelho da cartola), mas a palavra foi descartada por ser muito boba.

Alguns acreditam que o sufixo *-on* foi escolhido para evocar a palavra *cotton* (algodão) e *rayon* (nome de uma seda artificial), mas no final das contas, o nome foi escolhido por não significar nada, soar bem e ser fácil de defender contra eventuais acusações de violação de marca registrada.

### 3.8. Piquenique

Uma lenda sobre a origem da palavra piquenique surgiu e se espalhou muito, principalmente nos Estados Unidos. Essa lenda falava que a palavra piquenique (ou *picnic* em inglês) era uma abreviação para a frase em inglês *Pick a Nigger*, que significa ‘escolha um negro’ sendo a palavra *nigger* extremamente pejorativa.

De acordo com essa lenda, nos tempos da escravidão dos Estados Unidos, principalmente no Sul, os brancos se juntavam em uma ‘festa’ em algum gramado ou outra área externa e levavam junto um negro. Durante essa suposta festa, os brancos comiam, riam e se divertiam linchando os negros que tinham levado, daí a expressão ‘escolha um negro’ (*pick a nigger*), pois a família escolheria um de seus escravos para ser linchado nessa ‘festa’.

A origem dessa lenda é desconhecida, mas ela teve grande circulação por e-mail na década de 1990, época em que a internet estava se popularizando. Na época, por volta de 1993, a lenda teve sua ‘verdade’ confirmada por ter sido supostamente aprovada pelo *Smithsonian*, uma instituição educacional e de pesquisa de grande prestígio associada a um complexo de museus, fundada e administrada pelo governo dos Estados Unidos.

Por volta de 1998, outro e-mail similar foi passado, dessa vez por um funcionário de relações públicas do Museu Field de História Natural, em Chicago, cujo nome estava realmente listado com endereço e telefone no e-mail. Esse funcionário realmente existia no Museu naquela época. Embora pudesse ser apenas um boato bem executado, é mais provável que o funcionário tenha recebido o e-mail e o repassado usando a conta do museu sem antes averiguar a verdade do que o e-mail dizia.

Infelizmente, parte da história é verdadeira. No final do século XIX o linchamento de negros era comum no sul dos Estados Unidos e alguns desses ‘eventos’ eram públicos. Mas dizer que isso era um entretenimento familiar é uma deturpação. Já no começo do século XX, o linchamento se tornou algo abominável, e eles passaram a acontecer no meio da noite por homens mascarados.

A verdadeira história da palavra piquenique é comum. A palavra vem do francês, com a escrita igual ao português, *pique-nique*, com o significado de um passeio ao ar livre que inclui comida. A palavra *pique* pode ser tanto uma forma de se comer (de pegue sua comida) ou uma seletiva de iguarias escolhidas para uma refeição ao ar livre. A parte do *nique* é uma palavra sem sentido com o intuito apenas de rimar, uma formação comum de palavras conhecida como replicação.

A palavra francesa *pique-nique* apareceu em 1692. Já em inglês, a palavra *picnic* surgiu mais ou menos em 1748 em uma referência aos piqueniques na Alemanha. A palavra não se espalhou pela Grã-Bretanha até mais ou menos 1800, mas ainda sim muito antes de começar os linchamentos no sul dos Estados Unidos. No Brasil, a palavra perdeu o hífen e se juntou, formando o que conhecemos hoje como piquenique.

### 3.9. SOS

Todos conhecem o chamado de socorro SOS. O que a maioria das pessoas não sabe é qual seu verdadeiro significado. Existem diversos significados dados por diversas pessoas, como por exemplo:

- **Save Our Souls** – Que significa Salve nossas almas;
- **Save Our Ship** – Que significa Salve nosso Navio;
- **Stop Other Signals** – Que significa Pare outros Sinais; e
- **Sure Of Sinking** – Que significa Certeza de Naufrágio.

Porém, a verdade é que a sigla não tem significado. Ela foi escolhida como um sinal de socorro universal pela Convenção Internacional de Rádio Telégrafo em julho de 1908 por ser fácil de ser telegrafada.

Em 1906, houve uma Conferência Internacional sobre Comunicação Sem Fio no Mar em Berlim para tentar resolver alguns problemas e, entre eles, estava a necessidade de uma padronização nos pedidos de socorro.

Até então, os britânicos usavam a sigla CQD. Assim como SOS, essa sigla não tem um significado, apesar de muitos considerarem que CQ, que era uma representação do chamado geral para barcos na área, era uma abreviação fonética das palavras em inglês *seek you* (procurar você) e a letra D seria uma abreviação da palavra inglesa *distress* ou *danger* (que dentro do contexto da sigla, ambas podem ser traduzidas como perigo). Mas, apesar de muito considerarem essa versão, não há registros e nem documentos que comprovem essa teoria.

Os alemães não gostaram da ideia de adotar a sigla inglesa e propuseram a sigla SOE, mas a proposta foi recusada pois a letra **E** em Código Morse é representada apenas por um simples ponto, que poderia facilmente se perder no meio da comunicação.

Já a sigla SOS é fácil de ser telegrafada e usada no Código Morse, criado em 1835 pelo artista e inventor americano Samuel Morse. Esse código, assim como o telégrafo, se utiliza de pontos e traços para substituir as letras do alfabeto. A sequência SOS, composta por três pontos seguidos de três traços seguidos de três pontos, foi escolhida por ser uma sequência simples, fácil de ser lembrada e ter seu ritmo facilmente reconhecido no meio de uma mensagem de Código Morse.

Em 1908, a Grã-Bretanha e vários outros países que fizeram parte da convenção em Berlim adotaram SOS, mas muitos operadores dos navios britânicos ignoraram essa sigla no começo. E por isso, outro mito surgiu em torno da sigla SOS.

Esse mito é que o Titanic, que afundou em 15 de abril de 1912, foi o primeiro navio a utilizar o SOS efetivamente. Diz a lenda que quando o transatlântico começou a afundar, seu operador Jack Phillips começou a transmitir a antiga sigla CQD para os navios na área. De acordo com Harold Bride, um operador júnior do navio, só quando

ele sugeriu brincando usar a ‘nova’ sigla SOS dizendo ser essa sua última chance de usá-la foi que Phillips começou a enviá-la. Mas apesar de ‘nova’ para os britânicos, porque eles não a usavam antes, SOS estava longe de ser realmente nova.

Um artigo publicado no *New York Times* em fevereiro de 1910, mais de dois anos antes da tragédia do Titanic, deu detalhes da origem e uso do SOS como um pedido de socorro. Entre as páginas do jornal é possível achar vários exemplos de navios que usaram a sigla antes do Titanic.

Em 11 de agosto de 1909, o navio *Arapahoe*, fazendo a rota entre Nova Iorque e Jacksonville na Flórida, indo por Charleston, teve seu eixo da calda quebrado e começou a virar em direção à costa da Carolina do Norte. O pedido de socorro veio através da sigla SOS.

Em 4 de fevereiro de 1910, o navio a vapor *Kentucky* estava navegando pelo Cabo Horn de Nova Iorque para Tacoma em Washington quando foi pego por uma forte chuva próximo de Virginia Capes e começou a encher de água mais rápido do que as bombas podiam controlar. Um pedido de SOS chamou o navio *Alamo* que se dirigiu rapidamente para a localização de *Kentucky* e conseguiu recolher todos os passageiros e membros da tripulação do navio antes dele afundar.

Outros cinco navios, entre 13 de maio de 1910 e 9 de abril de 1912 usaram a sigla SOS para pedir ajuda antes de o Titanic fazê-lo. O Titanic provavelmente marcou a história, pois depois disso, todos, incluindo a Grã-Bretanha, passaram a usar SOS como pedido de socorro, mas ele, de fato, não foi o primeiro a utilizá-la.

## **Considerações Finais**

Novas palavras ou sentidos novos para palavras antigas surgem o tempo todo. A língua está viva e muda e se adapta constantemente. E essas mudanças fazem com que, pouco a pouco, as origens das palavras se distanciem do conhecimento do público geral, e esse distanciamento cria lacunas. As pessoas vão, com o tempo, preenchendo essas lacunas com histórias fantásticas, ficcionais, distorcidas ou misturadas a outras histórias, e isso é o que cria as lendas urbanas linguísticas.

Esse capítulo mostrou algumas dessas lendas, descrevendo-as, e contou a verdadeira origem de nove palavras que são muito conhecidas pelo povo brasileiro, mesmo suas lendas tendo origens na língua inglesa.

## **Referências**

AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES EDITORS. **Word Histories and Mysteries: From Abracadabra to Zeus**, Boston: Houghton Mifflin Company, 2004.

CHATFIELD, T. **Netymology: From Apps to Zombies**, A Linguistic celebration of the digital word. New York: Quercus, 2016.

DICKSON, P. **The Dickson Baseball Dictionary**. 3rd edition. New York: W. W. Norton & Company, 2009.

FUNK, C.E. **2107 Curious Word Origins, Saying and Expressions**, From White Elephants to Song Dance. New York: Galahad Books. 1993.

GIBSON, C. **Augusta adds first woman members**. [2012]. Disponível em [http://www.espn.com/golf/story/\\_/id/8284599/augusta-national-admits-condoleezza-rice-darla-moore-first-two-female-members](http://www.espn.com/golf/story/_/id/8284599/augusta-national-admits-condoleezza-rice-darla-moore-first-two-female-members). Acesso em 27 mar. 2019.

HENDRICKSON, R. **The Facts On File Encyclopedia of Word and Phrase Origins**. New York: Facts on File. 2008.

MACEDO, J.M. de. **A Baroneza de Amor**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876.

MERRIAM WEBSTER. **Book of word histories**. Massachusetts: Merriam-Webster, Inc, 1991.

MIKKELSON, D. **Etymology of Gringo**. [2011]. Disponível em <https://www.snopes.com/fact-check/gringo/>. Acesso em 18 fev. 2019.

MIKKELSON, D. **Etymology of Hot Dog**. [2007]. Disponível em <https://www.snopes.com/fact-check/hot-dog/>. Acesso em 27 mar. 2019.

MIKKELSON, D. **Titanic First Ship to Use an SOS?** [2012]. Disponível em <https://www.snopes.com/fact-check/same-old-slip/>. Acesso em 12 mar. 2019.

NHDSC. **Dachshunds, Dog Wagons and Other Important Elements of Hot Dog History**. Disponível em <https://www.hot-dog.org/culture/hot-dog-history>. Acesso em 27 mar. 2019.

PORTER, L. **Where Did 'Jazz,' the Word, Come From? Follow a Trail of Clues, in Deep Dive with Lewis Porter**. Disponível em <https://www.wbgo.org/post/where-did-jazz-word-come-follow-trail-clues-deep-dive-lewis-porter#stream/0>. Acesso em 12 abr. 2019.

REDDIN VAN TUYLIN, D.; HUDSON, S. (Eds.). **Augusta's WGAC Radio: The Voice of the Garden City for Seventy Years**, Charleston: The History Press, 2012.

STAFF SNOOPS. **Did the Word ‘Picnic’ Originate with Lynchings?** [2011]. Disponível em <https://www.snopes.com/fact-check/picnic-origin/>. Acesso em 18 mar. 2019.

TOLKIEN, J. R. R., **O Hobbit**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009.

TRASK, R. L. **Why do Languages Change?**. New York: Cambridge University Press, 2010.

WILTON, D. **Word Myths: Debunking Linguistic Urban Legends**. New York: Oxford University Press, 2004.

## Capítulo 2



# ETIMOLOGIA DE PALAVRAS DISCRIMINATÓRIAS E SEXISTAS EM LÍNGUA INGLESA

Keis Ferreira de Freitas; Gladys Quevedo-Camargo  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução — LET

### INTRODUÇÃO

Este trabalho investigou questões relativas à etimologia de palavras sexistas presentes na língua inglesa. A linguagem sexista se expressa em favor de um sexo e trata o outro de maneira discriminatória; é um fenômeno social e está relacionada às atitudes, de modo que a linguagem sexista é resultado do preconceito de gênero presente na sociedade (LEI, 2006).

### METODOLOGIA

Esta foi uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica (CRESWELL, 2003; DORNIEY, 2007), cuja coleta de dados e informações foi feita a partir de livros, artigos, sites e blogs. No total, dois aspectos foram abordados e palavras representativas de cada um foram investigadas quanto à sua etimologia.

### RESULTADO

Foram levantados os seguintes aspectos: o uso do masculino genérico, com palavras como *man*, *his* e *him*, por exemplo, e a derivação semântica, exemplificada por palavras como *mistress* e *master*.

#### Palavras discriminatórias e sexistas presentes no artigo

Derrogação semântica	Masculino genérico
<i>Lady</i> e <i>Lord</i>	<i>He</i>
<i>Madam</i> e <i>Sir</i>	<i>Him</i>
<i>Mistress</i> e <i>Master</i>	<i>His</i>
<i>Spinster</i> e <i>Bachelor</i>	<i>Man</i>
<i>Virtue</i>	

Atualmente, a palavra *man* tem sido usada para se referir não apenas aos homens adultos, mas também aos seres humanos em geral, independentemente do sexo. Há uma explicação histórica para isso: no Inglês Antigo (*Old English*) o principal sentido da palavra *man* era ser humano.

Atualmente a palavra *lady* se refere a mulher de classe e refinada enquanto *lord* significa homem com poder. A palavra *lady* vem do inglês antigo *hlæfdige* que significa "amassadeira de pão". Como o pão era muito importante na época, existia o "guardião do pão", *hlāfweard*, que é de onde veio a palavra *lord*. Sabe-se que, por volta do ano 1000, a palavra *lady* era usada para se referir a uma rainha. Entretanto, o primeiro sentido conhecido que a palavra teve no Inglês Antigo apareceu em 825, e foi de 'mulher chefe de família' ou 'amante de servos' (MERRIAM-WEBSTER, 1991).



### DISCUSSÃO/CONCLUSÃO

Neste pesquisa, refletiu-se sobre a presença das palavras sexistas na língua inglesa, e a partir da investigação da etimologia de diversos termos, a história da existência e evolução desse tipo de léxico desde o inglês antigo até a língua inglesa moderna. É sabido que língua se adapta e se atualiza constantemente, no intuito de se encaixar às necessidades da sociedade que faz uso dela; sendo assim, evitar o uso da linguagem sexista, que se observa acontecer cada vez mais na sociedade atual, é sinal de mudança cultural e social. Trazer à tona a história dessas palavras, isto é, sua etimologia (DURKIN, 2009) contribui para a compreensão da constituição da língua e favorece a conscientização do aprendiz com relação ao importante papel da linguagem na formação social.

### BIBLIOGRAFIA

CRESWELL, J. *Research design: qualitative, quantitative and mixed method approaches*. 2nd edition. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2003.  
DORNIEY, Z. *Research methods in Applied Linguistics: qualitative, quantitative and mixed methodologies*. Oxford: Oxford University Press, 2007.  
DURKIN, P. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 2009.  
LEI, Xiaolan. *Sexism in Language*. *Journal of Language and Linguistics*, Estados Unidos, v. 5, n. 1, p. 87-94, 2006.  
MERRIAM-WEBSTER. *Merriam-Webster's book of word histories*. Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster Inc., 1991.



# LINGUAGEM SEXISTA: ETIMOLOGIA DE PALAVRAS DISCRIMINATÓRIAS NA LÍNGUA INGLESA

Keis Ferreira de Freitas<sup>27</sup> e Gladys Quevedo-Camargo<sup>28</sup>

## Introdução

Você já parou para pensar que há palavras de cunho pejorativo usadas para se referir às mulheres, mas que seus equivalentes, utilizados para se referir aos homens, não apresentam um sentido pejorativo e às vezes o significado tem até um tom de exaltação? Como por exemplo, o caso do par de palavras solteirona e solteirão, onde, respectivamente, um traz o conceito de mulher que, passada a idade considerada por muitos como a mais ‘comum’ para o casamento, ainda está solteira, enquanto o outro termo carrega uma ideia de homem que está envelhecendo e conseguiu se conservar distante de um relacionamento afetivo. E ainda mais, você já reparou que no inglês algumas palavras que são comumente utilizadas para se referir a ambos os sexos, mas indica em sua morfologia um aspecto masculino, como é caso das palavras *mankind* (humanidade) e *fireman* (bombeiro)?

Tendo em vista a necessidade de refletir sobre esse tipo de discriminação existente na língua, este capítulo aborda algumas questões referentes à existência, à evolução e ao uso da linguagem sexista na língua inglesa. Traz, também, a definição de linguagem sexista e sua construção e perpetuação no aspecto social e histórico; e então, apresenta os aspectos que caracterizam a língua inglesa como sexista e, a partir da etimologia de alguns termos sexistas em inglês, há a tentativa de entender como esse tipo de linguagem foi se constituindo ao longo dos tempos e suas consequências no uso que fazemos da língua inglesa hoje em dia.

### 1. Linguagem sexista: fruto dos estereótipos de gênero

Para compreender melhor a construção social dos estereótipos de gênero, é necessário primeiramente definir e distinguir dois conceitos importantes: sexo e gênero. De acordo com Wareing (2004), sexo diz respeito a uma questão biológica e gênero a

---

<sup>27</sup> Graduanda do curso de Letras Inglês Tradução da Universidade de Brasília.

<sup>28</sup> Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília e orientadora do Projeto *English Nuggets*.

uma questão social. Sexo é uma construção natural, com a qual se nasce; pode ser reconhecido a partir de dados corporais e genitais. Sendo assim, “quando falamos em sexo estamos nos referindo aos aspectos físicos, biológicos de macho e fêmea, aquelas diferenças que estão nos nossos corpos e que não mudam radicalmente, apenas se desenvolvem de acordo com as etapas das nossas vidas” (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004, p. 11). São essas características que nos definem como homens e mulheres.

O conceito de gênero, feminino e masculino, diz respeito às características sociais que, segundo Wareing (2004), estão intimamente ligadas ao comportamento. Partindo do ponto de vista de Camurça e Gouveia:

É a partir da observação e do conhecimento das diferenças sexuais que a sociedade cria ideias sobre o que é um homem, o que é uma mulher, o que é masculino e o que é feminino, ou seja, as chamadas representações de gênero (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004, p. 11).

Logo, essas ‘representações de gênero’ são construções socioculturais, atribuídas às pessoas a partir das diferenças sexuais. Dessa forma, Camurça e Gouveia (2004) afirmam que as relações de gênero não são naturais, mas sim criações da sociedade que variam de acordo com os costumes, experiências, leis, religiões, organização familiar e política de um povo, através da história.

Os estereótipos de gênero são crenças e expectativas atribuídas aos seres humanos a partir do sexo, com o intuito de padronizar como devem ser e se comportar; são socialmente construídos, culturalmente aceitos e historicamente mantidos (MENEGATTI; RUBINI, 2017). O fato de nascer com um determinado sexo, mulher/homem, isto é, com algumas diferenças biológicas, é atribuído a um gênero, feminino ou masculino. Espera-se que as mulheres correspondam ao papel pré-estabelecido para o gênero feminino e os homens ao papel pré-estabelecido para o gênero masculino.

Historicamente, homens e mulheres ocupam diferentes papéis sociais. Os homens antigamente exerciam as tarefas relacionadas à velocidade, à força e à possibilidade de ficar longe de casa por longos períodos, como por exemplo, lutar em guerras; enquanto isso, as mulheres exerciam trabalhos que incluíssem ficar em casa e desenvolver tarefas familiares, como por exemplo, a criação de filhos (MENEGATTI; RUBINI, 2017).

A história da civilização ocidental nos mostra que o papel determinado ao homem e à mulher em diversas sociedades é muito semelhante, mesmo quando analisado em momentos e lugares diferentes; também demonstra como foi construído, consciente e inconscientemente, o estereótipo que colocou a mulher no espaço privado, doméstico, distante das grandes decisões sociais, com uma limitada perspectiva de liberdade, e

dependente dos homens. Como consequência, o homem ainda é visto como o sexo forte e a mulher como o sexo frágil, criando assim uma relação de dominação e subordinação.

Na sociedade atual, são denominadas ‘coisas de homem’ tarefas que se encaixam no âmbito de trabalho produtivo, que é feito em troca de pagamento, tem valor e poder. Por outro lado, são tidas como ‘coisas de mulher’ o trabalho reprodutivo, doméstico e de gestão comunitária – para as quais não se dá muito valor e importância. Em outros termos, “há uma valorização social das habilidades, comportamentos, trabalhos, tempos e espaços masculinos e uma desvalorização dos femininos. Assim, partindo da diferença biológica, constitui-se uma desigualdade social que coloca, na sociedade, as mulheres em uma posição de desvantagem com relação aos homens” (FRANCO; CERVERA, 2006, p.10).

É a partir dos estereótipos de gênero que se estabelece o sexismo, que é a discriminação baseada no sexo da pessoa. Glick e Fiske (1996) apontaram a existência de duas formas de sexismo: o hostil e o benevolente. Elas são entendidas como ambivalentes por não serem tão diretas e claras como as posturas mais tradicionais de discriminação. Geralmente, esses dois modelos de discriminação estão baseados na ideia de inferioridade e/ou diferença das mulheres como um grupo.

O sexismo hostil se constitui em crenças e práticas nas quais as mulheres são representadas de forma depreciativa, juntamente com uma antipatia e intolerância em relação às mulheres como figuras de poder e decisão. Esse tipo de sexismo tem por objetivo justificar o poder dos homens, perpetuar os estereótipos de gênero e propagar a visão de mulheres apenas como objetos sexuais. Já o sexismo benevolente refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher. Nesse caso, as mulheres são vistas como puras, bondosas, gentis e necessitadas da proteção dos homens, justificando, portanto, o domínio masculino e o papel subordinado das mulheres (GLICK; FISKE, 1996).

O sexismo se apresenta na sociedade de forma alternada entre hostil e benevolente, dependendo do tipo de mulher a que se refere. Em geral, a hostilidade é direcionada às profissionais do gênero feminino e a benevolência, às donas de casa. Assim, o estereótipo frágil e incompetente dado ao gênero feminino justifica o papel doméstico das mulheres e a exclusão das mesmas dos lugares de poder, da mesma forma que o estereótipo forte e competente dado ao gênero masculino é usado para manter as mulheres fora de posições de poder predominantemente masculinas.

Para Dias (2014, p. 2), a “linguagem é considerada uma produção da humanidade e constituída, portanto, como uma prática social”. Por ser um fenômeno social, a linguagem está intimamente relacionada às atitudes sociais. Por conseguinte, a existência da linguagem sexista é resultado da discriminação de gênero existente na sociedade.

De acordo com Lei (2006, p. 89), “linguagem sexista é a linguagem que se expressa em favor de um sexo e, assim, trata o outro de maneira discriminatória”. Hoje em dia, a expressão ‘linguagem sexista’ é mais usada para se referir a palavras, frases e discursos que excluem, insultam ou limitam as mulheres, pois na maioria dos casos, o preconceito na linguagem se apresenta em favor dos homens e contra as mulheres.

## **2. O sexismo presente na língua inglesa**

Para Oliveira (2010, p. 620), “a língua inglesa atual é o resultado de uma evolução de mais de quinze séculos. A maioria dos autores concorda que essa mudança foi gradual, não podendo ser tão facilmente demarcada do mesmo modo que se demarcam acontecimentos históricos ou políticos. Entende-se por inglês antigo ou inglês saxônico (*Old English*), o inglês falado e escrito de diversas formas no período de 450 a 1100”.

A língua inglesa, assim como a portuguesa e a espanhola, reflete o sexismo presente na sociedade (RODRÍGUEZ CHIW, 2017; MÄDER; MOURA, 2016). A linguagem sexista no inglês pode ser analisada de duas maneiras: (1) no âmbito da forma, isto é, da estrutura da língua; e (2) no âmbito social, ou seja, na maneira como a língua é usada.

## **3. Sexismo na morfologia do inglês**

No que diz respeito ao sexismo presente na forma e estrutura das palavras presentes no inglês, há dois processos que evidenciam a existência desse tipo de discriminação na morfologia da língua inglesa – derivação e composição, que serão tratados a seguir.

### **3.1. DERIVAÇÃO**

A derivação ocorre quando há o acréscimo de prefixos ou sufixos ao radical da palavra, conseqüentemente formando uma nova palavra, ou seja, novas palavras são produzidas a partir de outras que já existem na língua, chamadas de palavras primitivas (HE, 2010; MESQUITA; MARTOS, 2009). Em inglês, uma das evidências mais claras do sexismo é o uso dos afixos, como comprovam alguns substantivos no gênero feminino, que só podem ser obtidos por meio da adição de sufixos.

### **Quadro 1: Lista de substantivos masculinos e femininos**

MASCULINO	FEMININO
Prince (Príncipe) <sup>29</sup>	Princess (Princesa)
Author (Autor)	Authoress (Autora)
Ambassador (Embaixador)	Ambadress (Embaixatriz)
Host (Anfitriã)	Hostess (Anfitriã)
Poet (Poeta)	Poetess (Poetisa)
Hero (Herói)	Heroine (Heroína)

Fonte: autoria própria, com base em Lei (2006).

Esse tipo de formação de palavras sugere que as mulheres derivam dos homens. Obter um termo no gênero feminino apenas se adicionado sufixos, dá a entender que o gênero masculino é mais importante, e muitas vezes atribui um significado de trivialidade, de menor importância ou dependência ao termo no gênero feminino. Por esse motivo, esse tipo de derivação é considerado uma forma de discriminação linguística contra as mulheres.

### 3.2. COMPOSIÇÃO

O outro processo que revela a presença da discriminação contra as mulheres na estrutura da língua inglesa é o de composição, que é a junção de duas ou mais palavras. “De um modo geral, entende-se a composição como um processo que combina palavras” (GONÇALVES, 2011, p. 63). Esse processo é bastante recorrente na construção de palavras da língua inglesa (HE, 2010). No inglês existem muitas palavras que deveriam ter um sentido neutro, ou seja, representar ambos os sexos. Um exemplo é a designação das profissões em inglês, como as palavras *doctor* (médico, -a, doutor, -ora), *engineer* (engenheiro, -a), *lawyer* (advogado, -a), *professor* (professor universitário, professora universitária), *judge* (juiz, -a) e *surgeon* (cirurgião, -ã)<sup>30</sup>. Porém, como são profissões envolvendo poder e força social, e tradicionalmente os médicos, engenheiros, advogados, professores universitários, juízes e cirurgiões eram homens, embora essas palavras sejam aparentemente neutras no inglês, elas mantêm uma conotação masculina, tanto que, para indicar que se tratam de uma profissional mulher, é acrescentado “*woman*” ou “*lady*”. Por outro lado, as profissões que envolvem paciência ou menor status social, como o caso de *nurse* (enfermeiro, -a) e *secretary* (secretário, -a) são mais propensas a estar associadas à mulher, por isso admite a inclusão de outra palavra para indicar que se tratam de um enfermeiro e um secretário, *male nurse* e *male secretary*.

Como mencionado anteriormente, devido à visão estereotipada da relação entre gênero e profissão, é que há esse processo de discriminação. Usar a composição para

<sup>29</sup> Todas as traduções feitas são de nossa responsabilidade, com exceção de quando indicado o contrário.

<sup>30</sup> As traduções das palavras foram retiradas de: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/>.

especificar profissões é, de certa forma, um reflexo da realidade de que as mulheres são excluídas de profissões com status social mais elevado. Assim, a linguagem reforça tal fenômeno social.

#### 4. Sexismo na sintaxe e semântica do inglês

O sexismo presente na língua inglesa se apresenta, também, na maneira como a língua é usada. Nessa perspectiva, duas vertentes apontam e confirmam a existência da linguagem sexista no inglês quanto ao âmbito social: o masculino genérico e a derrogação semântica.

##### 4.1. MASCULINO GENÉRICO

O uso enraizado do masculino genérico pode ser resumido, em linhas gerais, como o uso do gênero gramatical masculino para denotar o gênero humano como um todo (isto é, homens e/ou mulheres) (MÄDER; MOURA, 2016). Regularmente, palavras de cunho masculino são usadas para se referir também a pessoas do gênero feminino. Em inglês, há um grupo de palavras de gênero comum que se refere, com igualdade, a mulheres e homens. Entretanto, a gramática tradicional defende o uso de termos masculinos, para efeito de coerência, como nomes genéricos, isto é, substantivos e pronomes masculinos podem se referir tanto a homens quanto a mulheres (HE, 2010).

Os termos para designar os seres humanos, em inglês, seguem um sistema assimétrico na maneira como são usados:

#### Quadro 2: Termos referentes à diversidade dos seres humanos.

Genérico	<i>Man</i> (Homem)
Feminino	<i>Woman</i> (Mulher)
Masculino	<i>Man</i> (Homem)
Jovem	<i>Child</i> (Criança)
Jovem masculino	<i>Boy</i> (Menino)
Jovem feminino	<i>Girl</i> (Menina)

Fonte: autoria própria, com base em Wareing (2004).

Homem e mulher são dois componentes iguais da raça humana, mas não apresentam o mesmo valor no léxico inglês, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(1) *Reason is what distinguishes men from other animals.*<sup>31, 32</sup>

(2) *Man is by nature a political animal.*<sup>33, 34</sup>

Ao analisar ambas as sentenças, as palavras *men* (1) e *man* (2) são usadas genericamente para se referir a homens e mulheres. Mas *woman* e *women* não podem ser empregadas nesse mesmo contexto. O uso da palavra *man* (homem) com sentido neutro torna a mulher invisível no discurso.

Na língua inglesa, há também muitas palavras, em sua maioria profissões, que são claramente orientadas para o sexo masculino, pois apresentam o elemento *-man*, embora sejam aplicadas para ambos os sexos:

### Quadro 3: Palavras relativas a profissões.

<i>Mankind</i>	Humanidade
<i>Policeman</i>	Policial
<i>Newsman</i>	Jornalista
<i>Congressman</i>	Congressista

Fonte: a autora, com base em Lei (2006).

As palavras do Quadro 3 que apresentam o elemento *-man*, além de se referirem ao ser humano homem, que é o que sua composição indica, também podem ser usadas para se referir a toda raça humana.

Outro exemplo de termos masculinos bastante usados no inglês como genéricos são os pronomes *he/him/his*. A gramática inglesa permite que, para retomar um sujeito indefinido, usa-se um pronome masculino, mesmo que não apenas homens, mas também mulheres. De acordo com Curme (1947, p. 221 *apud* TEGLOVÁ, 2012, p. 9), os "pronomes pessoais e possessivos masculinos são usados geralmente para pessoas, toda vez que a palavra antecedente a que se refere tenha um significado indefinido".<sup>35</sup> Isso está ilustrado nos exemplos a seguir:

(1) *As someone grows older, he grows more reflective.*<sup>36, 37</sup>

---

<sup>31</sup> Exemplo retirado de APA (s/d).

<sup>32</sup> A razão é o que distingue os homens dos outros animais

<sup>33</sup> Exemplo retirado de Aristotle (1944).

<sup>34</sup> O Homem é por natureza um animal social.

<sup>35</sup> *the masculine pronouns and possessives are usually employed for persons without regard to sex wherever the antecedent has a general indefinite meaning.*

<sup>36</sup> Exemplos retirados de APA (s/d).

<sup>37</sup> À medida que alguém envelhece, **ele** fica mais reflexivo.

- (2) *Students are different: one may be assertive in his interpersonal relations, while another may be timid in his approach to the world.*<sup>38</sup>
- (3) *An intelligent professional knows what is better for him.*<sup>39</sup>

Baseado nas ideias de autoras como Miranda (2013) e Silva e Lage (2012), podemos compreender como o uso do gênero gramatical masculino como universal para ambos os gêneros prejudicou a representação das mulheres na língua falada e escrita, resultando na construção de uma visão que não permite às mulheres o reconhecimento e representação adequados.

Tal omissão das mulheres no discurso por meio da utilização do masculino como genérico é uma forma de rebaixamento imposto pela linguagem ao sujeito ‘mulher’, produzindo, então, o que o movimento feminista denomina de invisibilização das mulheres. De fato, o inglês moderno aceitava o uso do masculino genérico sem nenhum questionamento até o século XX. No entanto, há uma maior conscientização a respeito da existência da linguagem sexista e de seu uso recorrente. Com o objetivo de proporcionar um tratamento equitativo entre mulheres e homens, e sensíveis à necessidade de uma ‘solução’, tornou-se cada vez mais comum o uso de uma linguagem alternativa ou não sexista.

No intuito de evitar o uso do substantivo *man* como genérico, para se referir a homens e mulheres, há algumas alternativas, como *humans* (humanos), *the human race* (raça humana) e *people* (pessoas)<sup>40</sup>.

Aqui estão algumas recomendações de linguagem não sexista para aquelas palavras que possuem um significado neutro, mas que são direcionadas ao sexo masculino, em sua maioria títulos de emprego, devido ao uso do elemento ‘-man’:

**Quadro 4:** Alternativas de linguagem não sexista para palavras que contém o elemento *-man*

Sexista	Não sexista	Significado
<i>Mankind</i>	<i>People, humans</i>	Humanidade

<sup>38</sup> Estudantes são diferentes: um pode ser mais assertivo nas suas (~~dele~~) relações interpessoais, enquanto o outro pode ser mais tímido na sua (~~dele~~) abordagem para com o mundo. As traduções para o português desse exemplo e do seguinte não evidenciam o sexismo. Por isso mantivemos o referente entre parênteses.

<sup>39</sup> Um profissional inteligente sabe o que é melhor para si (~~ele~~).

<sup>40</sup> As traduções das palavras foram retiradas de: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/>.

<i>Policeman</i>	<i>Police officer</i>	Policial
<i>Newsman</i>	<i>Journalist, reporter</i>	Jornalista
<i>Congressman</i>	<i>Member of congress, representative, legislator</i>	Congressista

Fonte: autoria própria, com base em APA (s/d).

Para o uso do *he* como genérico são propostas duas saídas **(1)** uso do plural, considerado uma das soluções mais simples, e **(2)** eliminação do pronome masculino por completo, tido como a melhor escolha. Essas duas opções são representadas a seguir.

**(1)**

#### **Quadro 5:** Uso do plural ao invés de “he” como genérico

**Masculino genérico:**

**Não sexista:**

*If a student wants a good grade, he must study for several hours per day.*

*If students want good grades, they must study for several hours per day.*

(Se um estudante quer uma boa nota, **ele** deve estudar várias horas por dia.)

(Se os estudantes querem boas notas, eles/elas devem estudar várias horas por dia.)

Fonte: autoria própria, com base em APA (s/d).

**(2)**

#### **Quadro 6:** Eliminação do pronome masculino ao invés de “he” como genérico

**Masculino genérico:**

**Não sexista:**

*If a student has a question concerning his grade, he should consult with his teacher.*

*A student who has a question concerning a grade should consult with the teacher.*

(Se um estudante tiver uma dúvida sobre sua **(dele)** nota, **ele** deve consultar seu **(dele)** professor.)<sup>41</sup>

(Um estudante que tem uma dúvida a respeito de uma nota deve consultar o professor.)

Fonte: autoria própria, com base em APA (s/d).

<sup>41</sup> A tradução para o português desse exemplo não evidencia o sexismo. Por isso mantivemos o referente entre parênteses.

Em setembro de 2019<sup>42</sup>, registrou-se mais uma conquista para uso da linguagem não-sexista. O conceituado dicionário americano Merriam-Webster anunciou a adição de duas novas definições para a palavra “*they*”<sup>43</sup>(eles/elas), declarando que o pronome pode ser usado como terceira pessoa do singular quando houver um antecedente indeterminado no singular e, também, para se referir a uma pessoa cuja identidade de gênero é não binária, ou seja, pessoas que não se identificam e não se limitam inteiramente à identidade de um dos gêneros, masculino ou feminino (DOS REIS; PINHO, 2016).

#### 4.2. DERROGAÇÃO SEMÂNTICA

A outra vertente que revela a presença do sexismo no uso da língua inglesa é a derrogação semântica, que, de acordo com Wareing (2004), é o processo em que as palavras que se referem às mulheres apresentam conotações humilhantes e/ou sexuais. É evidente que a questão do poder e de quem o detém é crucial para a utilização e o desenvolvimento de uma língua. Quando se trata de mulheres, muitas vezes, as palavras assumem a forma pejorativa, quando o significado da palavra se torna “ruim” ao longo do tempo. Shariatmadari (2016) comenta que há muito tempo os linguistas também observam que as palavras referentes às mulheres passam por esse processo com mais frequência do que as que se referem aos homens.

Um exemplo indiscutível é a palavra *master*, que em inglês, geralmente significa chefe ou mestre. Já o seu equivalente feminino, *mistress*, é interpretado nos dias de hoje, pelos falantes da língua inglesa, como amante ilícita. Essa diferença de significados demonstra dois fenômenos: primeiro, que as palavras para as mulheres tendem a perder status (sendo que uma amante ilícita geralmente tem uma posição muito menos poderosa que um chefe) e, segundo, que as palavras, ao se referirem às mulheres acabam ganhando uma condição sexual.

Outro exemplo, em inglês, são as palavras *Sir* e *Madam*. Ambos os termos podem ser usados para se referir a pessoas de alto status; entretanto, *madam*, ao contrário de *sir*, também é usada para se referir a uma dona de bordel.

A palavra *virtue* (virtude) adquire diferentes conotações quando aplicada a homens e a mulheres. Sendo assim, especialmente ao se tratar de mulheres, o termo *virtue* está associado à castidade e ‘pureza sexual’. Ao se referir aos homens, essa mesma palavra apresenta um significado de poder, masculinidade e excelência (KEESSEN, 2009).

A não reciprocidade em termos de tratamento de homens e mulheres é uma característica da língua inglesa. *Bachelor* e *spinster* são termos que se referem a uma pessoa solteira; *bachelor*, geralmente usado para denominar homens, traduzido para o português como ‘solteirão’, carrega uma conotação positiva de alguém que conseguiu não ficar

---

<sup>42</sup> <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/new-words-in-the-dictionary>

<sup>43</sup> As definições da palavra foram retiradas de: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/they>.

amarrado. No entanto, *spinster*, usado somente para mulheres, tem um significado de ‘solteirona’. Hoje em dia, *spinster* é mais usada no intuito de ofender, sendo assim, é raramente utilizada por causa da sua associação tão negativa (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTO, 2005).

A derivação semântica na língua inglesa pode, ainda, tornar-se evidente em outras circunstâncias, como por exemplo, a palavra *lady*, que é usada em contextos onde é altamente improvável que seu equivalente masculino, *lord*, seja usado. No Reino Unido, *lady* é comumente usada para formar expressões como *dinner lady*, mulher que serve refeições para crianças, ou *lollipop lady*, mulher que ajuda os estudantes a atravessar a rua na frente das escolas. Essas mesmas expressões não existem quando se trata de um homem, ou seja, não existem as combinações *dinner lord* ou *lollipop lord*. Nesse caso, podemos perceber que a palavra feminina *lady* é usada em contextos onde *lord* não é, principalmente pelo fato de serem profissões consideradas de status inferior (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTO, 2005).

## 5. Etimologia e história de palavras sexistas da língua inglesa

Para entender historicamente a existência sexismo na língua inglesa, apresentamos, na sequência, algumas palavras sexistas pertencentes às categorias masculino genérico e derivação semântica, respectivamente, no que diz respeito à etimologia (DURKIN, 2009).

### 5.1. *Man*

Atualmente, a palavra *man* é usada para se referir não apenas aos homens adultos, mas também aos seres humanos em geral, independentemente do sexo. Há uma explicação histórica para isso: no Inglês Antigo (*Old English*) o principal sentido da palavra *man* era ser humano, e as palavras *wer* e *wif* eram usadas para se referir especificamente a homem e mulher, respectivamente. Como já podemos suspeitar, *man* é uma das palavras mais antigas da língua inglesa e teve uma série de grafias diferentes como *mann*, *mon* e *manna* (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTO, 2005; LIBERMAN, 2008).

A palavra *men* também significava pensar ou ter uma mente cognitiva, e por esse motivo *man* originalmente era usado para se referir a todos os seres humanos, partindo da ideia de que apenas os humanos são animais racionais.

No Inglês Antigo a palavra *wer* ou *wæpmann*, usadas com o sentido específico de homem adulto da raça humana (distinto de mulher ou menino), começou a desaparecer no final do século XIII e foi substituída pela palavra *man*, embora ainda pudesse ser usada

em sentido neutro em termos de gênero. Assim permaneceu sem nenhuma discussão até o século XX.

Curiosamente, o termo *man*, além de ser usado com o significado de raça humana, também era usado, no Inglês Antigo, como pronome indefinido, podendo substituir *one, people, they* (um, pessoas, eles/elas). Por esse motivo, acredita-se que essa seja a explicação porque muitas palavras, em sua maioria profissões, terminam com o elemento *-man*, embora possam ser aplicadas para ambos os sexos (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTO, 2005; LIBERMAN, 2008).

### 5.2. *He/His/Him*

O pronome *he* (ele), diferentemente da palavra *man* (homem), nem sempre foi usado com um sentido genérico. O termo *he* é usado desde o Inglês Antigo com o sentido de pronome da terceira pessoa masculina do singular. *He* derivou da palavra *hi* da língua proto-germânica, que veio da palavra indo-europeia *ki-*, variante da raiz *ko-*, que significava em termos gerais “isso, aqui” (AYTO, 2005).

O Inglês Antigo é conhecido, também, como o período dos casos, que serviam para marcar a função de algumas palavras, principalmente de substantivos, dentro de uma sentença. Dentre os casos que caracterizavam o Inglês Antigo, existia o nominativo, o genitivo e o dativo. O caso nominativo era usado para se referir ao agente (sujeito) da frase; o caso genitivo indicava posse de algum objeto ou característica; e o caso dativo marcava quem estava recebendo o resultado de uma ação de forma indireta (objeto indireto) na sentença. E foi a partir desses casos que se originou o pronome possessivo masculino *his* e o pronome do objeto *him* (CASTILHO, 1997).

**Quadro 7:** Casos do inglês antigo.

Inglês antigo			
	Nominativo	Genitivo	Dativo
Masculino singular	<i>He</i>	<i>His</i>	<i>Him</i>
Singular neutro	<i>Hit</i>	<i>His</i>	<i>Him</i>

Fonte: autoria própria, com base em Castilho (1997).

Como evidenciado no quadro anterior, o pronome *his* no inglês antigo era o genitivo de *he* e também um pronome possessivo neutro; mas seu sentido como neutro foi substituído no século XVI por *its*. Já a o pronome *him* era, originalmente, o dativo masculino e neutro de *he*; o seu final de palavra terminado com *-m* para representar o dativo existente no inglês antigo é encontrado também nas palavras em alemão (*ihm*) e

holandês (*hem*) que são os dativos da terceira pessoa masculina do singular. Sendo assim, podemos notar que os pronomes *his* e *him*, semelhante à palavra *man*, historicamente foram usados com um sentido universal (CASTILHO, 1997).

Mas por que a palavra *he* também é usada como neutra nos dias de hoje? A palavra *he* como genérica foi um resultado do chamado *Interpretation Act 1850*, um ato do Parlamento do Reino Unido lançado em 1850 que simplificou a língua que era usada na época. Nesse documento lê-se: "palavras que apresentam um cunho masculino incluem também o gênero feminino"<sup>44</sup> (INTERPRETATION ACT, 1850, p. 12). Assim, as palavras que apresentavam um cunho masculino passaram a ser consideradas universais e usadas para incluir tanto os homens quanto as mulheres.

### 5.3. *Mistress e Master*

A palavra *master* tem diferentes significados em inglês. Nos dias atuais, é mais usada para se referir a homens que possuem certo tipo de poder, controle e autoridade; a etimologia da palavra *master* é, relativamente, direta. Ela vem do latim *magister*, que significa 'mestre, chefe'. Originalmente, o inglês adquiriu a palavra latina *magister* no século X na forma de *mægister*, mas com o passar do tempo, sob a influência da palavra *maistre* advinda do francês antigo, se desenvolveu para *master* (AYTO, 2005).

Já sua contraparte feminina, *mistress*, portanto, uma mulher que apresenta controle ou autoridade – em particular, que emprega servos ou atendentes – entrou no Inglês com esse significado a partir da palavra do francês antigo *maistresse*, cuja grafia se manteve no inglês por bastante tempo. A alteração de *-mais* para *-mis* aconteceu no século XV. A partir do século XVII, começou a ser usada para significar 'uma mulher que mantém um relacionamento sexual duradouro com um homem que é comprometido com outra mulher', ou seja, amante ilícita. E este significado perpetua até os dias atuais (AYTO, 2005).

### 5.4. *Madam e Sir*

A palavra *sir* em inglês é um termo usado para intitular homens a quem se tem certo grau de respeito, e historicamente nunca mudou seu significado. Em comum com muitos outros termos europeus para intitular homens, *sir* veio da palavra em latim *sênior* que significa mais velho; e foi reduzido para *seior* no latim vulgar, língua falada pela grande massa popular menos favorecida e analfabeta do Império Romano. Foi a partir de então que nasceu a palavra *sieire* no francês antigo, que mais tarde se tornou *sire*. Por volta do século XIII, a palavra entrou no inglês como *sir*, e até meados do século XVII também era usada para se referir a sacerdotes (AYTO, 2005; SHARIATMADARI, 2016).

---

<sup>44</sup> words importing the masculine gender include females.

O termo *madam*, o equivalente feminino de *sir*, entrou no inglês no século XIII com o significado de uma mulher de classe, madame, e atualmente ainda é usado em alguns contextos formais. Esse título veio do francês antigo *ma dame* (minha senhora). Entretanto, na década de 1590, o termo passou a ser usado para significar 'uma menina/jovem presunçosa/precoce' (muitas vezes com tom depreciativo). No final do século XVIII, *madam* ganhou o sentido de 'uma cortesã, uma prostituta', e por fim, beirando o término do século XIX, o título passou a significar 'dona ou gerente de bordel'.

### 5.5. *Virtue*

Geralmente ao se tratar de homens, a palavra *virtue* apresenta um significado de poder, masculinidade e excelência, mas isso tem uma explicação histórica. A palavra *virtue* vem da palavra latina *virtus*. *Virtus* vem do radical *vir* que significa 'homem', sendo assim *virtus* originalmente significava 'masculinidade', qualidades que um homem (*vir*) deveria ter, como coragem, poder, força e honra (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTÖ, 2005).

*Virtue* aparece com o significado de poder na Bíblia do Rei Jaime, também conhecida como Versão Autorizada do Rei Jaime<sup>45</sup>. No entanto, por volta da década de 1590, *virtue* passou a ser associado à castidade e definido como pureza sexual, especialmente por parte das mulheres. Essa definição ainda é usada, principalmente, entre os cristãos (AYTÖ, 2005).

### 5.6. *Spinster e Bachelor*

Em inglês, uma das formas de designar um homem como solteiro é o chamando de *bachelor*. A palavra *bachelor* veio do Francês Antigo *bachelor*, que significava 'escudeiro' e/ou 'um jovem cavaleiro a serviço de um cavaleiro mais velho'. Por volta de 1300, a palavra passou para o inglês com o significado de cavaleiros de baixa patente. Tempos depois, os casamenteiros da época apropriaram-se do termo e passaram a usar a palavra para se referir a homens solteiros, abençoados com incentivos financeiros e sociais. No final do século XIV, a palavra passou a significar 'graduação universitária', pois antigamente era mais comum apenas os homens estudarem, principalmente os solteiros, já que, após o casamento, eles tinham a pressão de arranjar um trabalho e sustentar a família, e por esses motivos, tinham dificuldades de conciliar o casamento com os estudos. Já no final do século XIX, o termo voltou a significar, também, 'homem não casado', e permanece até os dias de hoje; geralmente esses homens são bem vistos pela escolha de ficarem solteiros (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTÖ, 2005; BAER, 2015). Já a

---

<sup>45</sup> Em inglês, King James Version (KJV), uma tradução inglesa da bíblia feita por ordem do rei Jaime I no início do século XVII e usada pela Igreja Anglicana,. Mais informações em: <https://www.britannica.com/topic/King-James-Version>. Acesso: 8 Mar. 2019.

‘mulher não casada’, em inglês, às vezes é chamada de *spinster*. A palavra tem um ar ofensivo e antiquado, e por isso pode transmitir indelicadeza ao ser usada. Quando *spinster* apareceu pela primeira vez em inglês em meados de 1300, significava simplesmente alguém, homem ou mulher, que tecia.

Dois fatos históricos marcaram a evolução da palavra *spinster*. Primeiro, o fato de que a maioria das pessoas que teciam na Idade Média eram mulheres, e depois, o fato de que era comum em documentos oficiais usar a ocupação como uma espécie de sobrenome. Sendo assim, as mulheres que teciam receberam o título de *Spinster* em documentos legais. O salto de tecelã para solteirona é provavelmente devido a uma razão econômica. Durante o final da Idade Média, mulheres casadas tinham mais acesso a matérias-primas caras e mercado (através de seus maridos) do que as mulheres solteiras, e, portanto, mulheres solteiras acabavam tendo empregos de status inferior e baixos salários como tecer. Esse trabalho não exigia acesso a ferramentas caras e podia ser feito em casa. No século XVII, *spinster* passou a ser usado para se referir a 'uma mulher ainda não casada, mas que já passou da idade para o casamento', e até os dias de hoje é usado como um termo pejorativo (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTO, 2005).

### 5.7. *Lady e Lord*

O significado da palavra *lady* nos dias atuais é uma mulher de hábitos refinados e maneiras gentis. Mas curiosamente, a palavra *lady* vem do inglês antigo *hlæfdige* que significa ‘amassadeira de pão’. Devido à importância que era dado ao pão na época, existia o ‘guardião do pão’ para supervisioná-lo, ou um *hlāfweard* que eventualmente é de onde veio a palavra *lord*. Sabe-se que, por volta do ano 1000, a palavra *lady* era usada para se referir a uma rainha. Entretanto, o primeiro sentido conhecido que a palavra teve no Inglês Antigo apareceu em 825, e foi de ‘mulher chefe de família’ ou ‘amante de servos’ (MERRIAM-WEBSTER, 1991). Atualmente, o significado de *lord* ainda é aceitável, mas *lady* caiu em desagrado, especialmente entre as feministas que não querem ser obrigadas a se comportarem como uma *lady*. Para elas, a palavra *lady* tem um teor de classe, boas maneiras, fragilidade e conotação sexual virtuosa. Assim, as feministas preferem a palavra mulher, uma palavra que elas consideram muito mais independente (MERRIAM-WEBSTER, 1991; AYTO, 2005; KEESSEN, 2009).

## Considerações finais

Ao longo deste capítulo, procuramos refletir sobre a presença da linguagem sexista na língua inglesa, e a partir da investigação da etimologia de algumas palavras que carregam esse tipo linguagem discriminatória, evidenciar e esclarecer a sua existência e evolução desde o inglês antigo até a língua inglesa moderna. De fato, a língua se adapta

e se atualiza constantemente, no intuito de se encaixar as necessidades da sociedade que faz uso dela. O uso da linguagem sexista é uma forma de retrocesso no que diz respeito aos avanços nas lutas contra a desigualdade e discriminação nas relações sociais, e ainda, é uma forma de perpetuar os padrões estereotipados e naturalizar a ideia de subordinação da mulher na sociedade. Sendo assim, evitar o uso da linguagem sexista é buscar mudar essa situação de discriminação e de ocultamento da mulher; o uso da linguagem não-sexista, que se observa acontecer cada vez mais, é sinal de mudança cultural e social. Logo, trazer à tona a história do surgimento, desenvolvimento e uso de termos sexistas em inglês possibilita aos aprendizes em processo de aquisição da língua inglesa entender esse fenômeno e suas consequências (HASHEMI; AZIZNEZHAD, 2011). A partir da reflexão sobre os danos e injustiças advindos do uso da linguagem sexista, será possível compreender a importância de evitar a utilização desse tipo de linguagem e, ainda, dar continuidade ao combate contra a discriminação de gênero, que está cada vez mais presente nos dias atuais.

### Referências

- APA. **APA Guidelines for non-sexist use of language**. S/D. Disponível em: <http://www.apaonlinecs.org/apa-guidelines-for-non-sexist-use-of-language>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- ARISTOTLE. **Aristotle in 23 Volumes**. Vol. 21. Tradução de H. Rackham. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1944. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:abo:tlg,0086,035:1:1253a>. Acesso em: 17 jan. 2019.
- AYTO, J. **Word origins: the hidden histories of English words from A to Z**. 2nd edition. London: A&C Black Publishers, 2005.
- BAER, D. Bachelor doesn't mean what you think it means. **Business Insider**. April 2015. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/history-of-the-word-bachelor-2015-4>. Acesso em: 24 Mar. 2019.
- CAMURÇA, S.; GOUVEIA, T. **O que é gênero?**. Recife: SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, 2004. Disponível em: [https://www.academia.edu/4049122/O\\_que\\_%C3%A9\\_g%C3%AAnero\\_O\\_que\\_%C3%A9\\_g%C3%AAneroCoordena%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_produ%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/4049122/O_que_%C3%A9_g%C3%AAnero_O_que_%C3%A9_g%C3%AAneroCoordena%C3%A7%C3%A3o_de_produ%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 04 fev. 2019.
- CASTILHO, M.C. **Diferenças e semelhanças entre o anglo-saxão e o antigo alemão conforme registradas no século VII**. Uniciências, V.1, n.1, p. 91-100, jan-jul 1997. Disponível em: <http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/uniciencias/article/viewFile/1454/1393>. Acesso em: 20 fev. 2019.

DIAS, R.H. **Linguagem, interação e socialização**: contribuições de Mead e Bakhtin. X ANPED Sul, UDESC/Florianópolis-SC, 26-29 de outubro de 2014, p. 1-18. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/539-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/539-0.pdf). Acesso em: 09 fev. 2019.

DOS REIS, N; PINHO, R. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2016.

DURKIN, P. **The Oxford Guide to Etymology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FRANCO, P.V.; CERVERA, J.P. **Manual do uso não sexista da linguagem**. 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>. Acesso em: 14 dez. 2018.

GLICK, P.; FISKE, S. T. The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 70, n. 2, p. 491-512. <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.9865&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 13 jan. 2019.

GONÇALVES, C.A.V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. **Domínios da linguagem**. V.5, N.2, p. 62-89, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/13644/8155>. Acesso em: 20 abr. 2019.

HASHEMI, M.; AZIZNEZHAD, M. Etymology: a word attack strategy for learning the English vocabulary. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, V.28, p. 102-106, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042811024608>. Acesso em: 20 abr. 2019.

HE, G. An analysis of sexism in English. **Journal of language teaching and research**. Vol.1, n.3, p. 332-335, May 2010. Disponível em: <http://www.academypublication.com/issues/past/jltr/vol01/03/jltr0103.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

INTERPRETATION ACT. 1850. Disponível em: [http://www.oas.org/juridico/spanish/mesicic2\\_jam\\_interpretation\\_act.pdf](http://www.oas.org/juridico/spanish/mesicic2_jam_interpretation_act.pdf). Acesso em: 21 fev. 2019.

KEESSEN, J. **Cardinal men and scarlet women**: a colorful etymology of words that discriminate. Milwaukee, Wisconsin: Marquette University Press, 2009.

LEI, Xiaolan. Sexism in Language. **Journal of Language and Linguistics**, v. 5, n. 1, p. 87-94, 2006. Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/d03a/fdaa103c8526b75523cdadbacfd4a4d27041.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

LIBERMAN, A. **An analytic dictionary of English etymology**: an introduction. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

MÄDER, G.R.C.; MOURA, H. M.M. O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista. **Revista do GELNE**, v. 17, n. 1/2, p. 33-54, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10173>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MENEGATTI, M.; RUBINI, M. Gender Bias and Sexism in Language. **Oxford Research Encyclopedia of Communication**. Sept 2017. Disponível em: <http://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-470#acrefore-9780190228613-e-470-div1-1>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster's book of word histories**. Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster Inc., 1991.

MESQUITA, R.M.; MARTOS, C.R. **Gramática pedagógica**. 30ª Edição. Vol. único. São Paulo: Saraiva, 2009.

MIRANDA, A.R. **Reflexões sobre mulheres, gênero e aprendizagem histórica**. *Historiæ*, v. 4, n. 2, p. 103-114, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3680>. Acesso em: 14 dez. 2018.

OLIVEIRA, J.B. Breves considerações sobre o inglês antigo. **Cadernos do CNLF**, V. XIV, Nº 2, t. 1. p. 620-644, Agosto de 2010. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/620-644.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/620-644.pdf). Acesso em: 10 fev. 2019.

RODRÍGUEZ CHIW, M. ¿Por qué usamos el “masculino genérico” en el español?. **Revista Morbífica**, 23 novembro 2017. Disponível em: <https://revmorbifica.com/2017/11/23/por-que-usamos-el-masculino-generico-en-el-espanol/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SHARIATMADARI, D. Eight words that reveal the sexism at the heart of the English language. **The Guardian**, 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/jan/27/eight-words-sexism-heart-english-language>. Acesso em: 16 mar.2019.

SILVA, M.G.A.; LAGE, A. Visibilidade da identidade das mulheres dentro dos movimentos sociais do campo de Pernambuco. In: **Anais do IX Seminário nacional de estudos e pesquisas “história, sociedade e educação no Brasil**. 2012. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa. p. 3147-3163. Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.13.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.13.pdf). Acesso em: 11 dez. 2018.

TEGLOVÁ, V. **Gender-neutral Pronouns in the English Language**. 2012. Dissertação. Universidade Palackého v Olomouci, Republica Tcheca, 2012. Disponível em: [https://theses.cz/id/efizkm/Gender-neutral\\_Pronouns\\_In\\_the\\_English\\_Language.pdf](https://theses.cz/id/efizkm/Gender-neutral_Pronouns_In_the_English_Language.pdf). Acesso em: 30 jan. 2019.

WAREING, S. Language and gender. In: THOMAS, L. et al. **Language, Society and Power**. London: Routledge, 2nd edition, 2004, p. 75-92. Disponível em: <https://epdf.tips/language-society-and-power-an-introduction-2nd-edition.html>. Acesso em: 01 fev. 2019.

#### **Sites utilizados em várias partes do artigo:**

<https://english.stackexchange.com>

<https://www.merriam-webster.com>

<https://www.etymonline.com>

<https://www.iup.edu/writingcenter/writing-resources/style/using-non-sexist-language/>

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>

## Capítulo 3



25º CONGRESSO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
da Universidade de Brasília

16º CONGRESSO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
do Distrito Federal

# ETIMOLOGIA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LÍNGUA INGLESA

Luís Filipe Soares Escobar; Gladys Quevedo-Camargo  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução — LET



## INTRODUÇÃO

Utilizando-se da **etimologia** - área de conhecimento que investiga a história das palavras e também reporta mudanças dramáticas no significado delas (DURKIN, 2009) - esta pesquisa constituiu-se em um estudo aprofundado sobre a origem de expressões idiomáticas presentes na língua inglesa.

## METODOLOGIA

A pesquisa teve **caráter qualitativo** e foram feitas pesquisas bibliográficas (CRESWELL, 2003; DORNEY, 2007) através de **livros e internet** com o objetivo de identificar o maior número de expressões possível. Com esse número já definido, uma categorização teve de ser realizada para aprofundar os termos mais relevantes que seriam, de fato, estudados, entendidos e transformados em linguagem mais fácil para todos, já que o objetivo geral do trabalho é a transformação da pesquisa em algo interessante e acessível ao público geral.

## RESULTADOS

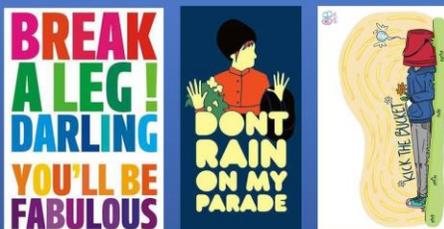
Os resultados presentes foram divididos em **três categorias** distintas para melhor entendimento das expressões apresentadas, são elas:

Expressões com palavras relacionadas à natureza e/ou a fenômenos da natureza	<i>to rain on someone's parade;</i> <i>under the weather;</i> <i>to beat around the bush</i>
Expressões com palavras relacionadas a partes do corpo humano	<i>break a leg;</i> <i>cold shoulder</i>
Expressões que contenham em sua forma objetos em geral	<i>to kick the bucket;</i> <i>to bite the bullet;</i> <i>off the hook</i>

## *to rain on someone's parade*

Presente na expressão *to rain on my parade* se tem uma discrepância entre duas palavras: *rain* e *parade* (chuva e desfile), as quais não combinam muito bem juntas em uma mesma frase. Caso você tenha alguma celebração, festa ou até mesmo um desfile propriamente dito ao ar livre e chova nesse dia, certamente seus planos serão estragados. Essa é a ideia por trás dessa expressão idiomática: **estragar e/ou tirar o entusiasmo dos planos de alguém ou até mesmo acabar com um momento de diversão ou celebração.**

De acordo com AMMER (2011), a expressão existe desde pelo menos 1900, no entanto, é praticamente impossível encontrar qualquer menção à expressão que date de antes do ano 1964. Nesse ano foi lançada a música "*Don't Rain On My Parade*", escrita por Bob Merrill e composta por Jule Styne. A canção era cantada durante o musical *Funny Girl*, o qual virou um marco entre os grandes sucessos da Broadway. Acredita-se, portanto, que a música foi responsável por trazer a expressão para o *mainstream* através da arte.



## CONCLUSÃO

Levando em consideração que a língua muda porque o mundo muda (TRASK, 2009), essa pesquisa considerou as **mudanças linguísticas e sócio-histórico-culturais** presentes até o certo momento na língua inglesa e apresenta a história dessas mudanças de forma fácil, sucinta e cativante.



# ETIMOLOGIA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LÍNGUA INGLESA

Luís Filipe Soares Escobar<sup>46</sup> e Gladys Quevedo-Camargo<sup>47</sup>

## Introdução

Quando há necessidade de traduzir um conteúdo de uma língua para outra, deve-se prestar bastante atenção ao que chamamos de expressões idiomáticas, pois elas não podem ser levadas em consideração pelo seu sentido denotativo, ou seja, pela literalidade. A expressão idiomática é um mecanismo de linguagem utilizado para produzir um efeito figurado, conotativo, e por isso é preciso estar atento a elas. Essa pesquisa visa desenvolver justamente a etimologia de algumas dessas expressões da língua inglesa, de forma qualitativa, para entender os contextos sócio-histórico-culturais advindos de cada uma delas.

Muitas vezes não sabemos a origem das expressões que utilizamos no dia-a-dia, porque falamos que estamos *under the weather* quando estamos num dia ruim? Por que desejamos que a pessoa *break a leg* quando queremos desejar boa sorte? Essas são questões que o estudo etimológico responde. Voltando à tradução, é preciso conhecer as correspondências e divergências entre as expressões na língua inglesa e no português (ou qualquer outra língua para/de qual se esta traduzindo) para não cometer erros, o que pode ser um desafio. A correspondência sintática entre *kick the bucket* e ‘chutar o balde’ é total, porém a correspondência semântica não (e veremos no decorrer do artigo o porquê). Tal diferença torna-se um desafio para o estudante da língua e para o tradutor, mas a pesquisa etimológica pode ser uma solução.

O presente artigo se divide em cinco partes: Introdução, onde é dado um contexto e objetivo gerais deste; Embasamento Teórico, onde é apresentada uma visão geral teórica a respeito da etimologia e suas características; Metodologia, onde apresentamos o caminho que percorremos desde a seleção das expressões até a finalização do trabalho; Resultados, onde são apresentados os termos pesquisados e suas explicações etimológicas; e Conclusão, onde retomamos os pontos principais e finalizamos o artigo.

---

<sup>46</sup> Graduando do curso de Letras Inglês Tradução da Universidade de Brasília.

<sup>47</sup> Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília e orientadora do Projeto *English Nuggets*.

## 1. Embasamento teórico

Diferentemente de áreas dentro da linguística como a fonologia, a morfologia, a semântica e a sintaxe, a história das palavras e de onde elas vieram quase nunca poderá ser explicada em apenas um nível linguístico (DURKIN, 2009). Para isso, existe a etimologia, área de conhecimento que investiga a história das palavras e também reporta mudanças dramáticas no significado delas (DURKIN, 2009).

O estudo etimológico pode ser definido como a aplicação de diversas áreas da linguística histórica – no nível da palavra, pois a etimologia, via de regra, trata de termos individuais – para reconstruir a história de um termo e também a história de uma língua (DURKIN, 2009). Essa reconstrução ajuda as diversas áreas da linguística que não atuam diretamente na história da palavra, mas que se utiliza dessa fonte para verificações pontuais.

Essa pesquisa, porém, tratará de termos que não são constituídos por uma palavra única, e sim por uma frase fixa de duas ou mais palavras: a expressão idiomática. Segundo Flavell e Flavell (1992), a expressão idiomática é uma “anomalia da linguagem”, pois ela quebra as regras da semântica e da sintática de uma língua, ou seja, seu significado literal e suas regras gramaticais (FLAVELL; FLAVELL, 1992). As expressões idiomáticas são interessantes e, de certa forma, engraçadas pois elas podem ter um sentido literal em certo contexto – que geralmente não é o sentido desejado – e outro sentido figurado totalmente diferente (FLAVELL; FLAVELL, 1992).

Nos estudos de etimologia e também na tradução, as expressões idiomáticas tem um grande valor. É imprescindível conhecer as frases específicas que tenham sentidos figurativos para não cometer erros enquanto se trabalha e utiliza a língua. Na etimologia também é preciso reportar, continuamente, as mudanças que possam vir a acontecer na semântica dessas expressões. A mudança de significado pode vir a acontecer dia após dia e é mais fácil de ocorrer, diferente de outros recursos linguísticos como a gramática e a fonética (TRASK, 2009), por isso o trabalho etimológico costuma ser extenso. Desse modo, as expressões idiomáticas pesquisadas nesse artigo podem vir a mudar a qualquer momento, e um significado novo além do que se conhece hoje pode vir a surgir. Esse é o curso natural da língua; e nas palavras de Trask (2009), “a língua muda porque o mundo muda”<sup>48, 49</sup>.

## 2. Metodologia

---

<sup>48</sup> *The language changes because the world changes.*

<sup>49</sup> Todas as traduções feitas são de nossa responsabilidade, com exceção de quando indicado o contrário.

O tipo de pesquisa feita nesse artigo é qualitativa na forma de pesquisa bibliográfica, ou seja, são utilizadas referências subjetivas como textos e narrativas para chegar ao resultado. Diversos tipos de materiais foram consultados, a maioria deles livros acadêmicos e dicionários de expressões, porém também recorremos a sites e arquivos da internet. Foram necessários vários passos pré-estabelecidos e metódicos de forma a organizar melhor o trabalho.

O primeiro passo foi identificar o maior número de expressões idiomáticas em língua inglesa que pudessem ser interessantes para os objetivos do trabalho e também do produto derivado deste, principalmente aquelas que têm formas mais distantes da língua portuguesa e não podem ser facilmente entendidas apenas por uma tradução livre. Depois de obter esse grande número de expressões, o próximo passo foi categorizar os resultados, colocando-as em grupos definidos por afinidade a fim de tornar a pesquisa e escritura do artigo mais fácil e coesa.

Com as categorias de expressões já definidas, foi preciso escolher representantes dos grupos definidos para se aprofundar e explicar com maior clareza do que se tratava. Na parte inicial da pesquisa, 16 potenciais expressões foram encontradas, no entanto nem todas as expressões foram utilizadas. Das dezesseis, apenas oito expressões foram pesquisadas mais a fundo e estão presentes nos resultados desse artigo.

As categorias escolhidas para serem apresentadas nesse artigo foram: expressões com palavras relacionadas à natureza e/ou a fenômenos da natureza, como as expressões *to rain on someone's parade*, *to be under the weather* e *to beat around the bush*; expressões com palavras relacionadas a partes do corpo humano, como as expressões *to break a leg* e *cold shoulder*; e expressões que contenham em sua forma objetos em geral, como as expressões *to kick the bucket*, *to bite the bullet* e *let someone off the hook*.

### 3. Resultados

#### 3.1. Expressões com palavras relacionadas a natureza e/ou fenômenos da natureza

##### 3.1.1. *to rain on someone's parade*

Está presente na expressão *to rain on my parade* uma discrepância entre duas palavras: *rain* e *parade* (chuva e desfile), as quais não combinam muito bem juntas em uma mesma frase. Caso você tenha alguma celebração, festa ou até mesmo um desfile propriamente dito ao ar livre e chova nesse dia, certamente seus planos serão estragados. Essa é a ideia por trás dessa expressão idiomática: estragar e/ou tirar o entusiasmo dos planos de alguém ou até mesmo acabar com um momento de diversão ou celebração.

De acordo com Ammer (2011), a expressão existe desde pelo menos 1900; no entanto, é praticamente impossível encontrar qualquer menção à expressão que date de antes do ano 1964. Isto se dá, pois, nesse ano foi lançada a música *Don't Rain On My Parade*, escrita por Bob Merrill e composta por Jule Styne. A canção era cantada durante o musical *Funny Girl*, o qual virou um marco entre os grandes sucessos da *Broadway*. Acredita-se, portanto, que, mesmo a expressão já sendo existente ou não, a música foi responsável por trazê-la para o *mainstream* através da arte. A partir deste momento, a frase começou a ser utilizada também com um sentido mais figurado, como mostra Ammer (2013) ao mencionar o jornal americano *The New York Times*:

O partido trabalhista opositor, o qual há tanto tenta estragar os planos políticos dos Lordes, está mais uma vez apontando para aqueles homens e mulheres.<sup>50</sup> (Sheila Rule, *The New York Times*, 1990 *apud* AMMER, 2013, p. 364)

No exemplo acima, Sheila Rule utiliza a expressão num ambiente político, enquanto falava sobre um plano para substituir a Câmara dos Lordes da Grã-Bretanha por uma segunda câmara eleita. No português, as expressões equivalentes para *to rain on someone's parade* podem ser 'cortar o barato', 'estragar a festa', 'arruinar', dentre outras.

### 3.1.2. *under the weather*

A expressão *under the weather* significa 'estar mal de saúde, doente', e todas as suas explicações apontam para uma origem etimológica intrinsecamente relacionada à prática marítima. De acordo com Ammer (2011), a frase pode ser entendida como uma alusão às condições climáticas que fazem a pessoa se sentir enjoada e doente, principalmente em barcos e navios, porém não se excluindo aviões, carros, etc, atualmente. No entanto, ainda de acordo com a autora, as primeiras utilizações não usavam a expressão para descrever alguém de fato doente, apenas alguém enjoado devido às condições climáticas.

As explicações de Kipfer (2008) e do site *The Phrase Finder* também corroboram a teoria apresentada por Ammer, pois apresentam uma expressão de cunho marítimo. O primeiro escreve que as primeiras referências de utilização da expressão condizem com o fato de estar presente no lugar e na hora erradas, ou seja, no alto mar no momento que o clima fica ruim, geralmente com chuva. Já o *Phrase Finder* explica que quando um marinheiro se sentia mal, este era mandado para o porão abaixo do barco, onde poderia

---

<sup>50</sup> *But the opposition Labor Party, which has long sought to rain on the Lords' political parade, is once again aiming at those men and women*

se recuperar e ficar “abaixo do deque e longe do ar livre” (THE PHRASE FINDER, 2004).

Por fim, Hendrickson (2008) nos traz uma explicação etimológica mais completa e que, não subestimando as explicações anteriormente mencionadas, faz mais sentido etimologicamente falando. Quando o autor Donald Grant Mitchell lançou o seu livro *Reveries of a Bachelor* (1850) sob o pseudônimo Ik Marvel – curiosamente o resultado de um erro de impressão para J. K. Marvel – este foi o primeiro a empregar um uso da expressão *under the weather* de forma figurada. Hendrickson (2008) defende que esse foi o momento de origem da frase e ainda nos traz os diversos significados que a expressão teve até chegar no significado de ‘estar doente’ atual, como: “‘enfermo e indisposto’, ‘financeiramente constrangido’, ‘bêbado’ e até mesmo um sinônimo para o ‘desconforto que acompanha a menstruação’” (HENDRICKSON, 2008, p. 855).

### 3.1.3. *to beat around the bush*

Ao contrário da maioria das expressões identificadas e explicadas nesta pesquisa, a expressão *to beat around the bush* tem um senso quase que comum acerca de quando e como ela surgiu. É fato que a expressão tem na sua história e etimologia uma relação com a caça de animais praticada antigamente; talvez seja por isso que a expressão data do século XVI, como visto no livro *Vulgaria*, de Robert Whittington (ou Whytyngton), publicado em 1520.

Ammer (2011) explica que os caçadores daquela época precisavam bater nos arbustos para conseguir abater e conseguir a caça. No entanto, quando o caçador fazia demasiado movimento nos arbustos e não conseguia abater animal algum por um bom tempo, a expressão começou a ganhar significado.

Seguindo essa mesma linha, Flavell e Flavell (1992) relatam que os caçadores também tinham o hábito de contratar pessoas para fazer esse trabalho de bater nas árvores e arbustos – os *beaters*. Os batedores mexiam a vegetação a fim de espantar e afugentar a caça para fora da área de cobertura das árvores, para que então o caçador pudesse abater a caça facilmente. Não só os batedores faziam esse trabalho, como também tinham a missão, segundo Hendrickson (2008), de tomar cuidado para não assustar os pássaros cedo demais, situação na qual o caçador não conseguiria dar um tiro certo. Essa última explicação consegue evidenciar o motivo da expressão ser usada como sinônimo de ‘dizer algo com cautela excessiva’.

O etimologista Ernest Weekley, porém, acredita que a expressão como conhecemos hoje é uma combinação de duas expressões mais antigas: *I will not beat the bush that another may have the bird* – algo como ‘eu não baterei no arbusto pode ter um pássaro que alguém está caçando’ – juntamente com *to around the bush*, frase usada quando um cão hesitava ao rodear um arbusto (HENDRICKSON, 2008, p. 69).

O *Cambridge International Dictionary of Idioms* (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1998) traz uma definição interessante para frase “evitar falar sobre uma situação difícil ou constrangedora pois se tem medo de magoar a pessoa com quem se está falando”<sup>51</sup>. Como já dito anteriormente, a expressão pode ser usada para dizer algo com cautela, assim como um sinônimo para uma situação na qual alguém demora demais para dizer algo. Em português ‘bater em volta do arbusto’ não faria sentido algum, então a expressão poderia ser traduzida como ‘enrolar’, ‘divagar’, ‘encher linguiça’ e ‘fazer ardeios’.

### 3.2. Expressões com palavras relacionadas a partes do corpo humano

#### 3.2.1. *break a leg*

*Break a leg* é uma expressão que, diferentemente da maioria das outras escolhidas para compor esse artigo, não tem um sentido diferente caso seja traduzida para o português. A correspondência ‘quebre a perna’ é literal e tem o mesmo sentido da expressão em inglês, utilizada para desejar boa sorte. Quando levados a pensar em expressões com partes do corpo humano essa vem logo à mente pela sua característica intrínseca na língua. Mas de onde veio essa expressão, e porque desejar que alguém se machuque no intuito de obter um resultado positivo?

Existem diversas teorias e até uma certa disputa acerca de quando e onde esse “recurso aparentemente desagradável” (AMMER, 2011, p. 50) surgiu. A culpa, por assim dizer, é dos atores de teatro que possuem uma série de superstições dentro e fora do palco, entre elas a de que “pessoas acreditam que se você disser ‘boa sorte’ para um ator, você lhe trará má sorte” (CAMBRIDGE, 1998, p. 223). Por volta de 1670, a expressão era utilizada com o sentido de ‘dar à luz a um bastardo’, porém esse significado foi se perdendo no tempo. O seu uso como conhecemos atualmente data já do século XX em revistas e jornais de grande importância nos Estados Unidos, como na revista *The Charleston Gazette*, que, em maio de 1948, citou *break a leg* enquanto respondia uma pergunta sobre as superstições do teatro.

Outra perspectiva para entender a origem da expressão pode ser tentar buscar estudar os significados do verbo *break*. Acredita-se que, nesse caso, a palavra quebrar quer dizer ‘colocar muito esforço em algo tão grande a ponto de quebrar’, ou seja, dar o melhor de si em uma apresentação, como se aquela fosse a última. Esse sentido é visto nos jornais *Evening State Journal*, de Nebraska e *The Hammond Times*, da Indiana, em 1937 e 1942, respectivamente (THE PHRASE FINDER, 2019).

A teoria mais aceita, porém, é a de que a expressão vem da saudação hebraica *hatzlakha u-brakha*, a qual posteriormente virou *Hals und Beinbruch* no alemão, que logo

---

<sup>51</sup> *To avoid talking about a difficult or embarrassing situation because you are worried about upsetting the person you are talking to.* (CAMBRIDGE, BEAT ABOUT/AROUND THE BUSH, 1998, p. 54).

depois virou *break a leg* em inglês. O período era a 1ª Guerra Mundial e os aviadores utilizavam tal dito para, jocosamente, desejarem uns aos outros o bem. Em seguida, a expressão foi se espalhando tanto na Alemanha como nos Estados Unidos, sendo fortemente adotada no ramo teatral, mas ficando conhecida por todos os falantes da língua, e tornando-se uma expressão muito conhecida e utilizada. Atualmente, a expressão é de uso mais geral; no entanto é dita principalmente para artistas de todos os tipos, quando estão prestes a subir ao palco.

### 3.2.2. *cold shoulder (to give somebody a)*

A expressão *cold shoulder* não pode ser traduzida para ‘ombros gelados’ na nossa língua, pois não faz sentido algum para nós, mas tem muito a ver com as palavras ombro e gelado, separadamente. Esta é uma expressão idiomática do inglês que não tem muitas especulações acerca da sua origem.

De acordo com Ammer (2011), a expressão data do início do século XIX e era frequentemente usada por Sir Walter Scott – poeta, romancista, historiador e biógrafo escocês. Acredita-se que a expressão tenha sua origem relacionada à qualidade da comida servida aos convidados na casa de alguém. Quando o hóspede era querido ou havia acabado de chegar, os anfitriões lhe serviam comida boa e quente. Quando o mesmo hóspede prolongava sua estadia, no entanto, era-lhe servida comida de menor qualidade e fria, geralmente carne de ombro de cordeiro ou vaca.

Outros livros e fontes, como os livros *Phraseology: Thousands of Bizarre Origins, Unexpected Connections, and Fascinating Facts about English's Best Expressions* (KIPFER, 2008), *Cambridge International Dictionary of Idioms* (CAMBRIDGE, 1998) e *Dictionary of Idioms and Their Origins* (FLAVELL; FLAVELL, 1992), reiteram a explicação etimológica apresentada por Ammer. Este último, porém, adiciona algumas curiosidades extras não apresentadas nas fontes citadas anteriormente. Flavell e Flavell (1992) adicionam que o convidado poderia ser, além de um que prolongou demasiadamente sua estadia, um que estava apenas de passagem e era possivelmente indesejado. Sobre as carnes servidas, ele também escreve que, além de frias, eram provavelmente, sobras do jantar que havia sido servido na noite anterior. Para exemplificar o uso dessa expressão, Flavell e Flavell (1992) trazem uma parte do *The Times*, publicado em janeiro de 1992:

Eu recentemente comprei um acessório bem caro para gatos, que por alguma razão não recebeu vivas de apreciação. De fato, ele foi completamente deixado de lado. Chamado de ‘berço de gato’, é uma

rede coberta de lã, que se prende a um radiador. O gato fica suspenso num casulo de calor.<sup>52</sup> (FLAVELL; FLAVELL, 1992, p. 59)

No exemplo acima já podemos observar uma mudança na utilização da expressão devido à expansão e derivação, agora num sentido de verbo, ação. O dicionário Cambridge também mostra um exemplo, dessa vez mais simples: *After their argument, Peter cold-shouldered Jonathan for the rest of the week.* (Depois da discussão, Peter esnobou Jonathan pelo resto da semana).

Em suma, o significado de *cold shoulder* pode ser dito como o ato de destratar alguém ou fazer pouco caso de alguma pessoa por motivos que ela geralmente desconhece. Para objetivos de tradução pode-se utilizar ‘dar um gelo’, ‘dar de ombros’, ‘esnobar’, ‘ignorar’ ou ‘tratar com desprezo’.

### 3.3. Expressões que contenham em sua forma objetos em geral

#### 3.3.1. *to kick the bucket*

A expressão *to kick the bucket* até tem um correspondente em português caso a tradução literal seja feita, ‘chutar o balde’, porém os significados são completamente diferentes. Em português, a expressão ‘chutar o balde’ significa desistir de algo, enquanto na língua inglesa ela é usada como um eufemismo para morte. Procurando simplesmente pela etimologia da palavra *bucket* é praticamente impossível descobrir de onde essa expressão vem. O *Dictionary of English* (1755) do Dr. Samuel Johnson define a palavra como um “recipiente onde a água é carregada, especialmente para se apagar fogo” e o *Oxford English Dictionary (OED)* define a palavra como vinda do francês antigo *buket* - banheira para se lavar ou balde de leite.

Estima-se que a expressão tenha origem no século XVI numa região da Inglaterra chamada Norfolk. Lá, a palavra *bucket* era usada de uma forma totalmente diferente e não tinha nenhuma relação com água ou leite. Derivada de uma outra palavra do francês antigo *buquet*, que no inglês virou *trebuchet* (trabuco, uma máquina de guerra com que se lançavam grandes pedras para abalar e destruir muralhas e torres), essa variação da palavra tem relação com o objeto utilizado para abater porcos na região. Quando os animais estavam sendo abatidos o barulho das patas batendo devido aos chutes nesse objeto fazia um barulho característico – daí vem o verbo *kick*, chutar na língua inglesa – dando origem a expressão agora famosa na língua inglesa.

---

<sup>52</sup> *I recently purchased a very expensive cat-accessory, which has somehow failed to elicit huzzahs of appreciation. In fact, it has been completely cold-shouldered. Called a ‘cat’s cradle’, it is a special fleecy-covered cat-hammock, which hooks on to a radiator. The cat is suspended in a cocoon of warmth.*

Existe também uma explicação religiosa para a origem da expressão. Em seu *Relics of Popery*, o bispo Abbot Horne explica que era tradição colocar um balde de água benta aos pés do corpo enquanto a pessoa estava sendo velada. Ao fim das orações, o corpo era benzido com a água do balde, por isso, o balde ficou intimamente ligado à imagem da pessoa morta, reforçando o significado da expressão em língua inglesa, apesar do morto não chutar o balde.

Por fim, hoje em dia existem outros tipos de especulações, talvez até mais mirabolantes e dramáticas para explicar a expressão. O balde, virado de ponta cabeça, faz referência ao lugar onde a pessoa, prestes a cometer suicídio, se apoia. Quando finalmente toma coragem, esta chuta o balde para morrer, dando a expressão também uma relação com o suicídio nos dias atuais (GAMES, 2008, p. 197).

### 3.3.2. *to bite the bullet*

A expressão *to bite the bullet* é uma daquelas que não fazem o menor sentido caso seja trazida para a língua portuguesa (morder a bala), e o mistério por trás da origem da expressão faz com que várias explicações sejam dadas; no entanto, umas são mais críveis que outras. A primeira teoria é de que a origem da expressão venha da época do Império Britânico na Índia, por volta de 1858. Lá os soldados britânicos tinham que preparar as armas e colocar pólvora dentro dos invólucros das balas; após esse processo, as balas eram seladas com gordura animal – geralmente de porco ou vaca. Após seladas, a separação do invólucro da bala e da parte principal era muito difícil e só era possível ao morder a bala. Alguns soldados indianos, porém, eram relutantes em relação à prática, pois, comer carne de certos animais vai contra a religião desse povo. Esses soldados recebiam então a instrução *just bite the bullet!* (apenas morda a bala), daí uma possível origem da expressão (GRAMMAR MONSTER, 2019).

Uma outra explicação, essa sendo mais aceita que a primeira, está relacionada à medicina. Acredita-se que, por volta de 1861, durante a Guerra Civil americana, período em que as anestésias não existiam, quando os soldados precisavam ser operados, era-lhes dado uma bala para que mordessem e assim pudessem focar em outra coisa e canalizar o pensamento para evitar prestar atenção na dor sentida durante a cirurgia. Já foi especulado inclusive que, antes mesmo da bala, era oferecido um pedaço de madeira ou uma espécie de almofada de couro para que os pacientes mordessem. Há também a relação da palavra *billet* que antigamente era utilizada como madeira, que pode ter possivelmente virado *bullet*, nos dando uma explicação etimológica que faz sentido, mas que não tem nenhuma comprovação histórica de uso. A expressão *bite the billet* não tem correspondências históricas.

A origem relacionada à medicina é, portanto, a mais aceita e espalhada por vários sites na *Internet* e atestado pelo livro de Ammer (2011). O primeiro uso mais famoso dessa

expressão na literatura foi no livro *The Light That Failed* (1891), de Rudyard Kipling, que escreveu “Cerre os dentes, velho homem, e não os deixem pensar que estás com medo”<sup>53</sup> (AMMER, 2011, p. 37) e hoje a expressão possui um sentido figurado de ‘aguentar o tranco’, ‘cerrar os dentes’ ou ‘segurar a barra’ – isto é, encarar com coragem uma situação difícil. Temos também outros exemplos na literatura, como no livro de P. G. Wodehouse *The Inimitable Jeeves* (1923) onde ele escreve “Preparem-se e cerrem os dentes. Temo que trago más notícias”<sup>54</sup> (AMMER, 2011, p. 38).

### 3.3.3. *off the hook*

A expressão *off the hook* tem uma origem bem mais definida e menos controversa que as duas expressões apresentadas anteriormente. *Hook* é o objeto usado para pesca, anzol, por isso a teoria mais forte em relação à origem dessa expressão é relacionada à pesca. A analogia é sobre jogar um peixe que foi pescado de volta na água, salvando, assim, sua vida (AMMER, 2011). O termo *on the hook* data do século XVII, porém o termo como conhecemos atualmente é apenas registrado a partir do meio do século XVIII. Em seu livro *The Small House at Allington* (1864), Anthony Trollope escreve “*Poor Claude... he’s hooked, and he’ll never be off the hook again*” (AMMER, 2011, p. 309).

No entanto, Kipfer (2008) também traz uma segunda visão sobre a origem dessa expressão. No inglês *hook* também pode significar gancho, daí vem a relação da expressão idiomática com a telefonia. Se um telefone está fora do gancho (*off the hook*), ele não vai receber ligações indesejadas e/ou inesperadas, pois não vai tocar. A ideia, porém, é a mesma em ambos os casos.

Por fim, o significado de *off the hook* para nós em português pode ser entendido como um escape de alguma situação difícil, embaraçosa, ou de uma obrigação. Assim como o peixe é jogado de volta na água, sendo assim liberto da sua “condenação”, alguém que é deixado *off the hook* escapou de responder e ser responsabilizado por algo. Nos dias atuais a expressão está sendo usada em um sentido novo: para descrever algo legal, maneiro: *the party was off the hook!* (a festa foi maneira!); ou até mesmo uma moda nova e interessante: *these shoes are off the hook* (esses tênis são descolados), mas ainda assim o sentido *old school* permanece.

## Considerações finais

Lembrando do objetivo geral de conhecer e desenvolver a pesquisa etimológica de expressões idiomáticas da língua inglesa para entender os contextos sócio-histórico-

---

<sup>53</sup> *bite on the bullet, old man, and don’t let them think you’re afraid.*

<sup>54</sup> *brace up and bite the bullet. I’m afraid I have bad news.*

culturais advindos de cada uma delas, esta pesquisa fez, de forma qualitativa, uma pesquisa exploratória para aprofundar as oito expressões escolhidas, apresentadas de forma concisa e coesa. Algumas dessas expressões abordadas são totalmente diferentes de sua forma sintática correspondente – traduzida – na língua portuguesa, e isso se dá pela história de cada língua.

## Referências

AMMER, C. **The Facts on File Dictionary of Clichés**. 3ª ed. New York: Facts On File, 2011.

AMMER, C. **The dictionary of clichés**. New York: Skyhorse Publishing, 2013.

CAMBRIDGE. **Cambridge International Dictionary of Idioms**. 5ª ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

DE LIMA, D. **O que significa bite the bullet?** Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2014/10/o-que-significa-bite-bullet.html/> Acesso em: 27 mar. 2019.

DURKIN, P. **The Oxford guide to Etymology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

EDUCATION FIRST. **English Idioms**. Disponível em: <https://www.ef.com/wwen/english-resources/english-idioms/> Acesso em: 26 mar. 2019.

FLAVELL, L.; FLAVELL, R. **Dictionary of Idioms and their Origins**. London: Kyle Cathie Limited, 1992.

GAMES, A. **Kick the Bucket and Swing the Cat: English Words and Phrases, and Their Curious Origins**. BBC Books, 2008.

GRAMMAR MONSTER. **To Bite the Bullet (Origin)**. Disponível em: [https://www.grammar-monster.com/sayings\\_proverbs/bite\\_the\\_bullet.htm/](https://www.grammar-monster.com/sayings_proverbs/bite_the_bullet.htm/) Acesso em: 27 mar. 2019.

HENDRICKSON, R. **The Facts on File Encyclopedia of Words and Phrases Origins: Definition and Origins of More Than 15,000 Words and Expressions**. 4ª ed. New York: Facts On File, 2007.

HORNE, Rt. Rev. Abbot, F.S.A. **Relics of Popery**. Disponível em: <http://www.catholicpamphlets.net/pamphlets/Relics%20of%20Popery.pdf/> Acesso em: 27 mar. 2019.

KNOW YOUR PHRASE. **Rain On Your Parade**. Disponível em:  
<https://knowyourphrase.com/rain-on-your-parade/> Acesso em: 27 mar. 2019.

KIPFER, B.A. **Phraseology**: Thousands of Bizarre Origins, Unexpected Connections, and Fascinating Facts about English's Best Expressions. Illinois: Sourcebooks, 2008.

MCCARTHY, C. **Body idioms**. Disponível em:  
<https://www.ecenglish.com/learnenglish/lessons/body-idioms/> Acesso em: 26 mar. 2019.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Disponível em: <https://www.oed.com/> Acesso em: 26 mar. 2019.

THE PHRASE FINDER. **Feeling under the weather**. Disponível em:  
[https://www.phrases.org.uk/bulletin\\_board/28/messages/325.html/](https://www.phrases.org.uk/bulletin_board/28/messages/325.html/) Acesso em: 28 mar. 2019.

THE PHRASE FINDER. **Break a leg**. Disponível em:  
<https://www.phrases.org.uk/meanings/break-a-leg.html/> Acesso em: 28 mar. 2019.

TRASK, R.L.L. **Why Do Languages Change?**. New York: Cambridge University Press, 2009.

URBAN DICTIONARY. **Off the hook**. Disponível em:  
<https://www.urbandictionary.com/define.php?term=off%20the%20hook/> Acesso em: 29 mar. 2019.

WIKTIONARY. **Kick the bucket**. Disponível em:  
[https://en.wiktionary.org/wiki/kick\\_the\\_bucket/](https://en.wiktionary.org/wiki/kick_the_bucket/) Acesso em: 27 mar. 2019.

# Capítulo 4



## Etimologia de termos e estruturas gramaticais da língua inglesa

Mariana Costa Mezini; Gladys Quevedo-Camargo

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

### Introdução

A etimologia é um ramo da Linguística que estuda a origem das palavras e seu processo de transformação, tendo ela várias aplicações nas inúmeras áreas da linguística e no ensino da língua (DURKIN, 2009). Possibilitar ao aluno compreender a origem de determinadas palavras e expressões favorece a aquisição do vocabulário pelo fato de tal aquisição ser motivada e significativa (BOERS, DEMECHELEER e EYCKMANS, 2004). Dentre as inúmeras possibilidades de grupos lexicais a serem investigados, esta pesquisa concentrou-se nos termos gramaticais da língua inglesa.

### Metodologia

De natureza qualitativa e bibliográfica exploratória (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), esta pesquisa, feita a partir de livros, artigos, sites e blogs, esta pesquisa debruçou-se sobre a etimologia de termos gramaticais da língua inglesa de uso corrente, por meio da qual desenvolvemos uma linha temporal desde a sua primeira aparição até os dias de hoje.

### Resultados

#### GET:

Indo-European *ghed-* "seize" > Protogermânico *getan* "to try to get" > Antigo Nórdico *geta* "to obtain, reach" > Inglês Moderno *get*

#### HAVE

Indo-Europeu *kap-*. > Proto-Germânico *khaben-*. > Inglês Antigo *habban* "possuir" > Inglês Moderno *have* "ter".

Palavra	Classe	Palavra	Classe
Get	Verbo	Was/Were	Verbo (Passado)
Get	Substantivo	Have	Verbo (Infinitivo)
Got	Verbo (Participio Passado)	Should/Ought	Verbo (Modal)
Be	Verbo (Infinitivo)	May/Might	Verbo (Modal)
Am/Is	Verbo (Conjugado)	Must	Verbo (Modal)
Being	Verbo	Will/Would	Verbo (Modal)

### Conclusão

Nesta pesquisa verifica-se que o estudo da etimologia revela não somente a trajetória da palavra ao longo do tempo, mas também as motivações e forma de pensar dos falantes daquela língua. Além disso, o conhecimento da origem de termos gramaticais tem potencial para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da língua em questão.

### Referências

- DURKIN, P. *The Oxford guide to Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- BOERS, F.; DEMECHELEER, M.; EYCKMANS, J. Etymological elaboration as a strategy for learning idioms. In: BOGAARDS, P.; LAUFER, B. (Eds.) *Vocabulary in a second language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004, p. 53-78.
- CRESWELL, J. *Research design: qualitative, quantitative and mixed method approaches*. 2nd edition. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2003.
- DORNYEY, Z. *Research methods in Applied Linguistics: qualitative, quantitative and mixed methodologies*. Oxford: Oxford University Press, 2007.



# ETIMOLOGIA DE TERMOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA INGLESA

Mariana Mezini<sup>55</sup> e Gladys Quevedo-Camargo<sup>56</sup>

## Introdução

Em sua obra *The Oxford Guide to Etymology*, Durkin (2009) nos dá uma ideia do que seria a etimologia e qual a sua função. De acordo com o autor, etimologia pode ser definida como a área da Gramática que se ocupa em investigar a história do léxico (ou vocabulário) de uma língua (DURKIN, 2009). Diferente das outras áreas da linguística, como a fonética e a morfologia, que são áreas autossuficientes e não são interdependentes, a etimologia lança mão de conhecimentos de outras áreas, tornando-se assim um ramo extremamente complexo e completo.

A partir dessa visão sobre a etimologia, podemos nos perguntar: de que serviria entender a transformação das palavras nos dias de hoje, e especialmente no aprendizado da língua inglesa? Para que seria útil entender esse processo para o estudante da língua estrangeira? Em vista desses questionamentos, podemos dizer que o entendimento da etimologia das palavras auxilia na assimilação das palavras e contribui para que elas sejam mais bem utilizadas; as palavras e seus usos passam a ter sentido, facilitando o aprendizado do aluno.

A partir dessa perspectiva, o objetivo deste capítulo é apresentar a análise de algumas estruturas gramaticais comuns da língua inglesa sob uma visão etimológica, e mostrar como essas estruturas foram sendo alteradas até chegar à forma atual, de maneira que o resultado possa ser aproveitado nas diversas áreas do estudo da língua inglesa.

Este capítulo organiza-se da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos alguns aspectos teóricos ao tratar da relação entre o léxico da língua inglesa, a constituição sócio-histórica de seus falantes e a origem da própria língua. Na sequência, discorreremos sobre a metodologia usada na busca dos termos analisados. Depois, apresentamos os termos gramaticais selecionados e a análise etimológica de cada um. Encerramos com algumas reflexões sobre a importância da etimologia na aprendizagem de línguas.

---

<sup>55</sup> Graduanda do curso de Letras Inglês Tradução da Universidade de Brasília.

<sup>56</sup> Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília e orientadora do Projeto *English Nuggets*.

## 1. Léxico e constituição sócio-histórica

A ampliação do conhecimento lexical em uma língua estrangeira é crucial para o desenvolvimento das competências comunicativas do aprendiz. Segundo Boers, Demecheleer e Eyckmans (2004), possibilitar ao aluno compreender a origem de determinadas palavras e expressões favorece a aquisição do vocabulário pelo fato de tal aquisição ser motivada e significativa.

O conhecimento da origem das palavras e expressões de uma língua é importante para despertar nos aprendizes de línguas, e particularmente nos futuros profissionais de Letras/Inglês, a consciência da constituição sócio-histórica, cultural e ideológica da Língua Inglesa e dos diferentes povos que a utilizaram e utilizam até os dias de hoje. Isso é particularmente relevante no caso da Língua Inglesa devido ao seu caráter de língua franca mundial e ao seu papel na globalização.

A sócio-história humana é o elemento primordial para a compreensão do desenvolvimento e do funcionamento das condutas humanas, incluindo a linguagem. A importância da linguagem para o desenvolvimento humano é ressaltada por dois grandes pensadores russos do século XX: Bakhtin, para quem a linguagem é o instrumento fundador e organizador dos processos psicológicos (percepção, cognição, sentimentos, emoções) (BAKHTIN, 1997), e Vygotsky, que defende que a linguagem não é a expressão do pensamento humano, mas sim sua realização (VYGOTSKY, 1987).

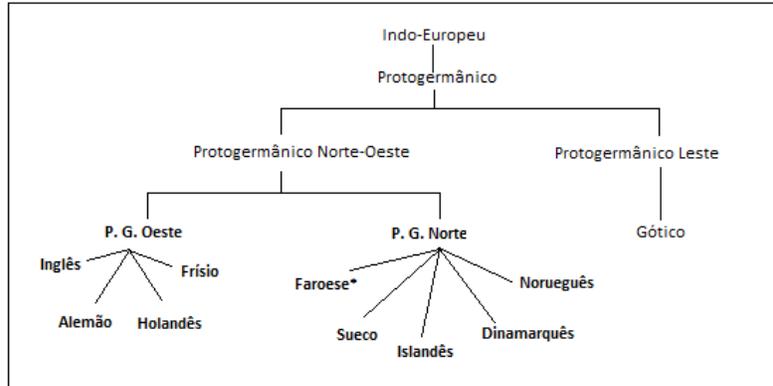
O léxico das línguas ilustra bem essa visão de linguagem e desenvolvimento humano, pois se constitui de palavras e expressões carregadas de traços sociais, culturais, históricos e ideológicos provenientes de diferentes povos. Essa percepção será ampliada na próxima seção, ao tratarmos da origem da língua inglesa.

### 1.1. A origem da Língua Inglesa

Através de reconstruções do Sânscrito, língua que se desenvolveu na região da Índia há mais de três mil anos, pesquisadores puderam reestruturar como teria sido a primeira língua da região Indo-Europeia, o Indo-Europeu. Dessa raiz, surgiram outros braços linguísticos que deram origem às línguas que conhecemos hoje. Dentre as mais conhecidas, temos como exemplo, o Persa, o Curdo, o Hindu e o Punjabi, que são classificadas como línguas de origem Indo-Iranianas, o Russo, o Ucraniano, o Eslavo e o Búlgaro, que são as de origem Indo-Eslava, e o Inglês, o Alemão, o Escocês, o Sueco, o Islandês e o Dinamarquês, são chamadas de origem línguas Indo-Germânicas.

Tendo como foco a língua inglesa, foi possível fazer seu trajeto de desenvolvimento, saindo do Indo-europeu até ao Inglês como o conhecemos hoje.

**Figura 1:** Árvore Genealógica da Língua Inglesa



Fonte: as autoras, com base em Durkin (2009)

O Indo-Europeu deu origem a uma outra língua chamada Protogermânico; acredita-se que ela surgiu há cinco mil anos na região onde hoje é o Reino Unido, Bélgica e Alemanha, e os povos que ali viviam foram se espalhando até a Irlanda, Noruega, Suécia e Finlândia.

O Protogermânico se dividiu em dois ramos: O Protogermânico Norte-Oeste e o Protogermânico Leste. O Protogermânico Leste deu origem ao Gótico, língua pertencente aos Godos, povo pertencente originalmente à Península Escandinávia por volta do século III d.C. Os Godos se dividiram em duas tribos, os Ostrogodos, que viviam à leste do rio Dnieper, enquanto os Visigodos viviam à oeste. Infelizmente, a língua Gótica foi extinta, pois os Ostrogodos se moveram para a Itália, e após a queda do Império Romano para o Império Bizantino, a língua deixou de ser falada.

Os Visigodos se deslocaram para a França e a Espanha, sendo que na Espanha, a língua permaneceu viva até a conquista árabe em 711. Os descendentes dos Visigodos que se estabeleceram na Península da Crimeia mantiveram a língua até o século XVI, e depois disso, ela desapareceu.

O Protogermânico Norte-Oeste se dividiu em Norte e Oeste, sendo que o Norte veio dar origem ao Islandês, ao Dinamarquês, ao Norueguês, ao Sueco e à língua feroesa ou Feroês, língua das Ilhas Feroe, que são um território dependente da Dinamarca, localizado no Atlântico Norte entre a Escócia e a Islândia. Já o Protogermânico Oeste veio dar origem ao Inglês, ao Frísio, à língua falada nos Países Baixos (Holanda) e em partes da Alemanha, ao Alemão e ao Holandês. É importante notar que alguns pesquisadores acreditam que o Inglês passou pelo Anglo-Frisão antes de ser reconhecido como Inglês de fato.

O Inglês, depois da divisão do Protogermânico Oeste, se dividiu no tempo em três: Inglês Antigo ou Anglo-Saxão, Inglês Médio e Inglês Moderno. Acredita-se que o Inglês Antigo é datado de 449 a 1100; essa era a língua das tribos germânicas Anglo e Saxões, que invadiram a Inglaterra junto com os Celtas, e lá permaneceram até a chegada dos Normandos, e logo em seguida o Império Romano. Graças ao contato com línguas

de origem latina, através dos Normandos e Romanos, o Antigo Inglês sofreu alterações. É por isso que no Inglês Contemporâneo temos a palavra *pig* e a palavra *pork*. As duas significam 'porco', mas uma é de origem Anglo-Saxã, e se referia ao porco que era criado no chiqueiro, e a outra é de origem latina, que se refere ao porco morto e assado, que era servido ao Normando.

Depois da conquista Normanda, o Inglês Antigo passou para o Inglês Médio, transição que ocorreu de 1100 até 1500 d.C. A partir desse período, o Inglês passou a receber palavras de origem escandinava e nórdica, como as utilizadas para nomear objetos da vida cotidiana. Foi nesse período que a Ilha, até então chamada assim, antes de se tornar Inglaterra, começou a se urbanizar, e junto com a urbanização surgiram a escrita e os livros. William Caxton foi considerado o primeiro impressor de livros, que eram feitos em blocos de madeira; em 1491, um pouco antes de sua morte, ele havia publicado por volta de cem volumes. Nenhum deles em Latim, mas em sua língua materna, o Inglês Médio.

Também foi nesse período que um dos mais famosos e sangrentos poemas da literatura Inglesa, escrito anonimamente num mosteiro, foi publicado: *Beowulf*. Os historiadores comentam esse fato cômico, de um poema tão assustador, recheado de cenas de morte, sexo e figuras aterrorizantes, ser escrito dentro de um mosteiro cristão. Acreditam que o sangue dos germânicos, quente, fervoroso, e treinado para guerra ainda residia no corpo dos novos cristãos que ainda não haviam se acostumado com a mansidão do Cristianismo.

Por fim, temos o Inglês Moderno, cuja mudança ocorreu de 1500 a 1660, período da expansão britânica. As maiores mudanças aconteceram no campo fonético, em que vogais que eram pronunciadas fechadas passaram a ser pronunciadas abertas. Também houve grande influência americana e africana devido à colonização.

## **2. Percorso metodológico**

Esta foi uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, de fontes bibliográficas (GIL, 2002) como livros, capítulos de livros e artigos, inclusive os identificados no ambiente virtual. Sua metodologia obedeceu os seguintes passos:

- 1) Identificação do maior número possível de termos e estruturas gramaticais da língua inglesa;
- 2) Categorização dos termos e estruturas gramaticais identificados; e
- 3) Seleção dos termos e estruturas gramaticais representativos das categorias estabelecidas para o aprofundamento da pesquisa etimológica.

O objetivo geral deste trabalho foi pesquisar a etimologia de termos e estruturas gramaticais da língua inglesa, isto é, histórias relativas ao surgimento de palavras ou expressões que constituem o estudo gramatical, abrangendo seus aspectos semânticos e estruturais. Um exemplo clássico é a preposição *like*, homógrafa ao verbo *like*. A compreensão da origem de tais termos ou estruturas léxico-gramaticais auxilia grandemente o aprendiz em seu processo de aquisição da língua inglesa.

Por meio da pesquisa bibliográfica, e após cumprir as etapas 1 e 2, termos gramaticais foram selecionados:

**Quadro 1:** termos gramaticais selecionados para análise etimológica

<i>GET</i>	<i>BE</i>	<i>WAS</i>	<i>HAVE</i>	<i>SHOULD</i>	<i>MUST</i>
<i>GOT</i>	<i>AM</i>	<i>WERE</i>		<i>OUGHT</i>	<i>WILL</i>
	<i>IS</i>			<i>MAY</i>	<i>WOULD</i>
	<i>BEING</i>			<i>MIGHT</i>	

Fonte: as autoras, com base em Ayto (2005), Durkin (2009) e *Online Etymology Dictionary* (<https://www.etymonline.com/>)

Esses termos fazem parte do sistema verbal da língua inglesa e são extremamente comuns no uso diário. Na sequência, apresentamos a análise etimológica de cada um.

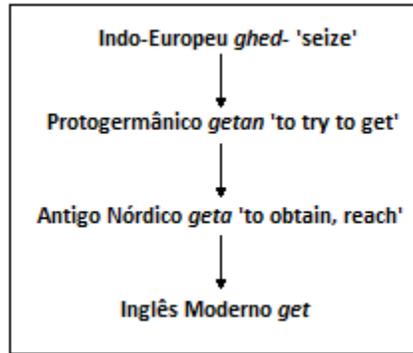
### 3. Análise etimológica dos termos selecionados

#### 3.1. *GET* (Verbo)

A palavra *get*, atualmente uma das mais usadas na língua inglesa, curiosamente surgiu por volta de oitocentos anos atrás (AYTO, 2005); um tempo relativamente curto se comparado com outras palavras que surgiram a mais de dois mil anos.

*Get* teve sua origem na palavra do Antigo Nórdico *geta*, que por sua vez veio do Protogermânico *getan*, que veio do Indo-Europeu *ghed-*, cujo significado é ‘aproveitar’ ou ‘agarrar’ (AYTO, 2005).

**Figura 2:** Variação etimológica da palavra *Get*



Fonte: as autoras, com base em Ayto (2005) e *Etimology dictionary*.

### 3.2. GOT (Particípio Passado de Get)

No século XVI, foi encontrada a primeira forma de particípio passado, *getten*, que deu origem, a *gotten*, uma inovação que apareceu no Inglês Antigo. *Got* se originou do *gotten*, e passou a ser a escrita oficial nos dois lados do Atlântico.

**Figura 3:** Variação Etimológica do Verbo *Got*



Fonte: as autoras, com base em Ayto (2005) e *Etimology dictionary*.

### 3.3. GET (Substantivo)

No início do século XIV, *get* foi registrado como substantivo, e tinha o significado de *offspring* (descendência) ou *child* (criança). Há duas hipóteses para a origem do *get* como substantivo; acredita-se que ele veio do *get* (verbo) ou da palavra *beget* (gerar).

### 3.4. BE (Verbo Infinitivo)

A palavra *BE*, que no Inglês é o verbo 'ser/estar' tem uma complexa história, e mais de uma origem. Acredita-se que sua forma tradicional, no infinitivo *Be* veio do Indo-

Europeu, da palavra *bheu-*, *bhu-*. Curiosamente, essa palavra, juntamente com outros sufixos e afixos, deu origem às palavras em Inglês *future* e *physical*.

### 3.5. *AM / IS* (Verbo *BE* Conjugado 1ª e 3ª pessoas do singular)

As formas conjugadas na primeira e terceira pessoa (*am* e *is*) também vieram do Indo-Europeu e eram pronunciadas, respectivamente, *ésmi* e *ésti*. Essas formas derivaram do verbo *be* (ser) indo-europeu que era pronunciado como *es-* ou *s-*, que por sua vez, exerceu uma poderosíssima influência sobre as outras línguas indo-europeias: Grego, Latim, Sânscrito, Francês e Gaulês.

Se analisarmos as formas verbais do verbo *ser* nessas línguas, veremos uma forte semelhança entre elas e o verbo *ser* indo-europeu (AYTO, 2005).

**Quadro 2:** Conjugação Verbal em Cinco Línguas Indo-Europeias.

Língua	Conjugação Verbal 3ª Pessoa do Singular
Grego	<i>Esti</i>
Latim	<i>Est</i>
Sânscrito	<i>Ásti</i>
Francês	<i>Est</i>
Gaulês	<i>Ys</i>

Fonte: AYTO (2005, p. 53)

Todas essas formas absorveram parte do verbo *es-* ou *s-* e mantiveram significado e semelhança em sua pronúncia.

### 3.6. *BEING* (Particípio presente do verbo *BE*)

Em sua forma *Being*, o verbo descende do ramo Germânico, da palavra *bu-*, que por um lado significa *dwel* (habitar) (AYTO, 2005), e por outro lado, significa *grow*, *become* (crescer, tornar-se). No primeiro caso, que se refere a palavra *dwel*, deu origem a outras palavras relacionadas a seu significado como *booth*, *bower*, *byre*, *build*, *burly*, *byelaw*, até chegarmos ao resultado de *neighbour*. No segundo caso, o verbo *being* absorveu parte do significado dessas duas palavras *grow* e *become*, e a partir do Inglês Antigo, o verbo passou a ter o senso de futuro, como ‘algo que vai se tornar’.

### 3.7. *WAS/ WERE* (Passado do verbo *BE*)

A forma passada do verbo *be* vem da palavra indo-europeia *wes-*, que significa *dwel*, *remain* (habitar, permanecer). Outras palavras em outras línguas apresentam semelhanças, como no Sânscrito *vásati* e no Gótico *wisan*. Todas elas têm o mesmo significado.

### 3.8. HAVE

Acredita-se que a origem do verbo *have* esteja na palavra indo-europeia *kap-*. Essa palavra deu origem a uma outra palavra, vinda do Proto-Germânico, *khaben*, que por sua vez gerou, em outras cinco línguas, as palavras *haben* (Alemão), *hebben* (Holandês), *ha* (Sueco), *have* (Dinamarquês) e *have* (Inglês). Em todas essas línguas, o significado do verbo permanece o mesmo e tem o sentido de posse.

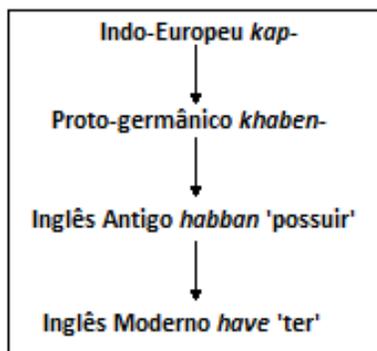
**Quadro 3:** O verbo Haver e seus semelhantes em 4 línguas.

Língua	Verbo
Alemão	<i>Haben</i>
Holandês	<i>Hebben</i>
Sueco	<i>Ha</i>
Dinamarquês	<i>Have</i>
Inglês	<i>Have</i>

Fonte: AYTO (2005, p. 262)

Algo interessante a se dizer a respeito da palavra indo-europeia *kap-* é que ela deu origem à palavra, no Inglês, *heave* e no Latim, *capere*; a palavra latina acabou influenciando o Inglês, que adotou a palavra, dando origem a outras como *capture* e *capable*.

**Figura 4:** Variação etimológica do verbo “Have”



### 3.9. SHOULD/ OUGHT (Verbo modal)

*Should* é uma palavra que veio conjugada no passado do verbo *shall*, que expressa dever ou obrigação. Essa palavra, por sua vez, veio do Inglês Antigo, da palavra *sceal*, cujo significado é o mesmo (*owe* – dever). Acredita-se que ambas existem desde 1200 a.C.

O que aconteceu ao longo do tempo foi que *should*, antes dependente e ligado a *shall*, se separou dele, se tornando uma palavra independente, e absorveu o significado de *shall* quase que por completo. Atualmente, *shall* é usado como verbo auxiliar que indica tempo futuro ligado ao sentido de ‘dever’, enquanto *should* passou a ter o sentido de ‘obrigação’, atuando como verbo modal.

Assim como *should*, *ought* também foi o passado de um verbo (*owe* – dever (dinheiro ou algo)), que por sua vez teve origem na palavra do Inglês Antigo *agan* e sua forma no passado *ahte*. Até o século XV, *ought* possuía o mesmo significado que *owe*, como podemos encontrar em Shakespeare, na obra *Henry IV*:

“*He said this other day, you ought him a thousand pound.*”

(*Shakespeare, 1596, The first part of King Henry the Fouth, Act III, Scene III*)

A partir do século XVI, o verbo *Ought* passou a sofrer mudanças de significado; ao invés de manter o significado de dever algo a alguém, passou a ter o sentido de ‘obrigação’, se tornando um verbo modal como *should*.

### 3.10. MAY/ MIGHT

A palavra *may* tem sua origem no Inglês Antigo *maeg* que significa *I am able* (sou capaz). Por sua vez, *maeg* veio da raiz Proto-Germânica *-mag*, cujo infinitivo é *maganan*, e significa *have power* (ter poder). Além de ser considerado um verbo modal, *may* também tem um significado não muito conhecido, que é, literalmente, ‘celebrar o Dia de Maio’. Acredita-se que *May*, como mês, tem sua origem sendo um adjetivo da palavra *Maia*, a deusa romana da Terra e esposa de vulcões.

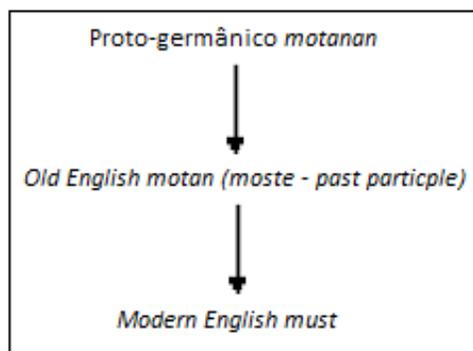
*Might* teve sua origem na mesma fonte que *may*, e se tornou um modal também. O substantivo é formado pelo sufixo germânico *-tiz*, que derivou para o Alemão e para o Dinamarquês a palavra *macht*, que significa ‘poder’.

### 3.11. MUST

Acredita-se que o verbo modal *must* tenha vindo do Inglês Antigo *moste*, que por sua vez era participio passado do verbo *motan*, e significava *have to* ou *be able to*. *Motan*

veio do Proto-Germânico *motanan*, cuja palavra dera origem a outras de outros idiomas como, no Antigo Frísio, *mota*.

**Figura 5:** Variação etimológica do verbo *Must*.



Fonte: as autoras, com base em Ayto (2005) e *Etimology dictionary*.

Além desse significado, *must* possui uma série de outros significados distintos:

- 1) Vinho novo (*new wine*): Inglês Antigo *must*, cuja origem é no Latim *mustum*;
- 2) Mofo (*mold*): notificada em 1600, talvez com uma formação anterior de *musty*;
- 3) Frenesi sexual em camelos, elefantes, etc.: Veio do Urdu, que por sua vez veio do Persa *mast*, que significa 'bêbado'. Notificada por volta de 1871.

### 3.12. WILL/WOULD

A palavra *will*, como substantivo, tem por significado 'desejo' ou 'vontade', e na sua forma verbal, expressa 'desejo de fazer algo'. Ao que se sabe, ambas as formas vieram do Indo-Europeu, *wel-/wol-* que significava *be pleasing* (ser agradável). A partir dessa palavra, surgiu *weljon*, que foi a responsável por dar origem ao substantivo *will*. O verbo *will* foi formado no período Proto-Germânico, a partir do substantivo *will*. Com relação ao verbo auxiliar, teve sua formação a partir da palavra Proto-Germânica *weljan*.

*Will* como significado de *Testamento* teve sua origem da palavra *willa*, que significa determinação, propósito, desejo, vontade. O uso dessa forma de *will*, no sentido de testamento foi datada a partir do século 14 d.C.

*Would* veio surgir séculos depois, no Inglês Antigo, a partir da palavra *wolde* e era usado para formar frases condicionais nesse mesmo período.

Após a apresentação das análises etimológicas desses termos gramaticais, passamos para as reflexões finais.

## Considerações Finais

Através dessa pesquisa foi possível perceber a trajetória de diversos termos gramaticais extramente comuns no dia-a-dia de quem estuda e/ou utiliza a língua inglesa. Espera-se que tal conhecimento ressalte a importância do estudo da etimologia para a língua e amplie o acesso das pessoas a tal patrimônio sócio-histórico e cultural.

## Referências

AYTO, J. **Word Origins**. 2<sup>nd</sup> Edition. London: A & C Black, 2005.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOERS, F.; DEMECHELEER, M.; EYCKMANS, J. Etymological elaboration as a strategy for learning idioms. In: BOGAARDS, P.; LAUFER, B. (Eds.) **Vocabulary in a second language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004, p. 53-78.

CRESWELL, J. **Research design: qualitative, quantitative and mixed method approaches**. 2<sup>nd</sup> Edition. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2003.

DORNYEY, Z. **Research methods in Applied Linguistics: qualitative, quantitative and mixed methodologies**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

DURKIN, P. **The Oxford guide to Etymology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

### Site consultado:

<<https://www.etymonline.com/>>

## Capítulo 5



25º CONGRESSO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
da Universidade de Brasília

16º CONGRESSO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
do Distrito Federal

### ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS

Rafaela Cristina da Silva; Dra. Gladys Quevedo-Camargo  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)



#### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa etimológica discute a origem e evolução de vocábulos ingleses cunhados por literatos celebrados, como Geoffrey Chaucer, John Milton, Horace Walpole, Dr. Seuss e, principalmente, William Shakespeare.



#### space (espaço)

O autor de *Paraíso Perdido* (1667), John Milton, é responsável pelo neologismo *space* (espaço) com o sentido de 'espaço sideral', provavelmente influenciado pelo astrônomo italiano Galileu Galilei, o qual o poeta havia visitado em 1638 (DICKSON, 2014). Da cunhagem de Milton, outras apareceram mais tarde, como *spaceship* (nave espacial), em 1894; *spacecraft* (de tradução semelhante à anterior), em 1928; *spaceman* (astronauta), em 1942 (ETYMONLINE, s/d). *Space* aparece primeiramente em *Paraíso Perdido*, numa conversa entre o arcanjo Rafael e Adão a respeito da imensidão do universo comparada à da Terra. Adão enuncia ao arcanjo (tradução de Antônio Leitão):

*Acho esta Terra um grão, um ponto, um átomo  
Comparada ao sublime firmamento  
Com todos esses lumes numerosos  
Que parecem girar no espaço imenso  
(Que imenso o provam deles as distâncias  
E o diurno velocíssimo regresso)* (MILTON, 1840/1956, p. 245).

#### METODOLOGIA

De natureza qualitativa e bibliográfica (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), etimológica e literária, feita a partir de livros, artigos, sites e blogs. Buscamos selecionar vocábulos de potencial interesse ao leitor, independentemente de seus conhecimentos da língua inglesa. Logo, selecionamos termos e expressões corriqueiras tanto na língua inglesa quanto no português brasileiro.



#### RESULTADOS

Como resultado de nossas pesquisas, as etimologias de oito neologismos (dentre eles palavras e expressões) foram investigadas: *nerd*; *serendipity*; *assassination*; *knock, knock! Who's there?*; *Jessica*; *it's greek to me!*; *space* e *love is blind*.



e.g., **Jessica**

Shakespeare é o criador do nome próprio *Jessica* (no Brasil, comumente grafado com um acento agudo na primeira vogal), surgido em *O Mercador de Veneza*, onde *Jessica* é a rebelde filha do prestamista judeu Shylock (BEHIND THE NAME, s/d). O dramaturgo provavelmente partiu do bíblico *Iscah*, que, no tempo de Shakespeare, escrevia-se *Jescha*. Tanto o significado de *Iscah* quanto de *Jessica* implicam na capacidade de ver o futuro, contudo, uma etimologia melhor elaborada do nome da sobrinha de Abraão é incerta. (DICIONARIO DE NOMES PROPRIOS, (s/d). [...])

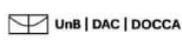


#### CONCLUSÃO

Objetivamos traçar um paralelo de interdisciplinaridade entre o estudo linguístico da etimologia e da literatura de maneira acessível a qualquer leitor, provando as contribuições linguísticas trazidas pela literatura.

#### REFERÊNCIAS

DICKSON, Paul. *Authorisms: Words Wrought by Writers*. 1ª ed. New York: Bloomsbury USA, 2014.  
JESSICA. Dicionário online do Behind the Name. s/d. Disponível em: <https://www.behindthename.com/name/jessica>. Acesso em: 4 fev 2019.  
JESSICA. Dicionário online do Dicionário de Nomes Próprios. s/d. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/jessica/>. Acesso em: 4 fev 2019.  
SPACE. Dicionário online do Online Etymology Dictionary. s/d. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/space#etymonline\_v\_23940>. Acesso em: 26 mar 2019.  
MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Tradução de Antônio José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1956.



# ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS

Rafaela Cristina da Silva<sup>57</sup> e Gladys Quevedo-Camargo<sup>58</sup>

## Introdução

Na tragédia shakespeariana Romeu e Julieta, Julieta Capuleto enuncia a famosa frase *what's in a name?* (o que há num nome?) para dizer ao amado Romeu Montecchio, pertencente à família rival à sua, que de nada importa o que seu nome carrega, uma vez que ela o ama de toda maneira. Mesmo que uma palavra não tenha muito peso para Julieta, esta análise propõe-se ao oposto: demonstrar, tomando como ponto de partida a literatura em língua inglesa, a importância e força que carrega um nome, uma palavra, um termo ou uma expressão, com suas inusitadas e longínquas histórias e evoluções, bem como apresentar os literatos responsáveis por tais criações ou transformações. Tendo William Shakespeare como principal alvo de discussão, buscamos realizar um breve apanhado de termos e expressões recorrentes na língua portuguesa e inglesa que têm a literatura como responsável por sua origem ou popularização.

## 1. Embasamento teórico

Uma das definições do termo *authorism*, i.e., autorismo<sup>59</sup>, é a criação de uma palavra pela literatura, sendo assim, um neologismo literário. Surpreendentemente, independente de sua natureza, menos de 1% das palavras inglesas são inteiramente inéditas<sup>60</sup>: a maior parte é formada por componentes lexicais já conhecidos, e.g., *assassination*<sup>61</sup> (assassinato), formada por um termo previamente estabelecido, *assassin* (assassino) e o sufixo francês *tion*. A maior parte dos neologismos também se configuram como termos *nonce*, i.e., idealizados para uma única utilização pontual, mas é preciso

---

<sup>57</sup> Graduanda do curso de Letras Inglês Tradução da Universidade de Brasília e bolsista de iniciação científica, com bolsa do CNPq.

<sup>58</sup> Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília e orientadora do Projeto *English Nuggets*.

<sup>59</sup> Todas as traduções feitas são de nossa responsabilidade, com exceção de quando indicado o contrário.

<sup>60</sup> Informação disponível em: <<http://www.macmillandictionaries.com/MED-Magazine/April2006/37-New-Word.htm>>. Acesso em: 23 abr 2019.

<sup>61</sup> Checar seção 4.3 desde trabalho.

reconhecer – como objetiva esta pesquisa – o espaço de muitos que permaneceram no léxico inglês. Igualmente relevante é ter em mente a extrema complexidade de afirmar com certeza o original criador de um termo, uma vez que neologismos costumam partir do discurso oral e podem tardar a serem documentados. Portanto, até que se tenha notícia de outro, o autor do registro mais antigo contendo um termo ou expressão é tomado como seu neólogo. Dentre os que mais se destacam, segundo o professor de Cambridge Gavin Alexander<sup>62</sup>, o poeta John Milton teria introduzido 630 palavras ao léxico inglês, o dramaturgo Ben Jonson, 558 e Shakespeare, peça central na presente análise etimológica, apenas 229. Contudo, diversas fontes contrariam Alexander: segundo elas, Shakespeare provavelmente teria originado em torno de 1500 palavras, logo ocupando o maior espaço no presente trabalho (MALLES; MCQUAIN, 1998; DICKSON, 2014).

## 2. Metodologia

Dada a natureza qualitativa deste trabalho (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), buscamos selecionar a maior soma possível de palavras ou expressões que consideramos como possivelmente interessantes ao leitor, seja ele falante da língua inglesa ou não. Dada a extensão reduzida deste trabalho, foi preciso estabelecer atenciosamente quais neologismos eram corriqueiros tanto na língua portuguesa do Brasil quanto na língua inglesa, além de igualmente tomar em consideração o literato tido como seu neólogo, visto que há um número limitado de fontes com informações minimamente aprofundadas sobre o tema: em sua maior parte, fontes omitem o real autor do primeiro registro conhecido do neologismo, prontamente e erroneamente tomando seu célebre popularizador como seu neólogo. Por outro lado, não foi dada importância a um específico período histórico de cunhagem dos termos, uma vez que o trabalho objetiva demonstrar, ademais, a maneira como os elementos do discurso percorreram viagens longas e inimagináveis pelo tempo.

## 3. Resultados

### 3.1. *Nerd*

Apesar de controversa, a teoria mais popular da cunhagem e popularização da gíria *nerd* – recorrente, porém sem tradução para o português brasileiro –, apoia-se no autor e ilustrador infantil Theodor Seuss Geisel (1904-1991) – mais conhecido como Dr.

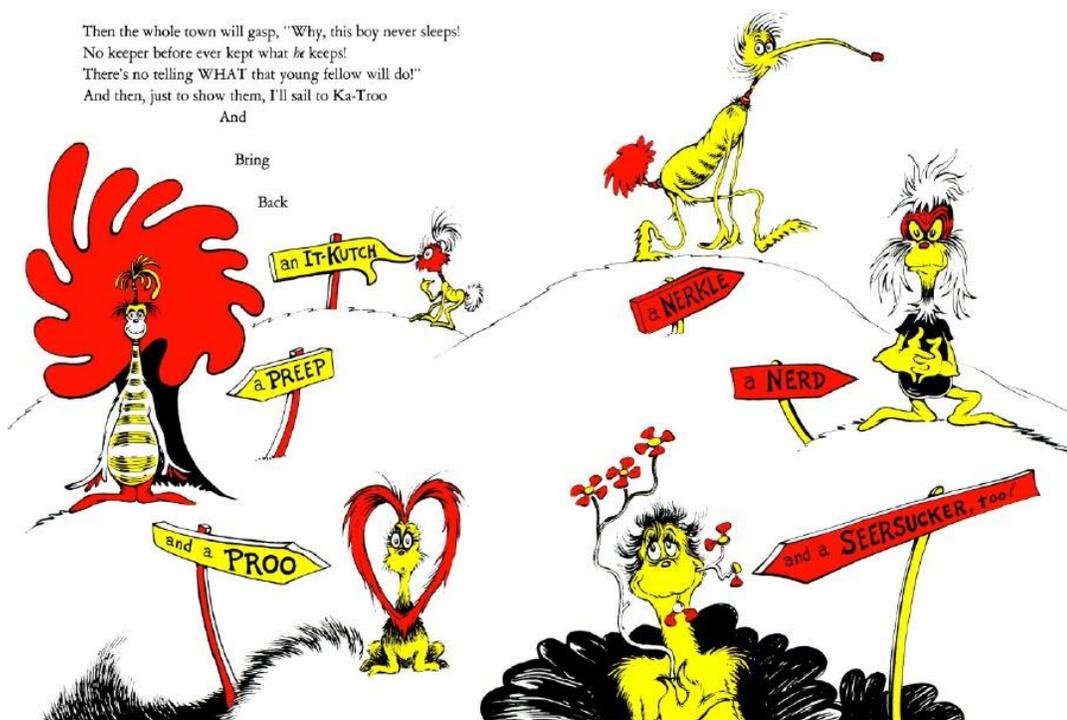
---

<sup>62</sup> Informação disponível em: <[https://www.christs.cam.ac.uk/why-milton-matters#miltons\\_range](https://www.christs.cam.ac.uk/why-milton-matters#miltons_range)>. Acesso em: 26 mar 2019.

Seuss –, através de um obra de 1950 ainda não traduzida para o português, *If I Ran the Zoo*, i.e, Se eu dirigisse o zoológico. Na obra de Seuss, *nerd* refere-se a uma das espécies imaginárias de criaturas que o protagonista da história traria para seu zoológico caso dirigisse um (LEDERER, 2012):

### Imagem 1 – *Nerd* e as outras espécies imaginárias

Fonte: GEISEL (1950, p. 28).



A partir da quarta linha: “E aí, só para provar para eles, eu vou velejar até Ka-Troo e trazer um It-Kutch, um Preep e um Proo, um Nerkle, um Nerd e um Seersucker também!”. A obra *If I Ran the Zoo* nada mais detalha sobre ‘o Nerd’ além de uma ilustração de sua aparência na página, mas acredita-se que os jovens leitores do livro à época de seu lançamento tenham apropriado-se de *nerd* como alusão a uma ‘criatura desagradável e excêntrica’, o que seus irmãos mais velhos teriam adaptado para sua própria classe: um *nerd* seria o mesmo que um *square*, um indivíduo enfadonho e antiquado (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004).

### 3.2. Serendipity

Dentre as palavras mais queridas na Grã-Bretanha<sup>63</sup>, uma delas tem origem curiosa envolvendo três elementos bastante distintos: o autor do primeiro romance gótico de que se tem notícia, uma narrativa persa de 1557 e o Sri Lanka. O autor de *O Castelo de Otranto* (1764), o inglês Horace Walpole (1717-1792), em uma carta a seu homônimo educador estadunidense, Horace Mann (1796-1859), cunhou o vocábulo *serendipity* (serendipidade ou ‘feliz acaso’). A carta narra o ‘feliz acaso’ em que Walpole descobre o significado de um brasão veneziano, em 1758:

This discovery, indeed, is almost of that kind which I call Serendipity, a very expressive word. (...) once I read a silly fairy tale, called *The Three Princes of Serendip*: as their highnesses travelled, they were always making discoveries, by accidents and sagacity, of things which they were not in quest of (...)<sup>64</sup>.

Em tradução livre:

Essa descoberta, de fato, é quase de natureza do que chamo de *Serendipidade*, uma palavra muito expressiva. (...) uma vez li um conto de fadas bobo chamado *Os Três Príncipes de Serendip*: enquanto sua Alteza viajava, eles estavam sempre fazendo descobertas de coisas que não pretendiam por acidente e sagacidade (tradução nossa).

Na ocasião da escrita da carta, *Serendip*, cunhado por árabes e persas a partir de *Sidhalepa* (i.e., a morada da ilha do leão) era o nome previamente dado por índios à atual ilha Sri Lanka<sup>65</sup>. A cunhagem de Walpole inspirou seu antônimo: em *Armadillo* (1998), o escritor escocês William Boyd (1952-presente) cunhou *zemblanity* (sem tradução em português), ‘infeliz acaso’, a partir – ao contrário de *Serendip* – do gelado e estéril arquipélago de Nova Zembla, ao norte da Rússia<sup>66</sup>. Curiosamente, o neologismo de Walpole originou também um termo científico para se referir especialmente à supressão de descobertas científicas: *bahramdipity* (também sem tradução em português), a supressão de descobertas feitas por um feliz acaso. De 1999, *bahramdipity* foi criação

---

<sup>63</sup> Informação disponível em: <<https://blog.oxforddictionaries.com/2012/03/30/what-is-the-origin-of-serendipity/>>. Acesso em: 7 jan 2019.

<sup>64</sup> Informação disponível em: <<https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=serendipity&submit.x=36&submit.y=28>>. Acesso em: 7 jan 2019.

<sup>65</sup> Informação disponível em: <<https://theculturetrip.com/asia/sri-lanka/articles/how-did-sri-lanka-get-its-name/>>. Acesso em: 7 jan 2019.

<sup>66</sup> Informação disponível em: <<https://interestingliterature.com/2015/01/28/a-short-history-of-the-word-serendipity/>>. Acesso em: 7 jan 2019.

do doutor Toby J. Sommer, baseando-se no nome do rei que condena os três príncipes à morte em *Os Três Príncipes de Serendip*, Bahram Gur<sup>67</sup>.

### 3.3. *Assassination*

A palavra inglesa *assassination* parte da palavra *assassin* (assassino), que por sua vez migrou para o léxico inglês em torno do século XIII a partir do francês e italiano. *Assassin* vem do árabe *hashishiyyin* (حشاشيين): *hashish-users* (usuários de haxixe). Os usuários em questão referem-se aos membros de uma seita muçulmana fanática de origem persa ativa durante as Cruzadas (1095-1291), os quais costumavam comer a planta antes de executarem sangrentos assassinatos políticos de opositores. Nas línguas europeias, o termo já tomou diversas formas, como *assassini*, *assissini*, *heyyssisini*<sup>68</sup> etc. O substantivo inglês para ‘assassinato’, *assassination* – Shakespeare apenas acrescentou o sufixo francês ‘-tion’ –, surgiu impresso primeiramente por meio de *Macbeth* (MALLES; MCQUAIN, 1998):

MACBETH: If it were done when 'tis done, then 'twere well  
It were done quickly. If the assassination  
Could trammel up the consequence, and catch his surcease success; that but this  
blow  
Might be the be-all and the end-all here,  
But here, upon this bank and shoal of time,  
We'd jump the life to come. (...)

(SHAKESPEARE, 1606, p. 863).

Em tradução de Manuel Bandeira:

MACBETH: Se o golpe detivesse em suas redes  
Todas as consequências, e lograsse  
Triunfar com a morte dele; se o assasínio  
Fosse aqui tudo e o fim de tudo — aqui,  
Nestas praias do tempo, eu arriscaria  
Minha vida futura.

(SHAKESPEARE, 1606/1961, p. 29).

---

<sup>67</sup> Informação disponível em: <<https://www.the-scientist.com/opinion-old/bahramdipity-and-scientific-research-56649>>. Acesso em: 7 jan 2019.

<sup>68</sup> Informação disponível em: <<http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Assassins>>. Acesso em: 2 jan 2019.

Matthew Sutcliffe (c.1550-1629), reitor de Exeter, na Inglaterra, fez o primeiro uso do verbo ‘assassinar’ no inglês impresso, *to assassinate*: “*Yet are they..ready to assassinate and murder princes.*”<sup>69</sup>, i.e., “Não obstante, estão eles à disposição para assassinar e matar príncipes”.

### 3.4. *Knock, knock! Who’s there?*

Ainda através de *Macbeth*, uma das piadas mais conhecidas na língua inglesa igualmente apresenta raízes shakespearianas. Apesar de pouco usada, mas relativamente familiar aos falantes de português, a piada de público majoritariamente infantil *knock, knock! Who’s there?* (toc, toc! Quem está aí?) surge primeiramente numa cena em que um porteiro do castelo de Macbeth simula ser guardião dos portões do inferno e estar recebendo diversos indivíduos lá<sup>70</sup>. Na cena prévia, tendo recém assassinado o rei da Escócia, Macbeth ouve batidas na porta e é invadido por terror e culpa. A cena do porteiro e as batidas na porta alude à mesma:

PORTER: Knock, knock! Who’s there, i’ the name of  
Beelzebub? Here’s a farmer, that hanged  
himself on the expectation of plenty: come in  
time; have napkins enow about you; here  
you’ll sweat for’t.  
Knock, knock! Who’s there, in the other devil’s  
name? Faith, here’s an equivocator, that could  
swear in both the scales against either scale;  
who committed treason enough for God’s sake,  
yet could not equivocate to heaven: O, come  
in, equivocator

(SHAKESPEARE, 1606, p. 865).

Em tradução de Manuel Bandeira:

PORTEIRO: (...) Toc, toc, toc! Quem é, em nome de Belzebu? — É um lavrador que se enforcou porque esperava uma boa colheita. — Entra, homem dependente do tempo; e traze lenços em quantidade, porque aqui hás de suar na labuta. (*Batem*) Toc, toc, toc! Quem é, em nome do outro demônio? — À

<sup>69</sup> Informação disponível em: <<http://www.oed.com/view/Entry/11733?>>. Acesso em: 27 dez 2018.

<sup>70</sup> Informação disponível em: <<https://www.enotes.com/shakespeare-quotes/knock-knock-whos-there>>. Acesso em: 2 fev 2019.

fê, um jesuíta capaz de jurar por qualquer um dos pratos da balança contra o outro prato; que traiu quanto pôde por amor de Deus, mas não conseguiu injurar o Céu. Entra, jesuíta. (...) (SHAKESPEARE, 1606/1961, p. 41).

É curioso que um monólogo de certo caráter macabro tenha ganhado tamanho espaço no colóquio infantil, além de sua evolução para uma piada. Foi apenas a partir do século XX que a piada se espalhou e tornou-se o que é hoje, livre de referências diabólicas e culposas. O objetivo da piada é que, após respondida a pergunta de quem está lá com o nome de quem é perguntado, e.g., *It's Ana* (é a Ana), pergunte-se quem é novamente, esperando por mais detalhes, e.g., *Ana who?* (Ana quem?), à qual a resposta será um jogo de palavras, um trocadilho, responsável pelo humor da piada. Segundo uma pesquisa do poeta estadunidense William Cole (1919-2000), a cunhagem de Shakespeare foi vista humoristicamente primeiro na Nova Iorque de 1920, num dos encontros do grupo de intelectuais, escritores, críticos e atores, conhecido como *Algonquin Round Table*, que incluía nomes como a escritora e crítica Dorothy Parker (1893-1967), o dramaturgo Marc Connelly (1890-1980) e o humorista e ator Robert Benchley (1889-1945) (DICKSON, 2014). Numa edição de 1922 do jornal *Oakland Tribune*, o jornalista Merely McEvoy adaptou a criação de Shakespeare numa nova mania: *Do you know Arthur?* (Você conhece o Arthur?), ao que perguntaria-se *Arthur who?* (Arthur quem?), seguido da resposta *Arthurmometer!* (algo como 'Arthurmômetro', um trocadilho com o nome Arthur e a palavra inglesa *thermometer* (termômetro). Permanecendo assim até hoje, foi apenas em torno de catorze anos depois, que as piadas com *do you know?* já haviam voltado ao seu formato original<sup>71</sup>. Como disse um colunista de jornal à época: "*You can't turn the radio on anymore without getting one of the Knock-Knock gags*", i.e., Não se pode mais ligar o rádio sem ouvir uma das piadas do toc-toc (MACKENZIE<sup>72</sup>, 1936 *apud* LABIANCA<sup>73</sup>, 2019).

### 3.5. *Jessica*

O Bardo de Avon também é responsável pela cunhagem de um nome próprio tão recorrente no Brasil quanto em nações anglófonas. *Jessica* (no Brasil, comumente grafado com um acento agudo na primeira vogal) surgiu primeiramente em *O Mercador de Veneza* (c. 1596), onde Jessica é a rebelde filha do prestamista judeu Shylock<sup>74</sup>. O dramaturgo provavelmente partiu do bíblico *Iscah* (יִסְכָּח : *yisekāh*), que, no tempo de Shakespeare, escrevia-se *Jescha*. Tanto o significado de '*Iscah*' quanto de '*Jessica*'

<sup>71</sup> Informação disponível em: <<https://www.msn.com/en-gb/news/offbeat/this-is-the-surprising-literary-origin-of-the-knock-knock-joke/ar-BBSPO0w>>. Acesso em: 2 fev 2019.

<sup>72</sup> Checar nota anterior.

<sup>73</sup> Checar nota anterior.

<sup>74</sup> Informação disponível em: <<https://www.behindthename.com/name/jessica>>. Acesso em: 4 fev 2019.

implicam na capacidade de ver o futuro, contudo, uma etimologia melhor elaborada do nome da sobrinha de Abraão é incerta<sup>75</sup>. Até a metade do século XX o nome não havia ainda alcançado a popularidade que viria pouco depois: entre 1981 e 1997, Jessica foi o segundo nome mais comum dado a bebês do sexo feminino nos Estados Unidos<sup>76</sup> e o primeiro na Inglaterra e País de Gales em 2005<sup>77</sup>. Personalidades célebres com o mesmo nome incluem as atrizes estadunidenses Jessica Alba, Jessica Lange e a cantora pop Jessica Simpson, além da filha da autora britânica da série de livros Harry Potter, J. K. Rowling<sup>78</sup>.

### 3.6. *It's Greek to me!*

Mais difundida na língua portuguesa e compartilhando de mesmo modo sua popularização pelo Bardo, é a expressão *it's Greek to me* (é grego para mim), que na língua portuguesa adaptou-se para 'ele(a) está falando grego'. Usada pela primeira vez por monges medievais ao copiarem textos em latim, a expressão também denotava desentendimento, quando os monges se deparavam com fragmentos em grego nos textos, aos quais indicavam escrevendo *Graecum est; non legitur* (grego, não compreensível<sup>79</sup>). Shakespeare fez uso da sentença medieval em *Júlio César* (1599), num trecho em que os personagens Cássio e Casca discutem sobre o discurso do grande orador Cícero:

CASSIUS: Did Cicero say any thing?

CASCA: Ay, he spoke Greek.

CASSIUS: To what effect?

CASCA: Nay, an I tell you that, I'll ne'er look you i' the face again: but those that understood him smiled at one another and shook their heads; but, for mine own part, it was Greek to me (...) (SHAKESPEARE, 1599, p. 586).

Traduzido por José Francisco Botelho:

---

<sup>75</sup> Informação disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/jessica/>>. Acesso em: 4 fev 2019.

<sup>76</sup> Informação disponível em: <<https://www.ssa.gov/OACT/babynames/decades/names1980s.html>>. Acesso em: 4 fev 2019.

<sup>77</sup> Informação disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Jessica\\_\(given\\_name\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Jessica_(given_name))>. Acesso em: 4 fev 2019.

<sup>78</sup> Informação disponível em: <[https://m.huffingtonpost.co.uk/2014/08/14/jessica-the-meaning-origin-and-other-facts-about-the-name\\_n\\_7329508.html](https://m.huffingtonpost.co.uk/2014/08/14/jessica-the-meaning-origin-and-other-facts-about-the-name_n_7329508.html)>. Acesso em: 4 fev 2019.

<sup>79</sup> Informação disponível em: <<https://www.visualthesaurus.com/cm/wordroutes/if-its-all-greek-to-you-blame-monks-and-shakespeare/>>. Acesso em: 4 fev 2019.

CÁSSIO: E Cícero disse alguma coisa?

CASCA: Sim, falou em grego.

CÁSSIO: E o que ele disse?

CASCA: Bem, se eu responder, estarei contando uma mentira deslavada; é bem verdade que algumas pessoas entenderam as palavras de Cícero e trocaram sorrisos e assentiram com a cabeça; mas para mim era tudo grego (...) (SHAKESPEARE, 1599/2018, p. 55).

Mesmo que frequentemente atribuída a Shakespeare, *it's Greek to me* já havia sido proferida pelo poeta inglês George Gascoigne (1535-1577) em 1566, ao traduzir uma comédia italiana de Ludovico Ariosto (1474-1533), *I Suppositi* (1509): “*This geare is Greeke to me; either it hangs not well together, or I am very dull of understanding: speak plaine, I pray you*” (GASCOIGNE, 1509, apud ZIMMER<sup>80</sup>, 2015, s/p), i.e., Esse discurso é grego para mim; ou ele não condiz, ou estou sendo muito leigo: seja claro, eu suplico.

A mesma peça traduzida por Gascoigne serviu também como base para Shakespeare na comédia de 1596, ‘A Megera Domada’<sup>81</sup>. Ainda que compartilhando semelhante etimologia, outros povos modificaram o idioma mencionado na expressão para o que melhor se adequasse ao nível de maior incompreensão relativa à sua língua materna. Segundo um estudo do linguista estadunidense Mark Liberman, os russos provavelmente refeririam-se ao chinês, assim como os gregos, poloneses, hebreus, húngaros e espanhóis. Declarariam ‘é chinês para mim!’, em suas respectivas línguas. Os chineses, por sua vez, diriam que é uma fala ‘divina, celeste’, logo incompreensível para simples humanos<sup>82</sup>.

### 3.7. *Space*

Semelhantemente a Shakespeare, o autor do aclamado poema épico ‘Paraíso Perdido’ (1667) encontra-se entre os maiores neologistas do idioma. O célebre poeta inglês John Milton (1608-1674) teria contribuído com mais de 600 palavras na língua inglesa, as quais Milton teria sido o primeiro a usar. Milton teria ultrapassado nomes como Ben Jonson (1572-1637), John Donne (1572-1631) e até mesmo Shakespeare<sup>83</sup> – embora o Bardo ainda seja a maior referência na cunhagem e popularização de neologismos no universo anglófono. Milton é responsável pelo neologismo *space* (espaço) – o sentido original referenciando-se a uma área, extensão ou ao tempo,

---

<sup>80</sup> Checar nota anterior.

<sup>81</sup> Checar nota anterior.

<sup>82</sup> Informação disponível em: <<http://languagelog.ldc.upenn.edu/nll/?p=1024>>. Acesso em: 4 fev 2019.

<sup>83</sup> Checar nota 1.

apareceu em torno de 1300 a partir do francês antigo *espace*<sup>84</sup> – no sentido de ‘espaço sideral’, provavelmente influenciado pelo astrônomo italiano Galileu Galilei, o qual o poeta havia visitado em 1638 (DICKSON, 2014). *Space* aparece primeiramente em *Paraíso Perdido*, numa conversa entre o arcanjo Rafael e Adão a respeito da imensidão do universo comparada à da Terra. Adão enuncia ao arcanjo:

...this Earth a spot, a graine,  
An Atom, with the Firmament compar'd  
And all her numberd Starrs, that seem to rowle  
Spaces incomprehensible (for such  
Thir distance argues and thir swift return  
Diurnal) (MILTON, 1667, p. 539).

Tradução de António José de Lima Leitão:

Acho esta Terra um grão, um ponto, um átomo  
Comparada ao sublime firmamento  
Com todos esses lumes numerosos  
Que parecem girar no espaço imenso  
(Que imenso o provam deles as distâncias  
E o diurno velocíssimo regresso) (MILTON, 1840/1956, p. 245).

Da cunhagem de Milton, outras apareceram mais tarde, como *space age* (era espacial), em 1946; *spaceship* (nave espacial), em 1894; *spacecraft* (de tradução semelhante à anterior), em 1928; *space travel* (viagem espacial), em 1931; *space station* (estação espacial), em 1936; *spaceman* (astronauta), em 1942; *space race* (corrida espacial), em 1959 e *space shuttle* (ônibus espacial), em 1970<sup>85</sup>.

### 3.8. *Love is blind*

Com o *Conto do Mercador*, parte da obra-prima do inglês médio *Os Contos de Cantuária* (1387), Geoffrey Chaucer (1340-1400) é outro a introduzir na língua inglesa uma expressão ainda amplamente difundida no século XXI, até mesmo na língua

---

<sup>84</sup> Informação disponível em: <[https://www.etymonline.com/word/space#etymonline\\_v\\_23940](https://www.etymonline.com/word/space#etymonline_v_23940)>. Acesso em: 7 abr 2019.

<sup>85</sup> Informação disponível em: <[https://www.etymonline.com/word/space#etymonline\\_v\\_23940](https://www.etymonline.com/word/space#etymonline_v_23940)>. Acesso em: 26 mar 2019.

portuguesa: *love is blind* – primeiramente escrita como *love is blynd* em inglês médio – ‘o amor é cego’. O conto narra os desejos de um idoso cavaleiro que enfim decide casar-se com uma mulher muito mais jovem que ele, tornando-se, pouco mais tarde, cego – tanto literalmente quanto metaforicamente. Em certa ocasião em que a jovem o trai, os deuses optam por restituir a visão do idoso para que tome consciência da cena. Ingênuo, deixa-se levar por sua devoção à jovem, que o induz a não acreditar no que seus olhos viram. O seguinte trecho antecipa as desventuras porvindouras da narrativa:

But nathelees, bitwixe ernest and game,  
He atte laste apoynted hym on oon,  
And leet alle othere from his herte goon,  
And chees hire of his owene auctoritee;  
For love is blynd alday, and may nat see.

(CHAUCER, 1387, p. 118)

Tradução de Clarisse Tavares:

Finalmente, meio a sério, meio a brincar,  
Fixou-se numa e, tendo-a escolhido,  
Do seu coração banuiu as outras todas.  
Escolheu-a por sua própria decisão,  
Pois o amor é cego, não consegue enxergar (...)

(CHAUCER, 1387/1992, p. 353).

*Love is blind* é mais um exemplo de dito popularizado pelo Bardo de Avon, tendo-o incluído em *O Mercador de Veneza*, *Os Dois Cavalheiros de Verona* (c. 1589) e *Henrique V* (c. 1599)<sup>86</sup>. A expressão permanece com o mesmo sentido que carregou na Idade Média com Chaucer e mais tarde com Shakespeare. Dentre várias utilizações anteriores, em 2017 a expressão foi título de um videoclipe da cantora pop estadunidense Fergie. No ano seguinte, a cunhagem de Chaucer foi o título do 15º romance do britânico William Boyd<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Informação disponível em: <<https://www.phrases.org.uk/meanings/love-is-blind.html>>. Acesso em: 13 mar 2019.

<sup>87</sup> Informação disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2018/sep/03/love-is-blind-william-boyd-review>>. Acesso em: 13 mar 2019.

### 3.9. *Gossip*

Sua origem se deu no inglês antigo, mas com grafia diferente: *godsibb*, uma união de *god* (Deus) e *sibb* (parente, também no inglês antigo), com a denotação de ‘padrinho’ ou ‘madrinha’ à época. Com a evolução da língua para o inglês médio (c. 1300), tomou outro significado, se estendendo para um amigo, vizinho, conhecido e afins, mas especialmente para mulheres convidadas para presenciar um nascimento<sup>88</sup>. Na metade do século XVI, *godsibb* tornou-se *gossip*, com a grafia que nos é familiar hoje e com um novo sentido, de ‘fofoqueiro/falador’ ou ‘fofoqueira/faladora’, se traduzido para o português. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, o primeiro registro com esse sentido foi grafado como *gossip-like* (em português, algo como ‘tipo fofoqueiro/falador’ ou ‘tipo fofoqueira/faladora’). *Gossip* como ‘fofoca’ teria emergido em 1811, já o verbo *to gossip*, ‘fofocar’, em 1627. (KELLY, 2016). Com Shakespeare, na tragédia *Tito Andrônico* (1594), temos um exemplo de *gossip* como ‘fofoqueira’ ou ‘faladora’. No Ato IV, cena II, o personagem Aaron, um mouro, diz:

AARON: Shall she lue to betray this guilt of our's:

A long tongu'd babling Gossip? No Lords no: (...)

(SHAKESPEARE, 1594, ato IV, cena II).

Em tradução da editora Ridendo Castigat Mores:

AARÃO: Iríamos deixá-la viva, para revelar nossa falta? Uma comadre faladora, como ela? Não, meus caros

(SHAKESPEARE, S.I., p. 32).

Em *A Comédia dos Erros*, de 1594, encontramos outro sentido. De acordo com o estudioso de Shakespeare, David Kastan, nos dois versos da peça, a palavra é usada no seu sentido do inglês antigo, com uma ideia de parentesco, de fazer parte de um encontro familiar e de ‘ser um parente’, como na fala do Duque. No Ato V, cena I, a abadessa Emília faz um convite e logo depois responde o duque Solino (MALLESS; MCQUAIN, 1998):

AEMELIA: (...)

Go to a gossips' feast and go with me;

After so long grief, such festivity!

---

<sup>88</sup> Informação disponível em: <<https://www.etymonline.com/word/gossip>>. Acesso em: 19 nov 2019.

DUKE SOLINUS

With all my heart, I'll gossip at this feast

(SHAKESPEARE, 1594, act V, scene I).

Em tradução nossa:

EMÍLIA: (...)

Vá a um banquete familiar e vá comigo;

Após tanto sofrimento, tanta festividade!

DUQUE

De todo coração, eu participarei dessa festança!

### Considerações finais

De natureza qualitativa, esta pesquisa objetivou demonstrar a interdisciplinaridade do estudo da etimologia e da literatura inglesa. Baseando-nos em alguns de seus grandes nomes, também procuramos expor a contribuição linguística que alguns dos célebres escritores da literatura inglesa exerceram não só em sua língua mãe, mas também na portuguesa, além de alguns termos de origens impensáveis ou longínquas que permaneceram como corriqueiros em nosso vocábulo: dentre diversos mais ainda a serem descobertos pela academia, com o contemporâneo Dr. Seuss, o elisabetano/jacobino William Shakespeare ou o medieval Geoffrey Chaucer.

### Referências

AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES. **Word Histories and Mysteries: From Abracadabra to Zeus**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2004.

ASSASSINATE, V. **Dicionário online do Oxford English Dictionary**. s/d. Disponível em: <<http://www.oed.com/view/Entry/11733?>>. Acesso em: 27 dez 2018.

CHAUCER, G. **Os Contos de Cantuária**. Tradução de Clarisse Tavares. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.

CHAUCER, G. **The Works of Geoffrey Chaucer**. 2<sup>nd</sup> ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1961.

CRESWELL, J.W. **Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Method Approaches**. 2<sup>nd</sup> edition. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2003.

DICKSON, P. **Authorisms: Words Wrought by Writers**. 1ª ed. New York: Bloomsbury USA, 2014.

DORNYEY, Z. **Research Methods in Applied Linguistics: Qualitative, Quantitative and Mixed Methodologies**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GEISEL, T.S. **If I Ran the Zoo**. New York: Random House, 1950. E-Book. Disponível em: <<https://fr.scribd.com/doc/139350028/1950-If-I-Ran-the-Zoo-Dr-Seuss>>. Acesso em: 29 dez 2019.

GOSSIP. **Dicionário online do Online Etymology Dictionary**. s/d. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/word/gossip>>. Acesso em: 19 nov 2019.

KELLY, J. **“Gossip”**: a baptism by etymology?. Mashed Radish. [S.I.] 2016. Disponível em: <<https://mashedradish.com/2016/09/23/gossip-a-baptism-by-etymology/>>. Acesso em: 19 nov 2019.

LEDERER, R. **Amazing Words: An Alphabetical Anthology of Alluring, Astonishing, Beguiling, Bewitching, Enchanting, Enthralling, Mesmerizing, Miraculous, Tantalizing, Tempting, and Transfixing Words**. Portland: Marion Street Press, 2012.

MALLESS, S.; MCQUAIN, J. **Coined by Shakespeare**. 1ª ed. Springfield: Merriam Webster, 1998.

MILTON, J. **Paradise Lost**. 2ª ed. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007. E-Book. Disponível em: <<http://down02.putclub.com/virtual/backup/update/Download/Literature/ParadiseLost.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2018.

MILTON, J. **Paraíso Perdido**. Tradução de António José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1956.

SERENDIPITY. **Dicionário online do American Heritage Dictionary**. s/d. Disponível em: <<https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=serendipity&submit.x=36&submit.y=28>>. Acesso em: 7 jan 2019.

SHAKESPEARE, W. **Júlio César**. Tradução de José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2018. E-Book. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/85202.pdf>>. Acesso em: 4 fev 2019

SHAKESPEARE, W. **Macbeth**. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Editora Brasiliense S. A, 1961. E-Book. Disponível em: <[https://kupdf.net/download/william-shakespeare-macbeth-trad-manuel-bandeira\\_590bd5cbdc0d60ff1d959ec9\\_pdf](https://kupdf.net/download/william-shakespeare-macbeth-trad-manuel-bandeira_590bd5cbdc0d60ff1d959ec9_pdf)>. Acesso em: 27 dez 2018.

SHAKESPEARE, W. **The Complete Works of William Shakespeare**. Ware: Wordsworth Editions Ltd, 1996.

SPACE. **Dicionário online do Online Etymology Dictionary**. s/d. Disponível em: <[https://www.etymonline.com/word/space#etymonline\\_v\\_23940](https://www.etymonline.com/word/space#etymonline_v_23940)>. Acesso em: 26 mar 2019.

SHAKESPEARE, W. **Tito Andrônico**. Ridendo Castigat Moraes, [S.I.]. E-book. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-72111/tito-andronico>>. Acesso em: 19 nov 2019.

SHAKESPEARE, W. **The Comedy of Errors**. [S.I.]. E-book. Disponível em: <[http://shakespeare.mit.edu/comedy\\_errors/full.html](http://shakespeare.mit.edu/comedy_errors/full.html)>. Acesso em: 24 nov 2019.

## Capítulo 6



# ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Victor José Vieira; Gladys-Camargo

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução — LET

### INTRODUÇÃO

A Etimologia evidencia os traços sociais, culturais, históricos e ideológicos que permeiam todas as palavras e expressões de qualquer língua (DURKIN, 2009). Seu estudo ajuda na compreensão mais profunda da **cultura** e **civilização** de uma comunidade. Sem esse conhecimento, é por vezes difícil entender a maneira que um indivíduo se expressa (HOGG; DANISON, 2006).

### OBJETIVOS

**Identificar** as áreas do conhecimento e os marcos históricos e culturais que contribuíram para a constituição do léxico atual da Língua Inglesa e **investigar** as origens de palavras e expressões em uso **corrente** que se originaram dessas.

### METODOLOGIA

Através de uma pesquisa exploratória bibliográfica de natureza **qualitativa** (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), o vocabulário resultante desta foi escolhido de modo a acomodar o **público geral**, expectadores sem ou com pouco conhecimento acerca de teorias acadêmicas debatidas e utilizadas.

### RESULTADOS

ÁREAS DE CONHECIMENTO E MARCOS HISTÓRICOS	PALAVRAS PESQUISADAS	PALAVRAS USADAS NO ARTIGO
Conquista viking	198	6
Invasão anglo-saxã de 1066	283	10
William Shakespeare	96	3
O inglês americano	156	3
A Internet	15	4

Nº	NOME	VISUALIZAÇÕES (ATT. 27/08/2018)	Nº COMENTÁRIOS
1	Um nugget é só um nugget?	12.582	134
2	O que Blue tem a ver com isso?	7.288	91
3	You're fired!	6.375	51
4	More fire	3.636	29
5	BBQ & Potato	3.860	31
6	O poderoso 'get'	4.923	45
7	Ditto & Cia	2.557	26
8	Toast	3.091	38
9	Charm	2.777	19
10	Safe & Sound	3.800	40
11	Handsome	3.544	45
12	Bugs!	2.717	51
13	Nut	3.131	34



### CONCLUSÃO

Buscamos o melhor entendimento da língua inglesa por meio da compreensão de que sem o conhecimento da **sócio-história** das palavras componentes de uma língua, aqui a **língua inglesa**, é por vezes difícil entender a maneira que um indivíduo se expressa, complicando a **inclusão** deste em certa sociedade de falantes.



# ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Victor José Vieira<sup>89</sup> e Gladys Quevedo-Camargo<sup>90</sup>

## Introdução

Partindo da premissa que o desenvolvimento humano se consuma no atuar e nas transformações que tomam conta das interações feitas no coletivo e no social (BRONCKART, 2006), é possível afirmar que o vocabulário que constitui as línguas é um retrato representativo de sua importância na constituição humana, uma vez que palavras e expressões carregam consigo não somente traços sociais e culturais como também históricos e ideológicos oriundos dos mais diferentes povos. Esses traços são levados à superfície quando trabalhamos com Etimologia, área da Gramática que se ocupa em investigar a história do léxico de uma língua (DURKIN, 2009).

À vista disso, trabalhamos neste artigo com uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007) na área da etimologia da língua inglesa com dois objetivos: (1) identificar as áreas do conhecimento e os marcos históricos e culturais que contribuíram para a constituição do léxico atual da Língua Inglesa; e (2) investigar as origens de palavras e expressões em uso corrente que se originaram dessas. O segundo propósito centrou-se na seleção de palavras e expressões idiomáticas representativas de cada um desses tópicos para a elaboração de minivídeos, que foram transformados em vídeos para divulgação científica no canal educativo BláBláLogia, na plataforma digital YouTube<sup>91</sup>.

Este artigo é dividido em cinco partes: Introdução, onde abordamos as partes principais que levaram à criação deste; Embasamento Teórico, onde discutimos nossa posição em relação à Etimologia e os traços presentes em todas as palavras e expressões nas demais línguas; Metodologia, onde discutimos sobre o processo de seleção das áreas de conhecimento e dos marcos históricos e culturais e dos termos deles advindos;

---

<sup>89</sup> Graduando do curso de Letras Inglês Tradução da Universidade de Brasília.

<sup>90</sup> Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília e orientadora do Projeto *English Nuggets*.

<sup>91</sup> <https://www.youtube.com/playlist?list=PLqG7fA3EaMRPMBGr9x4hFxejzfiOM2P9d>

Resultados, onde apresentamos uma breve explicação etimológica para esse vocabulário; e, por fim, Conclusão, onde damos nossas opiniões finais.

## 1. Embasamento teórico

Quatro premissas nortearam o desenvolvimento deste artigo: Partindo da aceção de que “todo novo fato de nossas vidas ocorre tendo como pano de fundo a herança de gerações anteriores, que traz em seu bojo práticas, conhecimentos e valores” (QUEVEDO-CAMARGO, 2011, p. 42), compreendemos as condutas humanas, dentre elas a linguagem, como alicerçada na sócio-história humana. Reconhecemos a relação dialética, tanto constante quanto mediada pela história, que envolve a linguagem e a evolução humana (BRONCKART, 2008). Evidenciamos o papel da linguagem como instrumento que institui e organiza os processos psicológicos, i.e., percepção, cognição, sentimentos, emoções (BAKHTIN, 1997). Por fim, vemos a linguagem como a realização, e não expressão, do pensamento humano (VYGOTSKY, 1987). Deste modo, encontramos as condutas verbais como formas de ação sócio-historicamente situadas que efetivam o desenvolvimento humano (BRONCKART, 2006).

Conforme certas condutas verbais são normatizadas e popularizadas, forma-se o léxico de uma língua, que se adapta às necessidades do falante de uma maneira ou outra (TRASK, 2009). Esse léxico é um reflexo da percepção do mundo por sua comunidade de fala e dos interesses culturais, intelectuais e emocionais que estão profundamente estranhados em seus falantes (HOGG; DANISON, 2006). Assim, o estudo do léxico de uma língua e a história por traz dele são fatores importantes que ajudam na compreensão mais profunda da cultura e civilização de uma comunidade. Ademais, o léxico é também um vínculo entre a cultura ‘material’, o modo como agimos sobre o mundo, e a cultura ‘espiritual’, a história que permeia a vida das palavras, de seus falantes — sem o conhecimento dessas culturas, é por vezes difícil entender a maneira que um indivíduo se expressa (HOGG; DANISON, 2006).

O léxico da língua inglesa é um ótimo exemplo de representação de uma história complexa que envolve dinâmicas sociais em constante mudança devido a invasões, subserviência, dominância, colonizações e expansões em nível global (HUGHES, 2008). Afinal, não menos que 23 línguas diferentes contribuíram de alguma maneira, algumas de modo mais impactante que outras, para o desenvolvimento do inglês (HOGG; DANISON, 2006).

Além disso, é imprescindível notar que a língua é um fator notável quando se trata de balanço e sustento de poder (KNOWLES, 1999). Sendo considerada uma das línguas mais importantes no mundo, acreditamos ser pertinente entender as relações de poder dentro e fora da língua inglesa tanto de uma perspectiva acadêmica quanto pessoal

— se não há conhecimento de como os outros falantes se apresentam na sociedade através de seu léxico, há dificuldade em conectar-se com outros indivíduos e integrar-se a uma comunidade. Como sujeitos sociais, e nas palavras de Trask (2009, p. 38), “tudo o que importa é falar da maneira que os outros falam, porque é somente ao fazer isso que é possível assegurar um lugar no grupo”<sup>92, 93</sup>.

## 2. Metodologia

Inicialmente pesquisamos 10 diferentes áreas e marcos: a conquista viking; a invasão anglo-saxã de 1066; a Guerra dos Cem Anos; o período elisabetano; as contribuições de William Shakespeare; o Iluminismo; a Primeira Revolução Industrial; o Inglês Americano; a Primeira Guerra Mundial; e a Internet.

Cada uma dessas áreas se encaixa de maneira significativa nos períodos de desenvolvimento da língua inglesa. A conquista viking forneceu uma base mais segura para o Inglês Antigo, sendo esses invasores um dos povos que teve mais influência na língua antes da invasão de 1066. Com os acontecimentos de 1066 e a Guerra dos Cem Anos, ocorreu a subsequente latinização do inglês e o começo do Inglês Médio, assim como a divisão bem clara entre a língua culta e a mais simples, do povo. Já com o período elisabetano, as contribuições de William Shakespeare e o Iluminismo, temos a padronização das regras de gramática e de escrita, iniciando o período do Inglês Moderno. Ainda nesse período da língua, a Primeira Revolução Industrial, o Inglês Americano, a Primeira Guerra Mundial e a Internet são fatos essenciais para o crescimento exponencial da língua inglesa como a ‘língua do mundo’.

Frente à natureza limitada deste artigo, reduzimos os tópicos que seriam aqui abordados. Tal decisão foi feita na base de menos itens serem explorados para que o trabalho de etimologia fosse mais bem demonstrado em vez de meramente listarmos cada palavra e expressão encontrada nas áreas pesquisadas, mencionando sua origem efemeramente. Assim, os temas explorados neste são a conquista viking, a invasão anglo-saxã de 1066, as contribuições de William Shakespeare, o Inglês Americano e a Internet, que sentimos serem as áreas mais importantes e interessantes para a construção do léxico inglês.

## 3. Resultados

---

<sup>92</sup> *All that matters is to speak the way the others speak, because only by doing this can anybody maintain a place in the group.*

<sup>93</sup> Todas as traduções feitas são de nossa responsabilidade, com exceção de quando indicado o contrário.

### 3.1. *A conquista viking*

O ataque dos vikings no final do século VIII deixou marcas profundas e duradouras na língua inglesa que nem os séculos posteriores a 1066 conseguiram apagar. Falantes do nórdico antigo e viajantes marítimos com um amor assíduo pela guerra, sua contribuição reflete bem esse estado de espírito dos vikings — aqui, encontram-se palavras comuns, do dia a dia (MERRIAM-WEBSTER, 1991). Das inúmeras palavras introduzidas por esse povo, possivelmente as três mais conhecidas são *gun* (arma), *husband* (marido) e *Thursday* (quinta-feira).

Embora o objeto tenha sido inventado séculos após a invasão dos vikings, a palavra *gun* (arma) é derivada dessa época. *Gun* é originado do substantivo feminino *Gunhildr*, junção das palavras do Nórdico Antigo *gunnr* e *hildr*, ambas significando *batalha*. Com o passar do tempo, *gunhildr* foi aceita como nome para a arma, depois encurtada para *gunne* até virar *gun* (BAKER, 2011). A partir disso, essa palavra começou a se proliferar em várias expressões. Um exemplo é *jumping the gun*, isto é, começar a fazer alguma coisa com pressa ou sem estar devidamente preparado; essa expressão é derivada de corridas a pé se referindo aos participantes que começavam a correr antes de ouvirem o disparo da arma (FLAVELL; FLAVELL, 1992). Há também a possibilidade de que você esteja resoluto sobre como se portar diante de determinada situação mesmo diante de alguma dificuldade, o que faz com que você *stick to your guns* — literalmente, é um comandante que está determinado a manter sua posição em face de um ataque inimigo; figurativamente, datando do livro *Thousand a Year* de 1839 de Samuel Warren, é alguém que não quer mudar seu plano de ação (FUNK, 1993). Outra expressão é *shotgun wedding*, um casamento (*wedding*) em que o pai da noiva, com a ajuda de uma espingarda (*shotgun*), força o noivo a se casar com ela por tê-la engravidado, coisa que pode ou não ter acontecido no passado, mas que a partir de 1925 passou a significar um casamento em consequência de uma gravidez (HENDRICKSON, 2007).

A palavra *husband* (marido) vem de *husbondi*, o mestre da casa, que em Inglês Antigo virou *husbonda*, o encarregado da agricultura e da gestão dos assuntos e eventos da casa (HELICON PUBLISHING, 2006). *Husbondi* é composto de duas palavras: *hus* (casa) e *bondi* (o homem que tem terras e gado), que por sua vez vem do verbo *boa* (viver, morar, ter uma casa) (HELICON PUBLISHING, 2006). Quando os invasores começaram a se estabelecer na Inglaterra e se casar com mulheres anglo-saxônicas, era comum que elas se referissem a eles em Nórdico Antigo e que eles se referissem a elas em Inglês Antigo — assim, *wif* (mulher, esposa) sobreviveu na língua e transformou-se em *wife* ao invés do feminino de *husbondi*, *husbonde*, que teria a mesma pronúncia de *husband* caso tivesse sido carregada até os dias de hoje (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004).

*Thursday* é o dia do deus mais famoso da mitologia nórdica: Thor. O deus dos trovões era conhecido como Thunor (trovão) ou Thurr em Inglês Antigo e Thorr em

Nórdico Antigo. Quando a semana romana foi adotada pelos germânicos, o Dies Jovis (*Jupiter's day*, dia de Júpiter) foi renomeado para *Thunresdæg*<sup>94</sup> (*Thunder's day*, dia dos trovões) em homenagem à Thor, ao invés de Odin, que seria o equivalente mais próximo de Júpiter (FUNK, 1993). A assimilação de Thor e Júpiter dá-se tanto pelo fato de ambos os deuses manipularem os trovões quanto pela adoração dos povos germânicos por Thor — ele era visto como o deus da agricultura, além de ser amigo daqueles que ajudava, protegendo-os de doenças e de espíritos ruins. Como no Inglês Antigo Thor apresentava dois nomes, às vezes quinta-feira era escrita como *Thursdæg* ou como *Thunresdæg*. No entanto, foi *Thursdæg* que sobreviveu e acabou virando *Thursday*.

### 3.2. O ano de 1066

Esse é considerado um dos anos mais importantes na história do inglês, pois começa a transição do Inglês Antigo para o Inglês Médio e é responsável pelo ‘afrancesamento’ da língua inglesa. Seguindo as ordens de Guilherme, o Conquistador depois da invasão, o francês anglo-normando foi coroado como a nova língua da nobreza, da literatura, do direito e da administração, por mais de 300 anos, influência essa que deixou sua marca permanente na língua inglesa. No entanto, os camponeses e as classes mais baixas continuaram a falar inglês, o que fez com que houvesse, no mínimo, duas palavras diferentes para cada coisa. É por isso que no inglês atual geralmente as palavras consideradas mais formais e requintadas (e que são mais semelhantes ao português) originam-se dessa época, mostrando tanto o prestígio dado à língua francesa quanto essa divisão entre o povo e a nobreza<sup>95</sup>. Do legado linguístico deixado por essa data, podemos assinalar *beef* (carne de boi e vaca), *pork* (carne de porco), *money* (dinheiro) e, possivelmente, *war* (guerra).

A palavra *beef*, assim como *pork* e qualquer outra palavra usada para se referir à carne de um animal, como *mutton* (carne de carneiro) e *veal* (carne de veado), é mais um dos exemplos da divisão entre as classes no tempo do reinado dos Anglo-Saxões. Quando os servos levavam a carne cozida para os nobres, o animal que os ingleses conheciam como *cū*, hoje *cow* (vaca), era chamado de *buef*, que acabou se tornando *beef*, quando servido à nobreza. Assim, a distinção que existe no inglês entre o animal vivo e sua carne cozida originou-se aqui. O que é interessante, no entanto, é que, etimologicamente falando, tanto *cow* quanto *beef* são a mesma palavra — sua raiz indo-europeia é *g<sup>w</sup>ōws*, que também significa vaca e deu origem à *cū* no Inglês Antigo e à *bōs*

---

<sup>94</sup> Analogicamente, há teólogos que acreditam que outros dias da semana (*Friday*, *Tuesday* e *Wednesday*), também podem ser relacionados com deuses da mitologia nórdica, mas essa não é uma opinião unânime.

<sup>95</sup> MERRIAM-WEBSTER. *How English got Frenchified: Watch as history and linguistics collide*. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/norman-conquest-new-english-words/the-norman-conquest>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

no latim, que mais tarde se transformou em *buef* no Francês Antigo (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004). *Pork*, por sua vez, não é parente de *swine* (porco), que tem raiz no protoindo-europeu *sū-*, ou *pig* (porco), do Inglês Antigo *picga*, mas vem do protoindo-europeu *pórkos*, que foi para o Latim como *porcus* e desenvolveu-se no Francês Antigo como *porc* (MERRIAM-WEBSTER, 1991).

Base do capitalismo, a palavra *money* tem origem no latim *monēta* e também foi carregada até a língua inglesa através do Francês Antigo. Um dos epítetos da deusa romana Juno, a padroeira do casamento e do parto e protetora de jovens donzelas, o significado *monēta* não é conhecido (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004), mas especula-se que venha do verbo *monere* (avisar, advertir), já que Juno era conhecida por avisar aos romanos sobre qualquer perigo iminente (BAKER, 2011). Devido a isso, um templo para Juno foi criado no monte Capitolino. Curiosamente, a casa da moeda de Roma (*Roman's mint*) era adjacente ao templo e, ao passar do tempo, *monēta* virou sinônimo com a casa e com o próprio dinheiro. Transformado em *monete* e levado para o Francês antigo com esse sentido de dinheiro, a palavra logo entrou para o vocabulário inglês nos anos seguintes à invasão (BAKER, 2011). Outra palavra que *monēta* originou foi *mint*, com o significado de casa da moeda, mas que entrou no Inglês Antigo através das línguas germânicas na forma de *mynet* (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004).

A última palavra, *war*, passou por várias mudanças antes de conseguir chegar até a língua inglesa. A raiz protoindo-europeia dessa palavra, *wers-*, com o significado de confundir, embaralhar, deu origem a várias palavras que se referiam a diferentes tipos de confusão na parte germânica dessa família de línguas. Uma dessas palavras foi *werza*, um substantivo com o significado de confusão, que entrou para o Francês Antigo como *werre*, mais usado no Norte e com ligações ao Franco *werra*, e *guerre*, usado no restante do país, já significando guerra. Dessas duas, foi *werre* que entrou mais tarde nos estágios finais da transição do Inglês Médio e no Inglês Antigo (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004). Quando já estabelecida no Inglês Moderno, *war* deu origem a expressões como: *civil war* (guerra civil), registrada pela primeira vez em 1861 (HENDRICKSON, 2007); *cold war* (guerra fria), do livro de Walter Lippmann, *The Cold War, a study of American-Soviet relations*, de 1947 (HENDRICKSON, 2007); e *spoils of war* (espólios de guerra), que tem origem no Latim *spolium*, referindo-se a pele tirada de um animal, e significa qualquer coisa que foi tomada de um país após sua perda na guerra (HENDRICKSON, 2007).

### 3.3. William Shakespeare

Possivelmente um dos dramaturgos mais famosos de todos os tempos, William Shakespeare (1564-1616) ajudou a padronizar a escrita e a gramática, que não era muito uniformizada antes disso, e a aumentar o vocabulário da língua inglesa. Além de introduzir em torno de 1.700 palavras originais na língua, Shakespeare reviveu o uso dos sufixos e prefixos e boa parte de suas contribuições foram incorporadas ao dicionário de Samuel Johnson, *A Dictionary of the English Language*, de 1755<sup>96</sup>. Em concordância com sua escrita, as palavras e expressões originárias e popularizadas pelo poeta são cheias de vivacidade e misticismo: *gossip* (fofoca, fofocar), *wear one's heart upon one's sleeve* (algo como 'deixar as emoções na cara' em português) e *weird* (estranho, esquisito).

Usada principalmente como um substantivo nos tempos de Shakespeare, a palavra *gossip* não foi inventada pelo poeta, mas ganhou seu significado como verbo e sua popularidade como substantivo por causa dele. As origens dessa palavra são bem curiosas, principalmente por não ter relação alguma com o significado que carrega hoje. No Inglês Antigo existia a palavra *sibb* (parentesco), que mais tarde viria e gerar a palavra *sibling* (irmão) e no século XI ganharia o prefixo *god* (deus), virando *gosibb* e referindo-se às pessoas que estavam espiritualmente conectadas a outras através do batismo, como um padrinho e seu afilhado. Como eles eram *gosibb*, isso permitia que pudessem conversar entre si sobre a família que tinham em comum e, conseqüentemente, seus membros (FUNK, 1993). Quando o século XIV chegou, devido às mudanças fonéticas e na escrita, *gosibb* perdeu um *b* e virou *gossib* para depois tornar-se *gossip*. Junto com essas mudanças, o significado também entrou em curso de mudança — enquanto manteve ainda se referia a um padrinho ou uma madrinha, essa palavra também começou a ser associada às pessoas que conversavam acerca de rumores, conversa fiada e fofocas. Foi na peça *Titus Andronicus*, de Shakespeare, que *gossip* ganhou sua conotação negativa e foi ligada ao comportamento feminino: “*Shall she live to betray this guilt of ours—A long-tongued babbling gossip?*” (SHAKESPEARE, s.d.)<sup>97</sup>.

Em *Otelo* temos outra palavra mudada e popularizada pelo poeta; dessa vez é a expressão *wear one's heart upon one's sleeve*, referindo-se ao ato de mostrar nossas emoções mais íntimas de uma maneira honesta e sem receios. Na peça, foi Iago o responsável por demonstrar suas emoções de tal maneira quando se referia ao seu mestre Otelo:

*For when my outward action doth demonstrate  
The native act and figure of my heart  
In compliment extern, 'tis not long after  
But I will wear my heart upon my sleeve  
For daws to peck at. I am not what I am.*

---

<sup>96</sup> Uma versão digital desse dicionário pode ser consultada em <https://johnsonsdictionaryonline.com/>

<sup>97</sup> Iríamos deixá-la viva, para revelar nossa falta? Uma comadre faladora como ela? (SHAKESPEARE, 2005a, Cena II, s.p.).

Embora não haja uma origem definida para essa expressão, ela já estava em uso nos tempos de Shakespeare, mas na forma da frase *pin (a thing) upon one's sleeve*. O poeta, inclusive, usou essa forma na peça *Love's Labor's Lost*, de 1598, antes de adaptá-la para *wear one's heart upon one's sleeve* mais tarde (FUNK, 1993).

*Weird* é uma palavra bem antiga, oriunda tanto do Inglês Antigo *wyrd*, da raiz indo-europeia *wert*– com o significado de destino, quanto da tradução de moiras, as três deusas que decidem o destino de cada um, feita pelos anglo-saxões (MERRIAM-WEBSTER, 1991). No Inglês Médio, *wyrd* já tinha virado *werd*, mas ainda era usado como um substantivo que fazia referência às três deusas. Foi somente com *Macbeth* que o uso mudou, pois Shakespeare se referiu às moiras como *weird sisters*, empregando *weird* como adjetivo, que é como usamos essa palavra nos dias de hoje. Um fato interessante é que foi somente devido ao prestígio que Shakespeare gozava que esse uso de *weird* como algo mágico, estranho e fantástico conseguiu sobreviver ao tempo, já que os poetas e escritores do século XIX continuaram usando a palavra dessa maneira (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004).

Outras colaborações de Shakespeare para a língua inglesa incluem *the green-eyed monster* (referindo-se à inveja), *be in a pickle* (aludindo a encontrar-se em uma situação difícil), *love is blind* ('o amor é cego') e *wild goose chase* (que concerne uma busca infrutífera) (MERRIAM-WEBSTER, s.d.).

### 3.4. O inglês americano

Introduzida no século XVII no continente norte-americano por colonizadores britânicos, a língua inglesa passou por diversos processos linguísticos com a ajuda generosa de colonos de outros países e dos próprios povos nativos, que acabaram por uniformizar a pronúncia, vocabulário e gramática de maneira bastante distinta do inglês britânico. Dada as relações um tanto quanto instáveis entre Estados Unidos e Inglaterra naquela época, os ingleses se sentiram afrontados pelo nacionalismo crescente dos americanos e sua tendência de quererem se diferenciar completamente do inglês britânico. Para adicionar sal à ferida, devido ao imenso prestígio e uso do inglês americano, os ingleses se viram fazendo cada vez mais empréstimos de palavras

---

<sup>98</sup> Se as mostras exteriores de meus atos me traduzissem os motivos próprios do coração em traços manifestos, carregaria o coração na manga, para atirá-lo às galhas. Ficaí certo: não sou o que sou. (SHAKESPEARE, 2017, p.3).

americanas, algumas que já até tinham caído em desuso no país. Dentre as palavras mais recorrentes, encontramos *deadline* (prazo de entrega), *ok* e *poker face* (cara de paisagem).

A história por trás da palavra *deadline* é um tanto quanto sangrenta. Criada para se referir a uma linha de aproximadamente 5 metros de diâmetro ao redor de campos de concentração nos tempos da guerra civil americana, essa palavra tem origem nos anos 1860, no campo de prisioneiros d'A Confederação em Andersonville, na Geórgia (BAKER, 2011). Se algum prisioneiro ultrapassasse essa linha (*line*), os guardas tinham ordens de atirar e eles seriam obviamente mortos (*dead*) (HELICON PUBLISHING, 2006). Com o decorrer do tempo, repórteres e editores de jornais começaram a usar o termo no sentido atual da palavra, criando também a expressão *meet the deadline*, para se referir a uma tarefa que deve ser concluída até certa data — se uma história não estivesse completa até o tempo estipulado, ela estaria efetivamente ‘morta’ para a edição em publicação (HENDRICKSON, 2007).

O americanismo mais famoso do mundo, *ok*, tem uma etimologia bastante confusa e se não fosse por Allen Walker Read, nunca realmente saberíamos de onde apareceu (MERRIAM-WEBSTER, 1991). Para entender um pouco melhor, precisamos voltar para os anos 1830 em Boston, Massachusetts. Durante essa época, um hábito bem descontraído dos jornais era de reduzir uma frase às suas iniciais e fornecer uma explicação entre parênteses e, às vezes, essas abreviações eram impressas incorretamente para fazer uma piada. Assim, em março de 1839, *all correct* (tudo correto) foi reduzido a *O.K.* — a piada é que nem o *O* nem o *K* são as iniciais corretas, transformando a expressão em *oll korrect* (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004). Similarmente, o *A.R.* de *all right* (tudo certo) transformou-se em *O.W.* (*oll wright*) e o *N.G.* de *no go* (proibido, inútil) virou *K.G.*. No entanto, a sobrevivência de *O.K.* se dá devido à política, mais especificamente à campanha de eleição do Presidente Martin Van Buren em 1840. Apelidado de Old Kinderhook, o Presidente utilizou a sigla em seu slogan (*[...] to make all things O.K.*, que pode ser entendido como ‘fazer com que tudo se endireite através da reeleição do Presidente’) (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004, p.198), uma estratégia de marketing que se mostrou tanto perspicaz quanto um sucesso absoluto. Com o tempo, *O.K.* perdeu os pontos e virou um substantivo.

Usada para fazer referência a um rosto inexpressivo, que não permite que emoções transpareçam, *poker face* está em uso documentado desde 1885 (FLAVELL; FLAVELL, 1992) e origina-se, obviamente, do jogo de pôquer, onde o blefe é uma parte essencial. O nome do jogo em si vem do francês *poque*, jogado com três cartas, enquanto que as regras são uma mistura desse e do jogo persa As Nas, com cinco cartas. A primeira vez que o jogo é mencionado é por volta de 1834, embora se acredite que ele tenha existido pelo menos uma década antes (HENDRICKSON, 2007).

### 3.5. A internet

Um das invenções mais revolucionárias na história da humanidade, a criação e o subsequente desenvolvimento da internet impulsionaram ainda mais a globalização e permitiram que as línguas se expandissem cada vez mais rapidamente — e isso é uma verdade absoluta para a língua inglesa, que se viu no ‘olho do furacão’ de termos atrás de termos sendo criados para acomodar essa nova realidade. Dentre as palavras mais habituais e com origens mais desopilantes estão *spam* e *trolling*.

A origem de *spam*, palavra que se refere àqueles e-mails ou mensagens de fontes indesejadas ou desconhecidas, envolve muita carne enlatada e Monty Python, ou seja, é um tanto quanto absurda. Em 1970, no último episódio da série televisiva *Monty Python's Flying Circus*, um esquete sobre uma garçonete descrevendo o cardápio para dois clientes foi ao ar e, à medida que a garçonete fala sobre os pratos, há um uso crescente e alarmante de SPAM, uma marca de carne enlatada distribuída pela Hormel Foods Corporation (HENDRICKSON, 2007). A fala da garçonete<sup>99</sup> é reproduzida a seguir:

*Well, there's egg and bacon; egg sausage and bacon; egg and spam; egg bacon and spam; egg bacon sausage and spam; spam bacon sausage and spam; spam egg spam spam bacon and spam; spam sausage spam spam bacon spam tomato and spam...*  
(CRYSTAL, 2006, p. 57)<sup>100</sup>

Com o passar do tempo, o termo começou a ser aplicado aos casos em que uma única mensagem é enviada a uma lista de e-mails, criando *junk-mail*, lixo eletrônico referente à publicidade indesejada ou material promocional recebido através do correio e/ou e-mail. Mais à frente, a expressão veio a se relacionar com o inverso, ou seja, o ato de várias pessoas mandarem inúmeras mensagens à um só endereço ou indivíduo (CRYSTAL, 2006).

Um incômodo similar ao de receber spam ou ser *spammed* é o de ter que lidar com *trolling*, o envio de uma mensagem por um indivíduo (o *troll*) com o único objetivo de causar irritação a outros, como os membros de um grupo de um *chat*, por exemplo, e atrapalhar uma conversa. Falou-se muito sobre as intenções e quais razões estariam por trás da existência de um *troll*, mas tudo o que se sabe concretamente até agora é que existem muitas formas diferentes de *trolling*, que podem tomar a forma de uma pergunta ‘inocente’ ou uma declaração controversa. A expressão vem de uma junção do uso dessa

---

<sup>99</sup> Esse trecho do episódio pode ser visualizado em: <https://www.dailymotion.com/video/x2hwqlw>.

<sup>100</sup> Bem, tem ovo e bacon; salsicha e bacon com ovo; ovo e carne enlatada; bacon com ovo e carne enlatada; salsicha com bacon e ovo; carne enlatada, salsicha com bacon e carne enlatada; carne enlatada, ovo, carne enlatada, carne enlatada, bacon e carne enlatada; carne enlatada, salsicha, carne enlatada, carne enlatada, bacon, carne enlatada, tomate e carne enlatada. (nossa tradução)

palavra na prática da pescaria, em que se refere ao arrastar de um anzol para ver o que o morde, e do imaginário dos trolls da mitologia escandinava (CRYSTAL, 2006). Na internet, e até mesmo no mundo real, o anzol é a informação errada que foi deliberadamente jogada em uma conversa para ver quem é ‘iscado’.

### **Considerações finais**

Sendo este um artigo com alicerces em uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, partimos de dois objetivos a fim de produzir mini-roteiros, e consequentemente vídeos, para divulgação científica: identificar as diferentes áreas do conhecimento e os diferentes marcos históricos e culturais na língua inglesa e investigar as origens de palavras e expressões em uso corrente que deles se originaram. Com o segundo objetivo em mente, a escolha das palavras apresentadas aqui fez-se pensando em maneiras interessantes e descontraídas de propagar o conhecimento acadêmico para as massas para que a importância do conhecimento da ‘bagagem’ sócio-histórica do léxico da língua inglesa pudesse ser difundida.

### **Referências**

AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES. **Word Histories and Mysteries: From Abracadabra to Zeus.** Boston: Houghton Mifflin Company, 2004.

BAKER, R. **In a Word: 750 Words and Their Fascinating Stories and Origin.** Cambridge: Carus Publishing Company, 2011.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano.** Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, J.-P. **O Agir nos Discursos: Das Concepções Teóricas às Concepções dos Trabalhadores.** Campinas: Mercado de Letras, 2008.

CRESWELL, J.W. **Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Method Approaches.** 2nd edition. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2003.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet.** 2<sup>nd</sup> ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

DORNYEY, Z. **Research Methods in Applied Linguistics: Qualitative, Quantitative and Mixed Methodologies.** Oxford: Oxford University Press, 2007.

DURKIN, P. **The Oxford Guide to Etymology.** Oxford: Oxford University Press, 2009.

FLAVELL, L.; FLAVELL, R. **Dictionary of Idioms and Their Origins.** London: Kyle Cathie Limited, 1992.

FUNK, C.E. **2017 Curious Word Origins, Sayings & Expressions: From White Elephants to a Song & Dance.** 1<sup>st</sup> ed. New York: Galahad Books, 1993.

HELICON PUBLISHING. **The Hutchinson Dictionary of Word Origins.** Abingdon: Helicon Publishing, 2006.

HENDRICKSON, R. **The Facts on File Encyclopedia of Words and Phrases Origins: Definition and Origins of More Than 15,000 Words and Expressions.** 4<sup>th</sup> ed. New York: Facts On File, 2007.

HOGG, R.; DANISON, D. **A History of the English Language.** New York: Cambridge University Press, 2006.

HUGHES, G. A History of the English Lexicon. In: MOMMA, H.; MATTO, M. (Eds.) **A Companion to the History of the English Language.** New York: Blackwell Publishing Ltd, 2008. p. 69-80.

KNOWLES, G. **A Cultural History of the English Language.** 4<sup>th</sup> ed. London: Hodder Headline Group, 1999.

LIBERMAN, A. **Word Origins... and How We Know Them: Etymology for Everyone.** New York: Oxford University Press, 2009.

LIPPMANN, W. **The Cold War: a study of American-Soviet relations.** New York: Harper, 1947.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster's Book of Word Histories.** Springfield: Merriam-Webster, Incorporated, 1991.

MERRIAM-WEBSTER. (s.d.). **Where the “Green-Eyed Monster” Comes From**. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/top-10-phrases-from-shakespeare>. Acesso em 15 fev. 2018,

QUEVEDO-CAMARGO, G. **Avaliar Formando e Formar Avaliando o (Futuro) Professor de Língua Inglesa**: elementos para um Construto. 2011. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). 360f. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

SHAKESPEARE, W. **Tito Andrônico**. 2000. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/andronico.html>. Acesso em: 9 Jun. 2018.

SHAKESPEARE, W. **Titus Andronicus**. S.d. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/titus/full.html>. Acesso em: 9 Jun. 2018.

SHAKESPEARE, W. **Othello**: The Moor of Vernice. St. Paul, Minnesota: EMC/Paradigm Publishing, 2005. 301 p. ISBN 0-8219-2956-9. Disponível em: <https://www.emcp.com/previews/AccessEditions/ACCESS%20EDITIONS/Othello.pdf>. Acesso em: 9 Jun. 2018.

SHAKESPEARE, W. **Otelo**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. 1. ed. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2017. 153 p. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=89144>. Acesso em: 9 Jun. 2018.

TRASK, R.L.L. **Why Do Languages Change?**. New York: Cambridge University Press, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.